

Ratio Institutionis Vitae Carmelitanae

FORMAÇÃO PARA O CARMELO:

UM ITINERÁRIO

DE TRANSFORMAÇÃO

Ratio Institutionis Vitae Carmelitanae

FORMAÇÃO PARA O CARMELO:

UM ITINERÁRIO

DE TRANSFORMAÇÃO



*CÚRIA GERAL DOS CARMELITAS
ROMA 2000*



PRIORE GENERALE DEI
CARMELITANI
VIA GIOVANNI LANÇA, 138
00184 ROMA- ITALIA

25 de Março de 2000
Solenidade da Anunciação do Senhor
Prot. N° 14/2000

Estimados irmãos:

É com grande alegria que vos apresento a nova *Ratio Institutionis Vitæ Carmelitanæ*. A *Ratio* foi, desde 1988, um documento fundamental para a formação em toda a Ordem. Foi necessária a sua actualização, depois da publicação de vários documentos pontifícios sobre a vida consagrada e da aprovação das nossas novas Constituições. Quero agradecer a todos os que colaboraram na redacção da nossa nova *Ratio*, que o Conselho Geral, na sessão n° 238, de hoje, 25 de Março de 2000, aprovou, dando as indicações para a sua publicação.

O título “Um itinerário de transformação” descreve o fio condutor do processo da formação. A pessoa que se sente chamada ao Carmelo empreende um caminho de fé, a exemplo dos nossos modelos, Maria e Elias. Gradualmente, durante toda a vida, o Carmelita, aceitando a vontade de Deus, muda não só exteriormente, mas é transformado a todos os níveis da sua personalidade. Assim, o Carmelita conforma-se com Cristo e chega a ser n’Ele uma nova criatura.

No caminho espiritual, a fé, esperança e caridade são purificadas através dos acontecimentos da vida diária e da nossa resposta a eles. Somos chamados a caminhar juntos como irmãos e a servir o povo no meio do qual vivemos.

Edição:

Comissariado Geral da Ordem do Carmo em Portugal
(PARA USO INTERNO DA ORDEM)

Tradução Portuguesa:

Fr. Manuel Ribeiro de Freitas, O. Carm.

Para permanecer fiéis a esta missão precisamos do forte suporte da oração, mediante a qual entramos em relação com Deus e aprendemos a assumir os sentimentos de Cristo.

O processo formativo dura toda a vida e segue um trajecto nem sempre linear. As alegrias e dificuldades da vida serão formativas se tentarmos discernir, em cada uma delas, a mão de Deus. Através da oração contínua começamos a sentir a voz de Deus no som do silêncio absoluto e somos renovados na nossa missão de Irmãos da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo no meio do povo.

A Ratio não se dirige apenas à formação inicial, mas também à permanente. Portanto, exorto veementemente cada um dos irmãos a ler com frequência a nossa Ratio, porque juntamente com a Regra e as Constituições, ela descreve a finalidade da vida carmelita. Somos companheiros no caminho espiritual e devemos apoiar-nos, enquanto somos lentamente transformados, para que possamos ver o mundo com os olhos de Deus e amá-lo com o seu coração.

Nossa Senhora do Carmo, nossa mãe e irmã, nos acompanhe a todos no caminho da fé e nos ensine a fazer tudo o que o Senhor nos diz (cfr. Jo. 2, 5).

Fraternalmente,

Joseph Chalmers O. Carm.

*Joseph Chalmers, O. Carm.
Prior Geral*

APRESENTAÇÃO

Em 1988, a Ordem publicou a sua primeira Ratio Institutionis (RIVC) depois da renovação proposta pelo Concílio Ecuménico Vaticano II. Este documento foi o fruto de um longo e laborioso repetir de consultas, reuniões e revisões nas quais participou a maior parte dos estudiosos e formadores da Ordem.

Não acho exagerado afirmar que a RIVC de 1988 foi o melhor documento que a Ordem produziu, depois do Vaticano II. De facto, estou convencido que ele marca uma vertente na compreensão e apresentação do nosso carisma. Pela primeira vez, o carisma estava oficialmente delineado nos três elementos de contemplação, fraternidade e serviço, ao mesmo tempo que se intuía que havia alguma coisa mais fundamental, um elemento unificante que era descrito como a experiência do deserto. Esta apresentação do carisma exposta na RIVC foi gradualmente aceite na Ordem, até dar vida e conteúdo às Constituições aprovadas no Capítulo Geral de 1995.

*Ao mesmo tempo, para além das nossas Constituições, foram publicados diversos documentos importantes da Igreja que tornaram necessária a revisão da RIVC, de resto já prevista na própria RIVC (n.º 133) e prescrita pelas Constituições (n.º 129). Em 1990, veio à luz o documento sobre a formação nos institutos religiosos *Potissimum Institutioni*. Em Fevereiro de 1994, a Congregação para os Institutos de vida consagrada e Sociedades de vida apostólica publicou o documento *A vida fraterna em comunidade*. O Sínodo sobre a vida consagrada, em Outubro de 1994, ofereceu uma reflexão posterior, elaborada na exortação apostólica *Vita Consecrata* (1996).*

Uma das primeiras preocupações do Prior Geral, Pe. Joseph Chalmers, imediatamente depois do Capítulo Geral de 1995, foi a revisão da RIVC. Esta tarefa foi confiada ao abaixo assinado, como Conselheiro Geral para a formação. Para me ajudar a levar a bom termo esta tarefa ao serviço da Ordem, o Conselho Geral nomeou uma comissão internacional de formação, com um representante de cada uma das seguintes áreas geográficas: América Setentrional (David McEvoy – PCM), América Latina (Tarcísio M^a Gotay – Arago-Valentina), Europa Setentrional (Christian Körner – Alemanha Superior), Europa Mediterrânea (Domenico Lombardo – Bruna – durante os primeiros anos, e, depois, Giovanni Grosso – Itália), África (Jean Marie D’Undj – Ita/Con) e Ásia-Austrália (Dionysius Kosasih – Índia).

O itinerário seguido pela referida comissão para a revisão da RIVC foi o seguinte:

- Cada representante regional organizou, durante dois anos consecutivos, um encontro dos formadores da sua região para estudar a RIVC, sugerindo mudanças e melhoramentos do texto.
- A comissão internacional reuniu-se, depois, para estudar estas sugestões e adoptar as decisões necessárias.
- A comissão encarregou três dos seus membros de redigir o novo texto: Giovanni Grosso, Christian Körner e eu.
- O primeiro rascunho da primeira parte foi enviado a todos os provinciais e formadores, em Abril de 1998. Com as sugestões que nos chegaram, elaborámos um segundo rascunho, enviado aos mesmos nos primeiros meses de 1999. Em Junho de 1999 terminámos o primeiro rascunho da segunda e terceira parte.

Na Congregação Geral realizada em Bamberg (Alemanha), de 24 de Agosto a 3 de Setembro de 1999, apresentei o rascunho da nova RIVC. Os participantes, discutindo-o em pequenos grupos, deram possíveis sugestões para a melho-

rar.

- Os formadores, por seu turno, tiveram a possibilidade de formular sugestões para as duas últimas partes e de estudar o documento completo no congresso internacional organizado para este fim em San Felice del Benaco (Itália), de 28 de Setembro a 5 de Outubro de 1999.
- A comissão internacional de formação reuniu-se em Roma, imediatamente depois, para avaliar todas as sugestões que tinham chegado.
- A subcomissão para a redacção do texto reuniu-se pela última vez, em Dezembro de 1999, e redigiu o texto definitivo para o apresentar ao Pe. Geral e ao seu Conselho, para ser aprovado. Nesta altura, valemo-nos da colaboração de Günter Benker (Alemanha Superior). O índice analítico foi feito por Christian Körner.

Na elaboração do novo documento, a subcomissão teve como texto base a RIVC de 1988, tentando conservar, tanto quanto possível, a estrutura e o conteúdo. Do mesmo modo, tentou, ao mesmo tempo, dar um passo ulterior na clarificação do nosso carisma. Além disso, ao rever o texto de 1988, a subcomissão usou os critérios seguintes:

- Teve presente o caminho da Igreja e da Ordem, desde 1988 até aos nossos dias, bem como os novos documentos emanados a nível eclesial e carmelita;
- Teve em conta a experiência e os intercâmbios havidos entre formadores, sobretudo nos encontros regionais e no congresso internacional;
- Considerou as sugestões formuladas durante a Congregação Geral de Bamberg;
- Mantendo, inclusivamente, os princípios antropológicos e psicológicos da RIVC de 1988, tentou enquadrá-los melhor num contexto teológico-espiritual;
- Tentou usar uma linguagem e um estilo mais pedagógi-

cos;

- Tentou um certo equilíbrio entre as diversas sensibilidades presentes na Ordem.

Comparado com a RIVC de 1988, o novo documento apresenta duas novidades significativas: a) a reelaboração em função da formação da apresentação do carisma, que na RIVC de 1988 constituía um capítulo separado (cfr. RIVC 1988, I. Dom e missão da Ordem, 7-34); b) um “Programa de estudos carmelitas” (a terceira parte da nova RIVC), nascido da exigência de um conhecimento mais profundo do carisma e da tradição carmelitas.

No sexénio precedente circulava a ideia da publicação de uma *Ratio Studiorum Carmelitarum*. A nossa comissão internacional de formação decidiu, quase desde o início da sua actividade, não publicar um segundo documento, mas incluir a *Ratio Studiorum* na *Ratio Institutionis*. Temos consciência de que esta empresa é só uma primeira tentativa que, a partir da experiência realizada na nova RIVC, será enriquecida numa revisão posterior. A finalidade deste “Programa de estudos carmelitas” pretende assegurar que todos os irmãos em formação inicial, em qualquer parte da Ordem, recebam todos os elementos fundamentais de uma sólida formação carmelita. Evidentemente que cada província deverá adaptar o programa à sua situação concreta, sublinhando alguns aspectos e acrescentando outros.

Quero esclarecer que este documento não foi escrito exclusivamente para os formadores e formandos, mas também com a esperança de que sirva de instrumento de formação permanente para todos nós, já que estamos ainda em caminho para um ideal nunca plenamente conseguido. Esta intenção é evidente quer na estrutura do documento quer na exposição dos temas. Com este propósito enquadrámos o processo completo formativo no horizonte do nosso caminho de

transformação que dura toda a vida e tem sempre necessidade de ser mantido com uma formação adequada.

A minha maior satisfação, ao preparar a nova RIVC, foi ter podido comprometer a maior parte dos nossos formadores e muitos outros irmãos na sua redacção. Devo dizer que a nova RIVC não reflecte apenas o pensar da pequena subcomissão que a redigiu, mas o de todos os irmãos actualmente ocupados no ministério da formação na Ordem. Agradeço do coração aos membros da comissão internacional e a todos aqueles que de algum modo colaboraram. Quero agradecer de um modo particular aos meus mais directos colaboradores, Giovanni Grosso e Christian Körner, que nos últimos três anos dedicaram grande parte do seu tempo à redacção da nova RIVC.

Confiando o nosso trabalho a Maria, nossa mãe e irmã, desejo e peço que a nova RIVC nos ajude a descobrir a beleza do nosso chamamento e nos estimule a abrir-nos cada vez mais à acção transformadora de Deus no nosso itinerário em direcção ao cume do monte.

20 de Março de 2000

Alexander Vella, O. Carm.
Conselheiro Geral
Delegado para a Formação

ABREVIATURAS

Documentos do Concílio Vaticano II

AG: Decreto *Ad gentes* sobre a actividade missionária da Igreja, 28 de Outubro de 1965.

GS: Constituição pastoral *Gaudium et spes* sobre a Igreja no mundo contemporâneo, 7 de Dezembro de 1965.

LG: Constituição dogmática *Lumen gentium* sobre a Igreja, 21 de Novembro de 1964.

Documentos da Santa Sé

CIC: CÓDIGO DE DIREITO CANÓNIO

EE: CONGREGAÇÃO PARA OS RELIGIOSOS E INSTITUTOS SECULARES, Documento *Elementos essenciais do ensino da Igreja sobre os institutos dedicados ao apostolado*, 31 de Maio de 1983.

A colaboração: CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Instrução A colaboração inter-institutos para a formação*, 8 de Dezembro de 1998.

MR: CONGREGAÇÃO PARA OS BISPOS E CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, Documento *Mutuae relationes*, 14 de Maio de 1978.

PdV: JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis*, 25 de Maio de 1992.

PI: CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Instrução Potissimum institutioni* sobre a formação dos religiosos, 2 de Fevereiro de 1990.

VC: JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Vita consecrata*, 25 de Março de 1996

Vida fraterna: CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Instrução A vida fraterna em comunidade*, 2 de Fevereiro de 1994.

Documentos da Ordem Carmelita

Const.: *Constituições da Ordem dos Irmãos da Bemaventurada Virgem Maria do Monte Carmelo*, aprovadas pelo Capítulo Geral celebrado em Sassone (Roma), no ano de 1995, Roma, 1996.

O Carmelo: um lugar, um caminho: CAPÍTULO GERAL, O. CARM. 1995, Documento final. *O Carmelo, um caminho para o terceiro milénio*, em *AnalOCarm*, Roma 1995, 251-265.

Regra: Regra dos Irmãos da Bemaventurada Virgem Maria do Monte Carmelo.

RIVC (1988): *Ratio institutionis vitae carmelitanæ*, Roma, 1988.

Outras Siglas

AAS: *Acta Apostolicæ Sedis*, Città del Vaticano, desde 1909.

AnalOCarm: *Analecta Ordinis Carmelitarum*, Romae, desde 1910.

«A “viagem”, também biblicamente chamada “caminho”, traz à mente a “peregrinatio hierosolymitana” dos nossos pais a caminho de Jerusalém e o seu regresso forçado à Europa. O símbolo indica também o itinerário espiritual e recorda a exigência da busca de Deus, a purificação mediante a experiência do deserto e da noite escura, o discernimento com os nossos conterrâneos e contemporâneos. O caminho, além disso, compromete-nos a formular e actuar um projecto de missão e de serviço eclesial, nas diversas formas de diaconia, na solidariedade e compromisso pela justiça e a paz, com todas as mulheres e homens de boa vontade, na comunhão com todos os que caminham na busca da fraternidade e do amor».

O Carmelo: um lugar, um caminho, 3.5

INTRODUÇÃO

1. Chamados à comunhão com Deus

Deus «amou-nos primeiro»¹ e chamou-nos a participar na comunhão trinitária. Fazendo a experiência do seu amor, reconhecemos o seu chamamento. Movidos pelo Espírito, escutamos a Palavra de Cristo, que é o Caminho que nos conduz à Vida. Seguindo as suas pegadas, pomo-nos a caminho, confiantes no amor misericordioso de Deus, em direcção ao cume do Monte Carmelo, lugar do encontro com Deus e da transformação n’Ele.

No nosso caminho para o Monte, Deus conduz-nos ao deserto, como fez com o Profeta Elias. Ali, a chama viva do amor de Deus transforma-nos, tirando-nos tudo o que não é seu e tudo o que obscurece o seu dom. Ela faz emergir e resplandecer em nós o homem novo à imagem de Cristo.

Assim, a nossa mente e o nosso coração transformam-se gradualmente, porque, à luz de Cristo e em diálogo com os sinais dos tempos, somos capazes de colaborar com Deus na transformação do mundo, para que venha o seu Reino.

2. Chamados à fraternidade e à missão

Não estamos sozinhos nesta árdua subida do Monte Carmelo: acompanha-nos a Virgem Maria, nossa Irmã e peregrina na fé, que nos anima como Mãe e Mestra.

Fazemos este caminho juntamente com os irmãos que receberam o mesmo dom e o mesmo chamamento. Com eles tentamos construir uma comunidade inspirada na de

¹ 1Jo. 4, 19.

Jerusalém, totalmente centrada na Palavra, na fracção do pão, na oração, na comunhão de bens e no serviço².

Caminhamos na Igreja e com ela pelos caminhos do mundo. Como Elias, tornamo-nos companheiros de viagem dos nossos contemporâneos, tentando ajudá-los a descobrir neles a presença de Deus. De facto, a imagem de Deus está presente em cada um e deve emergir com plena liberdade, mesmo quando está ofuscada pelas contradições interiores ou pelas injustiças alheias.

Para este caminho nos convida a Regra, que se faz eco e espelho para nós do Evangelho e é expressão da experiência fundadora dos nossos Pais. É precisamente esta experiência fundadora que nos comunica a paixão pelo mundo, pelas suas provocações, desafios e contradições.

Os nossos Pais vinham de um ocidente em evolução, com uma forte tensão entre luta e paz, unidade e fragmentação, expansão e crise. Chegados à Terra Santa, entram em contacto com pessoas de outras religiões e culturas; de volta à Europa, optaram por se colocar como testemunhas da atenção de Deus, irmãos entre os irmãos.

3. O mundo em que vivemos

O ambiente em que nasceram e se desenvolveram constituiu uma provocação para os nossos Pais. Assim é para nós o mundo em que vivemos e agimos. É um mundo rico de possibilidades e oportunidades, em contínuo desenvolvimento, mas, ao mesmo tempo, cheio de contradições.

A comunicação, facilitada por meios cada vez mais sofisticados, é, ao mesmo tempo, promessa e desafio. O

desenvolvimento da ciência e da técnica facilita a vida de muitos mas oprime a de outros e nem sempre respeita o meio ambiente natural, que frequentemente é explorado sem nenhuma consideração. Os direitos humanos, muitas vezes afirmados solenemente, são de seguida espezinhados. Reconheceram-se à mulher direitos e funções iguais às dos homens, mas ainda há demasiadas mulheres que são vítimas de abusos. Em oposição a crianças demasiadamente mimadas e viciadas há outras violadas e utilizadas pela voracidade de uns quantos que não têm consciência moral. A consciência dos direitos pessoais faz crescer a sensibilidade para a igualdade fundamental das pessoas e dos povos; mas há tensões nacionalistas e partidaristas que criam novas ocasiões de conflito. O encontro entre culturas diferentes, quando não é fonte de conflitos, impulsiona o diálogo, o respeito pelo outro, novas soluções de convivência. A globalização da economia e da cultura, se bem que pode ser ocasião de desenvolvimento harmónico para todos, apresenta também muitas e sérias interrogações relacionadas com o destino dos povos mais desfavorecidos. A sede crescente de espiritualidade contrasta com a presunção do secularismo, mas nem sempre consegue exprimir-se numa autêntica vida de fé: pode converter-se em fuga da dura realidade quotidiana e derivar em cultos esotéricos, movimentos pseudomísticos ou organizar-se em seitas. Diante da falta de sentido, de moral e dos diversos ateísmos teóricos e práticos do nosso tempo, os homens e mulheres de fé são levados a procurar respostas comuns e conscientes para além das barreiras religiosas. Conjuntamente com o desejo sincero e as experiências de diálogo inter-religioso, não faltam episódios dolorosos de fundamentalismo e integrismo frequentemente homicidas.

Somos filhos deste mundo; partilhamos as suas «alegrias e esperanças, tristezas e angústias»³. Pertencemos-lhe, participamos das suas contradições e desfrutamos das suas conquistas⁴;

² cfr. Hb. 2, 42-48; 4, 32-35.

nele caminhamos humildemente, ao lado dos nossos irmãos e irmãs, atentos para descobrir, como Elias, os sinais escondidos da presença e da obra de Deus.

4. Unidade na diversidade

O carmelita recebe e partilha com os irmãos um único carisma comum: viver em obséquio de Jesus Cristo em atitude contemplativa, que plasma e sustém a nossa vida de oração, de fraternidade e de serviço.

Em virtude deste carisma, os carmelitas, em tempos e lugares diferentes, pertencem sempre à Ordem dos Irmãos da Bemaventurada Virgem Maria do Monte Carmelo.

O carisma é único nos seus elementos essenciais. A sua aplicação universal requer que seja superada uma visão limitada e regional da Ordem, e exige um esforço constante para exprimir e incarnar concretamente o carisma em culturas, épocas e lugares diferentes.

Tem de haver sempre um nexu mínimo entre a unidade derivada da identificação com o carisma carmelita nos seus aspectos essenciais e o pluralismo proveniente das diversas culturas, que enriquece as suas diferentes expressões.

I PARTE O PROCESSO DE FORMAÇÃO

³ GS, 1.

⁴ *Vida Fraternal*, 4.

1.

CHAMADOS AO SEGUIMENTO DE CRISTO «IN OBSEQUIO JESU CHRISTI VIVERE»

A. O AMOR DE DEUS CHAMA-NOS

5. Chamados pelo Pai a seguir Cristo no Espírito

Fonte e fim da vida religiosa, e, portanto, também da vida carmelita, é o Pai, que, mediante a moção do Espírito Santo, nos chama para uma experiência espiritual de atracção profunda e de amor por Jesus Cristo, obediente, pobre e casto⁵. É o Pai que, mediante o Espírito Santo, nos consagra, nos transforma e modela em nós o rosto de Cristo e nos guia na comunhão com Ele e com os irmãos.

Da nossa parte, como pessoas e como comunidade, elegemos Jesus como único Senhor e Salvador da nossa vida⁶. Comprometemo-nos num caminho de conversão gradual e progressiva que envolve toda a vida, para nos deixarmos conformar a Cristo, pelo Espírito, e chegar à união com Deus.

6. O seguimento de Cristo

O compromisso de seguir Jesus Cristo com toda a nossa pessoa e de o servir «fielmente com coração puro e total dedicação»⁷ é o compromisso de viver nele, deixando que seja ele a guiar os nossos movimentos, pensamentos, sentimentos, palavras, actos, relações fraternas e o uso que fazemos das coisas, de modo que tudo provenha e seja feito «na Sua Palavra»⁸.

⁵ Cf. *VC*, 1; 17-19.

⁶ Cf. *Regra*, 2, 19, 23; *Const.*, 2, 3, 14.

⁷ *Regra*, 2.

O carmelita sente-se atraído pelo Senhor Jesus Cristo e convidado a uma relação pessoal, viva, profunda e constante com Ele, até assumir os seus traços espirituais e revestir-se da sua personalidade⁹.

O encontro com Cristo na oração, na Sua Palavra e na Eucaristia, assim como nos irmãos e nos acontecimentos da vida, transforma-nos e impele-nos a dar testemunho e a anunciar Cristo nos caminhos do mundo.

«Por isso, o seguimento de Cristo permanece como lei fundamental para nós e marca o nosso caminho em direcção a uma experiência mais profundo do amor de Deus¹⁰. O propósito de viver uma profunda relação com Cristo e de se conformar com Ele é, pois, o ponto central da nossa formação.

7. Convocados na Igreja

O Pai chama-nos à santidade e ao seguimento de Cristo, convocando-nos para a Igreja, que é o Seu povo, esposa e corpo de Cristo, animado pelo Espírito. «Todos os fiéis, em virtude da sua regeneração em Cristo, partilham uma dignidade comum; todos são chamados à santidade; todos cooperam na edificação do único Corpo de Cristo, cada qual segundo a sua vocação e o dom que recebeu do Espírito (Cfr. Rom. 12, 3-8)¹¹.

⁸ Regra, 19, cfr. também Const., 20.

⁹ Entre muitos outros textos da tradição carmelita, podemos citar: SANTA TERESA DE JESUS, *Vida*, 9, 4; 22, 4-7; SÃO JOÃO DA CRUZ, *Subida*, 1. 13, 3; 2. 7, 18-22; *Cântico B* 1, 2-6. 10; *Chama*, 2, 16-20; SANTA MARIA MADALENA DE PAZZI, *Prova*, 780; *Ensinamentos*, XXXVI; JOÃO DE SÃO SANSÃO, *L'Aguillon*, 3, 854-886 (f. 362 rº); MIGUEL DE SANTO AGOSTINHO, *Introductio ad vitam internam, tractatus, sive Brevis Instructio ad vitam mysticam*, 27.

¹⁰ O Carmelo, um lugar, um caminho, 2. 2.

A Igreja reconhece que a vida de especial consagração por meio dos conselhos evangélicos «pertence indiscutivelmente à sua vida e à sua santidade¹². Dado que a vida religiosa «reflecte o próprio modo de viver de Cristo, ... nela há uma manifestação particularmente rica dos bens evangélicos e uma actuação mais completa da finalidade da Igreja, que é a santificação da humanidade¹³. Além disso, a vida religiosa, vivida em comunidade, é «sinal eloquente¹⁴ da Igreja, que «é essencialmente mistério de comunhão¹⁵, «imagem da Trindade¹⁶.

A nossa vocação de Irmãos da Bemaventurada Virgem Maria do Monte Carmelo é uma forma de vida religiosa que pertence à Igreja, nela tem a sua origem e participa do seu próprio mistério.

8. Seguir a Cristo na fraternidade para a missão

A vocação para a vida carmelita, iniciativa gratuita e livre de Deus¹⁷, origina e exige uma resposta pessoal: a opção fundamental de uma vida concreta e radicalmente dedicada ao seguimento de Cristo.

Somos chamados a partilhá-la numa fraternidade que é «sinal eloquente da comunhão eclesial¹⁸.

Somos chamados a realizar, em comunhão com o Senhor e sua Igreja, a missão de evangelização e salvação¹⁹, para que todos recebam o anúncio do Evangelho e possam formar a família de Deus.

¹¹ VC, 31; LG., 32.

¹² LG., 44; cfr. VC, 29.

¹³ VC, 32.

¹⁴ VC, 42.

¹⁵ VC, 41.

¹⁶ Vida Fraternal, 9.

¹⁷ Cfr. VC, 17.

9. A profissão dos conselhos evangélicos

Os conselhos evangélicos de obediência, pobreza e castidade, professados publicamente, são um modo concreto e radical de viver o seguimento de Cristo. Eles são «antes de mais um dom da Santíssima Trindade»²⁰, cujo amor eterno e infinito «toca as raízes do ser»²¹.

Quando se abraçam com o compromisso generoso que nasce do amor, os conselhos evangélicos contribuem para a purificação do coração e liberdade espiritual. Com efeito, por meio deles, o Espírito Santo transforma-nos gradualmente e conforma-nos a Cristo²². Convertemo-nos numa «memória viva do modo de existir e de agir de Jesus»²³.

Longe de nos convertermos em estranhos ao mundo, com a profissão dos conselhos evangélicos convertemo-nos em fermento para a transformação do mundo²⁴ e testemunhas das «maravilhas que Deus faz na fragilidade humana»²⁵.

B. PÔR-SE A CAMINHO PARA RESPONDER

10. Santidade e pecado

O chamamento, dom gratuito de Deus, não cai numa terra neutra, antes vai dirigido a uma pessoa com a sua história de santidade e pecado. Cada um de nós experimenta o poder da graça, que dá a sua força e vida para

¹⁸ Cfr. VC, 42 e todo o cap. II *Signum fraternitatis*; cfr. também *Vida Fraterna*, 10; 54-57.

¹⁹ Cfr. VC, 72 e todo o cap. II *Servitium caritatis*; cfr. também *Vida Fraterna*, 58.

²⁰ VC, 20.

²¹ VC, 18.

²² LG, 46.

²³ VC, 22.

²⁴ Cfr. LG, 46.

²⁵ VC, 20.

realizar com alegria o projecto de Deus, juntamente com um conflito interior que influencia o crescimento interior. Como diz S. Paulo: «Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero... E, quando quero fazer o bem, o mal está ao meu lado»²⁶. Mas também nesta fragilidade, a cada um é dirigida a palavra tranquilizadora do Senhor a Paulo: «Basta-te a minha graça; a minha força manifesta-se plenamente na debilidade»²⁷.

11. Conhecimento de si mesmo

A pessoa humana «na sua interioridade transcende o universo»²⁸. Nas suas três dimensões, física, psíquica e espiritual, sente o apelo dos valores naturais e espirituais. Mas os condicionalismos a que está sujeita e os limites que experimenta tendem a travar a sua tensão espiritual.

Por isso, há que ter em conta a dimensão subconsciente da pessoa para se conhecer mais profundamente a si mesmo, as motivações do seu agir e responder livremente ao chamamento.

O conhecimento da própria pessoa, das suas virtualidades e dos seus limites, ajuda a canalizar, de modo construtivo, todas as energias de que dispomos para alcançar os ideais vocacionais²⁹.

12. Maturidade integral

Há uma relação dinâmica e recíproca entre maturidade humana e maturidade religiosa: quanto mais uma pessoa se liberta das dificuldades psicológicas, tanto mais é capaz de assumir decisões pessoais, válidas e apropriadas. Quan-

²⁶ Rom. 7, 14-25; cfr. Gal. 5, 13-14.

²⁷ 2 Cor. 12, 9.

²⁸ GS, 14.

to mais genuinamente se vivem os valores da vocação, tanto mais se viverá para os valores transcendentais e a pessoa se sentirá realizada como ser humano.

Por isso, a formação deve ajudar a pessoa a alcançar a maturidade vocacional, isto é, a comprometer-se num processo contínuo de conversão de acordo com os ideais genuínos, em relação à vida comunitária e ao serviço, que a ajudem no caminho gradual de uma transformação espiritual progressiva³⁰.

Além disso, a formação deve contribuir para a maturidade psicológica, pela qual a pessoa se conheça e saiba encontrar o seu caminho para viver os ideais escolhidos sem distorções, apesar das possíveis limitações e resistências.

13. Conversão e crescimento humano

A formação é um processo complexo que abrange a pessoa durante toda a vida em todos os níveis e conduz à conversão, isto é, a uma reorientação radical e a uma progressiva transformação de si mesma, das suas relações com os outros e com Deus.

O amadurecimento acontece sob a orientação do Espírito, o qual nos configura cada vez mais com Cristo crucificado e ressuscitado e nos une gradualmente ao Pai, convertendo-nos em pedras vivas para a construção do templo de Deus³¹.

Da mesma maneira, o crescimento psicológico torna-nos livres para escutar e responder ao chamamento de Deus com maior disponibilidade. Neste sentido, a conversão é também um caminho para a plena liberdade cristã.

²⁹ Cfr. TERESA DE JESUS, *Vida*, 13, 15; *Fundações* 5; *Caminho*, 39, 5; *Moradas* 1. 2, 8.

³⁰ Cfr. *Const.*, 118.

Assim, a conversão, a nível intelectual, sob a forma de nova luz ou revelação dos valores evangélicos e a capacidade de os interiorizar e reconhecer na vida, pode conduzir a um conhecimento mais profundo da própria pessoa e das suas motivações, e vice-versa.

A nível moral, a integração dos valores do Evangelho na vida cria convicções enraizadas que favorecem uma identidade mais forte e uma personalidade mais madura.

A nível afectivo, tornamo-nos capazes de entrar na relação com os outros de modo adequado. A relação madura não é possessiva, deixa espaço ao outro e é comprometida e livre até chegar à entrega pessoal.

A nível social, reconhecemos a nossa responsabilidade na construção da sociedade e comprometemo-nos a colaborar com outras pessoas em ordem ao bem comum.

A pessoa é ajudada a entrar nesta dinâmica de conversão, tendo em conta que os diversos níveis indicados têm ritmos distintos e interação de modo diferente em cada um. A plena transformação religiosa deveria, normalmente, incluir todos os níveis, que, contudo, não devem ser entendidos como pré-requisitos necessários, porque podem ser frutos de tal caminho de transformação.

C. O CAMINHO DA FORMAÇÃO

14. Sempre a caminho...

A formação há-de apresentar-se de tal modo que a pessoa a possa compreender e abraçar como uma dinâmica que durará toda a vida e não como um simples modo de chegar ao compromisso definitivo com a Ordem.

— O processo de formação nunca se pode dar por conclu-

³¹ Cfr. 1 Pe. 2, 5.

ído, porque a maturação humana, espiritual, religiosa e carmelita segue em frente com a própria pessoa que conheceu Cristo, respondeu ao Seu chamamento e O segue no Carmelo, deixando-se prender e transformar pelo Seu amor.

A formação não deve, pois, ver-se como se se tratasse de acumular uma rica bagagem de ideias, de hábitos ou um estilo de vida rígido. Trata-se, antes, de atingir uma capacidade de discernimento, de adaptação e de disponibilidade; qualidades que permitem renovar constantemente a vida e lutar continuamente pela adesão radical a Cristo, segundo o modo de vida carmelita.

15. Um caminho personalizado

A formação deve prestar atenção à pessoa e ter em conta o caminho de cada um. Os programas de formação devem ajudar cada um a assimilar os valores livremente eleitos de modo progressivo e cada vez mais profundo, segundo o modelo da “espiral hierárquica”³², num clima de diálogo e de respeito. Como princípio pedagógico, quando se propõe um valor há que oferecer, ao mesmo tempo, a ocasião de o encarnar concretamente e de o tornar próprio, afectiva e efectivamente.

Os valores hão-de integrar-se, de modo a que a pessoa possa assumir as responsabilidades da vida, através de respostas livres ao chamamento de Deus, que nos chama a transcender-nos no amor. É necessário aprender, desde o início do processo de formação, a assumir gradualmente funções de serviço à comunidade religiosa e eclesial.

16. A caminho da liberdade

³² Cada fase da formação absorve as fases anteriores e faz com que o formando proceda para um nível mais alto de integração e interiorização dos valores.

A formação deve ajudar a liberdade a ir para além da própria vida, de interesses, do próprio eu egoísta e das necessidades pessoais, para se dispor à acção do Espírito e crescer no amor de Deus, da Igreja, da Ordem e do próximo. Por outro lado, o religioso procura a transcendência e não a sua própria gratificação; vive, em comunhão com os irmãos, para os valores e não para umas funções; tende a reflectir com fidelidade o rosto de Deus e não a eficiência. É próprio dos conselhos evangélicos de obediência, pobreza e castidade actuar e exprimir esta dinâmica de libertação da pessoa a todos os níveis.

Essa liberdade, condicionada por factores físicos, psicológicos, educativos e sociais, não se deve pressupor, mas verificar-se e ser encorajada no seu crescimento.

17. Caminhar juntos

O processo de formação tem uma dimensão sócio-cultural. De facto, cada um provém de um determinado ambiente social e eclesial, faz parte de uma comunidade composta por pessoas de diferente idade, cultura, funções, etc., e é enviado à sociedade como evangelizador e testemunha. Por isso, é necessário não apenas que se converta a Cristo e aos valores do Reino, mas também que saiba reconhecer e valorizar as «sementes do Verbo»³³ presentes na sociedade, aceitar os seus desafios e deixar-se interpelar e evangelizar por ela, mas sem esquecer que é voz profética e consciência crítica. Há que ser construtores de um mundo novo na justiça e na paz³⁴.

18. Nas sendas do Carmelo

A formação deve ser, desde o começo, explicitamente carmelita. A vocação e o carisma do Carmelo hão-de considerar-se potencialmente presentes na pessoa, como capaci-

dade/dom e como vocação a construir e desenvolver; não como acrescentos exteriores, marginais à sua identidade existencial.

A formação pretende tornar a pessoa capaz de se identificar gradualmente com a Ordem Carmelita e de alimentar um profundo sentido de pertença a ela.

O processo de identificação é complexo e desenvolve-se de dois modos:

- a) a aquisição do sentido de identidade, que dá um sentido constante de unidade pessoal através de tempos e circunstâncias que mudam. Isto implica a capacidade de adquirir novos modos de ver e de se adaptar às novas situações, mas sempre em referência a uma série realista de valores;*
- b) a identificação com os outros e de um modo especial com a Ordem, a Província e a comunidade.*

Neste processo de identificação, as nossas necessidades individuais chocam com as necessidades sociais, numa relação dinâmica: a necessidade de pertença, mas sem renunciar à própria identidade substancial.

D. «ESTE CAMINHO É SANTO E BOM; SEGUI-O»

19. Princípios e critérios da formação carmelita

A formação carmelita inspira-se, por isso, nos seguintes princípios e critérios:

- a) O chamamento para a vida religiosa é uma iniciativa gratuita de Deus e requer uma resposta livre do chamado.*
- b) Esta resposta concretiza e desenvolve a vocação*

³³ Cfr. AG, 11.

³⁴ Cfr. GS, 39.

baptismal comum a todos os fiéis e implica um vínculo e um compromisso com Cristo e a Igreja mais profundos e novos³⁵.

- c) A vocação religiosa requer um compromisso pessoal total que se concretiza numa vida segundo o estilo do Evangelho, expressa na prática dos conselhos evangélicos e vivida em comunidade. Não se trata de assumir um papel ou de realizar uma tarefa, é antes uma vida entregue e abandonada à acção transformadora de Deus e ao Seu projecto de salvação.*
- d) A formação tem o objectivo primário de promover a integração da pessoa nas suas dimensões físicas, psicológicas, espirituais, culturais e de serviço, evitando toda a dicotomia entre ser religioso e ser humano, para alcançar a maturidade em Cristo.*
- e) A resposta ao chamamento vive-se em comunhão e complementaridade com a própria comunidade, a Província, a Ordem e os membros da Família Carmelita.*
- f) O carisma carmelita é vivido e comunicado em comunhão e complementaridade com os outros dons e carismas da Igreja, enquanto participa do esforço comum para construir o único corpo de Cristo no serviço de Deus e do género humano³⁶.*
- g) O ambiente social no qual somos chamados a viver e as exigências históricas reais que interpelam a Igreja oferecem ulteriores critérios acerca dos modos concretos com os quais se deve exprimir o nosso carisma e, conseqüentemente, acerca da nossa formação.*
- h) O caminho da formação dura toda a vida: Deus renova todos os dias o seu chamamento e exige uma resposta*

³⁵ Cfr. VC, 30-32.

sempre nova.

2.

CHAMADOS À VIDA CARMELITA FRATERNIDADE CONTEMPLATIVA NO MEIO DO POVO

A. ACOLHER O MANTO DE ELIAS

20. O dom para a vida carmelita

A pessoa chamada ao Carmelo reconhece que o carisma e a espiritualidade da Ordem encontram eco no centro do seu coração tocado pelo Deus vivo.

O processo de formação mostra gradualmente a sua iden-

³⁶ Cfr. VC, 74; cfr. também 49-50. 52-54.

tidade carmelita em relação contínua com o carisma comum da Ordem para a sua maturação e para o desenvolvimento da própria Ordem.

21. Partícipes de uma longa história

Entrar na experiência carmelita significa inserir-se numa história já existente. Significa entrar numa longa experiência humana, espiritual, eclesial e apostólica provada pelo tempo. Se bem que há que reler, reinterpretar e aprofundar o nosso modo de entender tal experiência, sem por isso se ter de partir do zero. Este trabalho de revisão contínua deixará à pessoa um amplo espaço para contribuir com os seus dons para enriquecer, desenvolver e rejuvenescer a vida da Ordem.³⁷

22. Uma vocação comum

Todos os carmelitas participam da mesma e única vocação do Carmelo, ainda que de maneira diferente e complementar, segundo o chamamento e os dons de cada um. Todos fizeram a mesma profissão religiosa, ordenados ou não³⁸. Por isso, a formação de base para a vida carmelita é comum a todos. Depois é integrado com a preparação apropriada e específica para os diversos ministérios³⁹.

B. CONTEMPLAÇÃO: CORAÇÃO DO CARISMA CARMELITA

23. A caminho da meta

«A contemplação constitui a viagem interior do carmelita proveniente da livre iniciativa de Deus que o toca e o transforma em ordem à unidade de amor com ele, elevando-o

³⁷ Cfr. MR, 12; Const., 120; O Carmelo: um lugar, um caminho, 4.6.

até poder gozar gratuitamente de ser amado por Deus e viver na sua presença amorosa. Esta é uma experiência transformante do amor de Deus que transborda. Este amor esvazia-nos dos nossos modos humanos limitados e imperfeitos de pensar, amar e agir, e transforma-os em «modos divinos»⁴⁰ e habilita-nos «não só depois da morte, mas também nesta vida mortal, a saborear no coração e experimentar na alma o poder da presença divina e a doçura da glória celeste»⁴¹.

A dimensão contemplativa não é apenas um dos elementos do carisma (oração, fraternidade e serviço); é o elemento dinâmico que os unifica a todos.

Na oração abrimo-nos à acção de Deus, que nos transforma gradualmente através de todos os acontecimentos, grandes e pequenos, da nossa vida. Este processo de transformação torna-nos capazes de estabelecer e manter relações fraternas autênticas, faz-nos disponíveis para o serviço, a compaixão, a solidariedade, capazes de apresentar ao Pai os desejos, as angústias, as esperanças e os gritos dos homens.

A fraternidade é a pedra de toque da autenticidade da transformação que se vai realizando. Consideramo-nos irmãos a caminho do único Pai, partilhando os dons do Espírito e apoiamo-nos mutuamente nas dificuldades do caminho.

Do serviço gratuito e desinteressado, que só a pessoa contemplativa pode oferecer, recebemos ajudas inesperadas para o caminho espiritual que fazem crescer na disponibilidade para nos deixarmos trabalhar pela força do Es-

³⁸ Cfr. *Const.*, 175 § 2.

³⁹ Cfr. *Const.*, 161-162.

⁴⁰ *Const.*, 17; cfr. também SÃO JOÃO DA CRUZ, *Cântico B*, 22, 3-5; 26, 1; 39, 4.

⁴¹ *Institutio primorum monachorum*, 1. 2.

pírito e para nos enviar de novo, constantemente renovados, para o serviço dos irmãos.

24. Um caminho interior

Nesta progressiva e contínua transformação em Cristo realizada em nós pelo Espírito, Deus atrai-nos para Ele num caminho interior⁴² que conduz da periferia dispersante da vida para a cela mais íntima do nosso ser, onde Ele mora e nos une a Si⁴³.

Isso exige um esforço constante e radical que dura toda a vida, mediante o qual, animados pela sua graça, começamos a pensar, julgar e reordenar a nossa vida, olhando para a santidade e bondade de Deus como nos foi revelada e dada em abundância no Seu Filho.

Este processo não é linear nem uniforme. Implica momentos críticos, crises de maturidade e de crescimento, etapas nas quais se fazem novas opções, sobretudo quando temos de renovar a nossa opção por Cristo. Tudo isso pertence à purificação do mais íntimo do nosso espírito, para que possamos ser conformados a Deus⁴⁴.

O processo interior que leva a desenvolver a dimensão contemplativa faz assumir uma atitude aberta à presença de Deus na vida, ensina a ver o mundo com os seus olhos, impulsiona a buscar o seu rosto, para ao reconhecê-lo, o amar e o servir nos irmãos⁴⁵.

25. Um caminho evangélico

O Carmelo considera a vida segundo os conselhos evan-

⁴² Entre outros muitos textos da nossa tradição, cfr. *Institutio primorum monachorum*, 1. 2-8.

⁴³ Cfr. SANTA TERESA DE JESUS, *Moradas*, 1. 1, 3; 7. 1, 5; SÃO JOÃO DA CRUZ, *Cântico B*, 1, 6-8.

gêlicos como o modo mais apropriado de caminhar para a plena transformação em Cristo⁴⁶. Ele escolheu para si este estilo de vida e propõe-o aos seus discípulos, para poderem descentrar-se de si mesmos e abrir-se ao dom de Deus, que os conforma a Ele para a construção do Reino.

A obediência, mediante a escuta da vontade de Deus e a sua realização pessoal e comunitária, permite-nos alcançar a verdadeira liberdade⁴⁷.

Vivendo a pobreza, reconhecemos e aceitamos a nossa fragilidade e o nosso nada, sem procurar compensações e abrindo-nos cada vez mais à riqueza do dom de Deus⁴⁸.

A castidade liberta a nossa capacidade de amar do egoísmo e do egocentrismo, de modo que, atraídos pela ternura de Deus para conosco, nos tornamos cada vez mais livres para entrar em relação efectiva e íntima com Deus, com os nossos irmãos, com todas as pessoas e com a criação⁴⁹.

Por isso, o exercício dos conselhos evangélicos, mais do que uma renúncia, é um meio para crescer no amor⁵⁰ e chegar, assim, à plenitude da vida em Deus.

26. Um caminho ascético

O processo de transformação em Cristo exige da nossa parte o esforço contínuo por «oferecer a Deus um coração santo e purificado de toda a mancha actual do pecado. Alcançamos este fim quando somos perfeitos e estamos em

⁴⁴ Cfr. SÃO JOÃO DA CRUZ, *Noite*, 1. 11, 3.

⁴⁵ Cfr. *Const.*, 15; 78.

⁴⁶ Cfr. *Institutio primorum monachorum*, 1, 3-5.

⁴⁷ Cfr. *Const.*, 45-49.

⁴⁸ Cfr. *Const.*, 50-58.

Carith, isto é, ocultos no amor (*in charitate*), de que fala o Sábio: “o amor cobre todas as culpas” (Prov. 10, 12b)»⁵¹.

De facto, este processo não se pode realizar, se se basear na simples força de vontade, separada da experiência do amor transformante de Deus, que foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo⁵² e que nos dá a força para responder ao convite radical de Cristo: “Quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á, mas quem perder a sua vida por minha causa há--de encontrá-la”⁵³.

Por outro lado, requer o “nosso esforço e o exercício das virtudes”⁵⁴. Apoiados pela graça, comprometemo-nos a uma transformação progressiva: mediante o encontro com Cristo e o processo de união com Ele, o homem velho dá lugar ao novo e revestimo-nos de Cristo⁵⁵, produzindo o “fruto do Espírito”⁵⁶.

27. A caminho pelo deserto

Os nossos primeiros Pais, seguindo a espiritualidade do seu tempo (séculos XII-XIII), tentam realizar este esforço ascético retirando-se para a solidão. Mas mais do que uma realidade material, o seu deserto era um lugar do coração, o contexto de um dinamismo vital de quem centra tudo só em Deus. Eles tinham escolhido seguir Jesus Cristo, que se aniquilou e esvaziou a si mesmo até morrer despido na cruz. Mas, homens de pura fé, esperavam o dom da vida nova e eterna, fruto da Ressurreição do Senhor⁵⁷.

⁴⁹ Cfr. *Const.*, 59-63.

⁵⁰ Cfr. *Institutio primorum monachorum*, 1, 6.

⁵¹ Cfr. *Institutio primorum monachorum*, 1, 2.

⁵² Cfr. Rom. 5, 5.

⁵³ Mt., 26, 25.

⁵⁴ Cfr. *Institutio primorum monachorum*, 1, 2.

Solitário e árido, o deserto floresce⁵⁸ e converte-se em lugar onde a experiência da presença libertadora de Deus forma a fraternidade e impulsiona para o serviço.

Seguindo os passos dos primeiros eremitas da nossa Ordem, nós também percorremos o caminho do deserto, que desenvolve a nossa dimensão contemplativa. Isso quer dizer abandonar-se a um processo gradual de auto-esvaziamento e despojamento de nós próprios para sermos revestidos de Cristo e cheios de Deus. Este processo «começa quando confiamos em Deus, seja qual for o modo que ele escolhe para se aproximar de nós»⁵⁹. De facto, não entramos no deserto por nós mesmos; é o Espírito Santo que nos chama e nos atrai para ele, é Ele quem nos apoia no combate espiritual, nos reveste com a armadura de Deus⁶⁰, nos enche dos seus dons e da divina presença, até sermos transformados em Deus e reflectirmos algum raio da sua infinita beleza⁶¹.

Para além do símbolo do deserto, a tradição carmelita utilizou outras expressões e imagens para este processo de transformação: “puritas cordis” (pureza de coração), “vacare Deo” (estar livres para Deus), subida ao Monte Carmelo, noite escura...

28. Pelas sendas da contemplação

É importante não só conhecer a teoria do processo contemplativo e ter uma compreensão actualizada dos vo-

⁵⁵ Cfr. Rom. 13, 14; Gál. 3, 27; Ef. 2, 15; 4, 24; cfr. também EE, 45.

⁵⁶ Gál. 5, 22-23.

⁵⁷ Também o lugar escolhido, com as celas espalhadas ao redor do oratório, poderia exprimir este milagre do renascimento, realizado no deserto da vida pela presença do Ressuscitado, como testemunha o rito litúrgico do Santo Sepulcro, celebrado durante muito tempo na Ordem.

⁵⁸ Cfr. Is. 32, 15.

tos e dos valores da espiritualidade carmelita, mas também adquirir e incarnar um estilo de vida e uma atitude contemplativa.

Em contacto constante com a Palavra e na oração aprende-se a encontrar Deus na vida quotidiana e a confiar-se a Ele no caminho de transformação interior. Assim se é capaz de aceitar os êxitos e alegrias como dons, e as crises e desertos como momentos de crescimento, para integrar harmoniosamente os valores fundamentais da vida carmelita.

C. ORAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DE DEUS QUE TRANSFORMA

29. O encontro de dois caminhos

Na tradição carmelita, contemplação e oração foram muitas vezes identificadas. Todavia, é importante falar explicitamente da oração, que é a porta da contemplação⁶².

Deus vem à nossa procura, atrai-nos para si⁶³, e o Espírito solicita-nos a dirigir a atenção para Ele⁶⁴, a escutar a sua voz, a acolher a sua Palavra, a abrir-nos à sua acção transformante. A nossa busca de Deus é, de facto, resposta à sua voz e o diálogo amigável⁶⁵ em que consiste a oração é, ao mesmo tempo, iniciativa de Deus e fruto da colaboração humana.

Mas o oração é sobretudo obra do Espírito Santo presente em nós, o qual não só nos sugere o que fazer e o que dizer, porque «nem sequer sabemos o havemos de pedir»⁶⁶, como nos insere na oração de Jesus, o Filho predilecto dependente do Pai⁶⁷ num contínuo diálogo de amor. A oração «penetra até ao coração do Verbo no seio do Pai»⁶⁸. Jesus

⁵⁹ Const., 17.

⁶⁰ Cfr. Regra, 18-19.

⁶¹ Cfr. SÃO JOÃO DA CRUZ, *Cântico B*, 36, 5; cfr. também 2 Cor. 3, 18.

associa-nos à sua oração e guia-nos, pouco a pouco, para a plena comunhão consigo e com o Pai no Espírito Santo. A fidelidade à escuta da Palavra e à custódia operante do mandamento do amor abre-nos à chegada da Santíssima Trindade, que faz morada em nós⁶⁹.

30. Preparar o caminho para o encontro

A Regra convida-nos a permanecer sozinhos na cela⁷⁰, que «aquece o filho da graça como fruto do seu seio, o nutre, o abraça e o conduz à plenitude da perfeição, tornando-o digno da intimidade de Deus»⁷¹. Esta cela não é apenas uma estrutura exterior, mas há-de construir-se no interior: aí habita Deus⁷² e aí nos convida a entrar para o procurar⁷³.

A nossa tradição espiritual convida-nos, desde o princípio, a submergirmos no «silêncio de um esconderijo solitário»⁷⁴. Para se poder ouvir a voz do Senhor e entender a sua Palavra, é preciso fazer silêncio: «Uma Palavra disse o Pai, que foi o seu Filho, e esta di-la num eterno silêncio, e em silêncio tem que ser escutada pela alma»⁷⁵. Para aprender a língua de Deus e poder balbuciar uma resposta, é preciso deixar que a pessoa, em todas as suas dimensões (espirituais, psíquicas e físicas), se adapte ao som silencioso⁷⁶ da sua voz e à sua luz que cega⁷⁷. Os nossos irmãos e irmãs, mestres de vida espiritual, deixaram-nos numerosos ensinamentos a este respeito.

⁶² Cfr. SANTA TERESA DE JESUS, *Moradas*, 1, 7.

⁶³ Cfr. Os. 2, 16.

⁶⁴ Cfr. DOMINGOS DE SANTO ALBERTO, *Exercitatio*, 24: «Cultivar a santa oração consiste numa verdadeira, total e actual atenção a Deus».

⁶⁵ Cfr. SANTA TERESA DE JESUS, *Vida*, 8, 5.

⁶⁶ Rom. 8, 26.

⁶⁷ Cfr. Jo. 1, 1.

⁶⁸ SANTA MARIA MADALENA DE PAZZI, *Os Colóquios*, 50.º, 992.

⁶⁹ Cfr. Jo. 14, 15-23.

O silêncio que é preciso cultivar não é incapacidade ou impossibilidade de comunicação, é antes plenitude de diálogo, no qual as palavras são frequentemente inúteis e se podem converter num obstáculo. A solidão não é isolamento, mas antes se enche da Presença e nos devolve, transformados, à companhia dos irmãos.

31. Sozinhos diante de Deus

A oração é essencialmente uma relação pessoal, dialogante entre Deus e a criatura. Somos convidados a cuidá-la e a encontrar o tempo e os lugares para estar com o Senhor⁷⁸. Uma relação de amizade não se pode desenvolver senão «estando muitas vezes a sós com quem sabemos que nos ama»⁷⁹.

A nossa tradição sugere-nos vários modelos de oração. Na Regra é-nos proposta a escuta orante da Palavra, que deve «habitar abundantemente na boca e no coração»⁸⁰. Modelo sublime desta oração é Maria, a Virgem orante que «conservava todas estas coisas meditando-as no seu coração»⁸¹. De Elias aprendemos a estar na presença de Deus⁸². Acostumando-nos a ela e fazendo-a silenciosamente, começamos a «respirar quase só a essência de Deus, como se respira o ar»⁸³.

Para além das formas, o importante é cultivar uma rela-

⁷⁰ Regra, 10.

⁷¹ BEATO JOÃO SORETH, *Expositio parenetica in Regulam Carmelitanam*, 13.

⁷² Cfr. *Ibid.*

⁷³ Cfr. SANTA TERESA DE JESUS, poesia “Procura-te em mim”; SÃO JOÃO DA CRUZ, *Cântico*, 1, 6-10.

⁷⁴ *Institutio primorum monachorum*, 1, 5.

⁷⁵ SÃO JOÃO DA CRUZ, *Ditos de luz e amor*, 99.

⁷⁶ Cfr. 1Rs. 19, 12; SÃO JOÃO DA CRUZ, *Cântico B*, 15, 26.

⁷⁷ Cfr. SÃO JOÃO DA CRUZ, *Subida*, 2, 9, 1; *Noite*, 2, 5, 3 e 5.

ção de profunda amizade com Cristo, porque a perfeição da oração «não está no muito pensar, mas no muito amar»⁸⁴; nela o coração enamorado lança-se em Deus⁸⁵ e n'Ele descansa.

32. Juntos diante de Deus

A oração litúrgica celebrada comunitariamente sempre constituiu, na tradição carmelita, uma fonte de crescimento espiritual, e portanto de transformação interior. A jornada, seguindo o ritmo dos momentos litúrgicos, encontra o seu centro, se não cronológico, certamente espiritual, na celebração comunitária da Eucaristia, fonte e cume da vida e da actividade da Igreja⁸⁶.

O Senhor une-nos nela ao oferecimento que faz de si mesmo ao Pai «para nos aperfeiçoarmos dia-a-dia na unidade com Deus e entre nós por meio de Cristo Mediador»⁸⁷. Do encontro com Cristo Palavra e Pão de vida brota a força que permite continuar a caminhar⁸⁸. A celebração da Eucaristia anima-nos a ir ao encontro dos irmãos com gratuidade e a acolhê-los com disponibilidade.

A celebração comunitária da Liturgia das Horas une-nos, em conjunto com toda a Igreja, ao louvor incessante de Cristo ao Pai⁸⁹. Converte-se no nosso modo, pessoal e comunitário, de participar na santificação do tempo e da história.

⁷⁸ Cfr. Regra, 10; Const., 80.

⁷⁹ SANTA TERESA DE JESUS, *Vida*, 8, 5.

⁸⁰ Regra, 19; cfr. 10; cfr. também Const., 82.

⁸¹ Lc. 2, 19. 51.

⁸² Cfr. 1Rs. 17, 1; 18, 15.

⁸³ MIGUEL DE SANTO AGOSTINHO, *Introductio ad vitam internam, tractatus quartus, seu Fructiva Praxis vitae mysticae*, 14.

⁸⁴ SANTA TERESA DE JESUS, *Fundações*, 5, 2; *Moradas*, 4, 1, 7.

«A oração da comunidade carmelita é um sinal para o mundo da Igreja que reza»⁹⁰, a exemplo de Maria, rodeada pelos discípulos no cenáculo.

Para além da liturgia, as Constituições sugerem-nos outros momentos de oração em comum, especialmente a *lectio divina* como ocasião para partilharmos a experiência de Deus no nosso caminho espiritual⁹¹ e para procurarmos juntos a sua vontade.

33. Pelas veredas da oração

Hão-de cultivar-se as diversas formas de oração⁹², especialmente as preferidas pela tradição carmelita, como a meditação sistemática, a *lectio divina*, o exercício da presença de Deus, a oração aspirativa e a oração silenciosa, e a Eucaristia não-de considerar-se como fonte e cume da relação com Cristo.

No projecto comunitário não-de prever-se tempos e lugares adequados para a oração, de modo que todos os frades possam aprender gradualmente a orar e a adquirir um estilo pessoal de oração de modo que englobe toda a sua vida. «A oração é vida, não um oásis no deserto da vida»⁹³.

É igualmente importante garantir a celebração comunitária da Eucaristia e da Liturgia das Horas e insistir na importância de nelas participar fielmente.

Por último, é preciso criar e cultivar um clima de silêncio exterior e interior e um estilo de vida simples que aju-

⁸⁵ JOÃO DE SÃO SANSÃO, *Le vrai esprit du Carmel*, 122, 1; SANTA TERESA DO MENINO JESUS, Ms C, 25r^o.

⁸⁶ Cfr. SC., 10; LG., 11; Const., 70.

⁸⁷ Const., 70; cfr. SC., 48.

⁸⁸ Cfr. 1Rs. 19, 5-8.

⁸⁹ Cfr. Const., 72.

⁹⁰ Cfr. Const., 64.

dem a oração e a reflexão⁹⁴.

D. FRATERNIDADE: PARTILHAR A EXPERIÊNCIA DE DEUS

34. O caminho traçado pela Regra

O autor da nossa Regra, Alberto, patriarca de Jerusalém, dirige-se aos eremitas chamando-os “irmãos”⁹⁵. Isso significa que estamos chamados a realizar a nossa vocação contemplativa não de forma individualista, mas juntamente com os irmãos. A atitude contemplativa, que permite descobrir Deus presente nas pessoas e nos acontecimentos quotidianos, ajuda também a valorizar o mistério de cada membro da comunidade⁹⁶.

Temos um projecto comum representado pela Regra, da qual o prior é custódia e garantia⁹⁷. A Regra propõe algumas atitudes fraternas e um caminho para consolidar a fraternidade vivida em concreto, segundo o modelo inspirador da comunidade primitiva de Jerusalém. A escuta da Palavra⁹⁸ e a liturgia comum⁹⁹, especialmente a reunião diária para a celebração eucarística¹⁰⁰; o partilhar dos bens materiais e espirituais¹⁰¹ cuidando do bem-estar de cada um¹⁰² e o discernimento para o caminho comum¹⁰³; as decisões importantes tomadas em conjunto¹⁰⁴; o silêncio como «culto da justiça»¹⁰⁵, portanto, garantia de relações não opressivas, não possessivas, respeitadoras da alteridade; a

⁹¹ Cfr. *Const.*, 82.

⁹² Cfr. *Const.*, 66.

⁹³ BEATO TITO BRNDSMA, *Godsbegrip Rede uitgesproken...*, 26.

⁹⁴ Cfr. *Const.*, 67.

mesa comum¹⁰⁶; o trabalho¹⁰⁷, ajudam a alimentar a fraternidade carmelita¹⁰⁸.

35. A caminho da fraternidade

«Mais do que uma construção humana, a comunidade religiosa é um dom do Espírito»¹⁰⁹, mas, como todos os dons espirituais, há-de construir-se dia-a-dia com o esforço de todos e de cada um.

Por isso, é necessário fazer amadurecer a consciência de ter recebido uma vocação comum que tem de se concretizar num projecto elaborado, realizado e avaliado comunitariamente¹¹⁰. A tensão natural entre projecto comum e caminho pessoal há-de enfrentar-se e resolver como um chamamento dirigido a todos para caminhar juntos como irmãos¹¹¹.

O esforço para construir a fraternidade é uma forma de ascese, que requer uma contínua conversão e sentido de abnegação. Ninguém deve pretender nada dos outros, mas deve-se saber acolher tudo o que cada um for capaz de dar¹¹².

O “convergir” diário das celas para o oratório que está no meio delas é símbolo do esforço constante para sair do

⁹⁵ *Regra*, 5, 6, 8, 12, 15, 22, 23.

⁹⁶ Cfr. *Const.*, 19.

⁹⁷ *Regra*, 4, 5, 6, 8, 9, 12, 22, 23.

⁹⁸ Cfr. *Regra*, 7, 14.

⁹⁹ Cfr. *Regra*, 11, 14.

¹⁰⁰ Cfr. *Regra*, 14.

¹⁰¹ Cfr. *Regra*, 7, 12.

¹⁰² Cfr. *Regra*, 12, 15, 16, 17.

¹⁰³ Cfr. *Regra*, 15.

¹⁰⁴ Cfr. *Regra*, 4, 5, 6, 15.

¹⁰⁵ *Regra*, 21.

próprio eu e ir ao encontro dos outros e fazer comunidade com eles: a Eucaristia transforma os indivíduos em irmãos¹¹³. A celebração eucarística, na qual se constrói, se celebra e se exprime a fraternidade, reenvia novamente ao esforço da vida, na qual, com a força proporcionada pelo alimento da Palavra e do Pão, se realizam a oblatividade e o acolhimento recíprocos.

36. Profetas da fraternidade

O compromisso de vida comum e a partilha dos diversos momentos de escuta, oração, celebração, fraternidade e comunhão impelem ao anúncio gratuito e gozoso da vocação comum à santidade e à plena comunhão com Deus e das pessoas entre si. A própria vida fraterna carmelita se torna, assim, anúncio ao mundo¹¹⁴. A nossa fraternidade converte-se em sinal e profecia de que é possível viver em comunhão, ainda que seja preciso pagar o seu preço¹¹⁵. Os carmelitas, chamados também eles a ser peritos em comunhão¹¹⁶, convidam outros irmãos e irmãs a partilhar a sua oração comum¹¹⁷ e a sua vida. Da escuta orante da Palavra colhem inspiração para ser uma presença viva e profética na comunidade cristã e no mundo. Da partilha dos bens materiais e espirituais nasce a exigência de tornar o irmão ou irmã partícipe de quanto o Senhor nos deu gratuitamente¹¹⁸.

¹⁰⁶ Cfr. Regra, 7.

¹⁰⁷ Cfr. Regra, 20.

¹⁰⁸ Cfr. Regra, 20.

¹⁰⁹ Vida Fraternal, 8.

¹¹⁰ Cfr. Regra, 15; Const., 31 e.

¹¹¹ Cfr. Vida Fraternal, 24-25; cfr. também Const., 30.

¹¹² Cfr. Vida Fraternal, 21-22.

37. Os caminhos que conduzem à fraternidade

Para promover uma vida autenticamente fraterna temos que nos acostumar ao acolhimento e à atenção para com os irmãos, ao diálogo sincero e aberto, ao interesse pela sua vida e a sua pessoa, à ajuda recíproca no caminho espiritual, à colaboração diligente. A presença, nas comunidades, de pessoas de idades diferentes constitui um importante enriquecimento recíproco. A presença de frades idosos e doentes, por um lado, pode ser uma pedra de toque válida para a sinceridade das motivações dos jovens, aos quais transmitem a riqueza da sua experiência de vida. Os jovens por seu lado, estimulam nos mais adultos o impulso necessário para a actualização e alimentam a esperança do futuro.

O amor pela vida comum, a participação activa e criativa nos momentos de oração, nas reuniões, no refeitório e no recreio, contribuem para criar uma sensibilidade crescente para com a comunidade.

Pouco a pouco, cada um identifica-se com a comunidade e torna-se capaz de sentir como próprias as decisões tomadas em conjunto, mesmo que, ao princípio, não se partilhem plenamente.

Ainda que o reconhecimento e desenvolvimento dos dons, das capacidades e atitudes pessoais sejam valores, é preciso formar para assumir as tarefas apostólicas, missionárias e profissionais para, com e em nome da co-

¹¹³ Cfr. Regra, 14; cfr. Const., 20, 31 a.

¹¹⁴ Cfr. Vida Fraternal, 54-55; cfr. também VC, 25, 42, 46.

¹¹⁵ Cfr. Vida Fraternal, 56.

¹¹⁶ Cfr. PI, 25.

¹¹⁷ Cfr. Const., 20.

¹¹⁸ Cfr. Vida Fraternal, 56; VC, 51.

munidade. No âmbito da comunidade, aprendemos a partilhar o serviço e a missão. O trabalho de cada um exprime e torna concreta a missão de toda a comunidade: trabalha-se e age-se em seu nome e como seus enviados¹¹⁹.

Mas a identificação com a própria comunidade não é suficiente. É preciso sentir-se verdadeiramente parte da Província e de toda a Ordem. O contacto com as outras comunidades da Província e as experiências internacionais contribuem para a identificação gradual com a Ordem, com a sua história, a sua tradição e a sua vida, e para cultivar uma espiritualidade de comunhão.

E. SERVIÇO NO MEIO DO POVO:

A EXPERIÊNCIA DE DEUS ENVIA PARA A MISSÃO

38. Na Igreja, partícipes da missão de Cristo

A experiência autêntica de Deus feita por uma fraternidade contemplativa impele necessariamente a fazer nossa «a missão de Jesus, enviado a proclamar a Boa Nova do Reino de Deus e para a libertação total de todo o pecado e opressão. Enquanto carmelitas, a nossa inserção no apostolado faz parte integrante do nosso carisma»¹²⁰.

Os carmelitas estão na Igreja e para a Igreja, e, com a Igreja, ao serviço do Reino¹²¹. Enquanto tentamos enriquecer a Igreja com a especificidade do nosso carisma, colaboramos na construção do único corpo de Cristo, em plena comunhão com todos os demais membros da comunidade cristã¹²². Esta comunhão concretiza-se na inserção na Igreja local¹²³.

¹¹⁹ Cfr. *Const.*, 32-33.

39. Ao serviço da busca de Deus

Nós, carmelitas, partilhamos a sede de Deus das pessoas do nosso tempo. Esta sede de espiritualidade ultrapassa os confins do cristianismo e encontra-se frequentemente escondida nas pessoas que não professam nenhuma religião. Como carmelitas, devemos ser capazes de captar esta sede de espiritualidade onde quer que se encontre e de dialogar com todos os que procuram Deus, contribuindo para a descoberta que toda a pessoa faz na sua própria experiência de «lugares santos, espaços místicos»¹²⁴, nos quais Deus vem ao nosso encontro¹²⁵.

Fiéis ao património espiritual da Ordem, orientamos o nosso trabalho para fazer crescer a busca de Deus, e convidamos os homens e mulheres do nosso tempo para a experiência da contemplação, partilhando com eles a riqueza da nossa tradição espiritual¹²⁶. A nossa vida de fraternidade contemplativa torna-se testemunho credível da possibilidade de conhecer o Outro e os outros no caminho do silêncio, do acolhimento e da comunicação sincera¹²⁷.

40. Irmãos no meio do povo

A vida fraterna é já de si anúncio e provocação¹²⁸. Uma comunidade viva é atractiva e profética, e constitui um sinal da presença libertadora do Senhor no meio dos seus.

O nosso estilo de vida aberto e acolhedor leva a parti-

¹²⁰ Cfr. *Const.*, 91.

¹²¹ Cfr. *Const.*, 21. O amor à Igreja e à sua missão é uma constante no Carmelo. Citamos apenas: SANTA MARIA MADALENA DE PAZZI, *Renovação da Igreja*; SANTA TERESA DO MENINO JESUS, *Ms B*, 2vº-3vº.

¹²² Cfr. *VC*, 31; 46-56.

¹²³ Cfr. *VC*, 48-49; *Const.*, 97-98.

*lhar com outros a comunhão de corações e a experiência de Deus que se vive na fraternidade*¹²⁹.

Este modo de estar «no meio do povo» é sinal profético de relações humanas novas, amistosas e fraternas. É profecia de justiça e de paz na sociedade e no meio dos povos. É «opção de partilhar com os “menores” da história, para dizer a partir de dentro, mais com a vida do que com a boca, uma palavra de esperança e de salvação»¹³⁰.

Os carmelitas põem-se a caminho, segundo a itinerância referida na Regra, para seguir os caminhos traçados pelo Espírito do Senhor¹³¹. Fazem-se companheiros dos que sofrem, esperam e trabalham pela construção do Reino de Deus, cultivando todo e qualquer meio capaz de criar fraternidade.

41. Irmãos em missão

É preciso aprender a «sair dos “recintos sagrados”, “fora do acampamento”, para anunciar nos “novos areópagos” que Deus ama com afecto perene a humanidade»¹³². Evidentemente, cada situação pede um esforço de resposta adequada às necessidades e às exigências locais. O nosso estilo de vida e a nossa espiritualidade saberão traduzir-se em atitudes e gestos que comuniquem o nosso ser carmelitas no esforço contínuo por inculturar a mensagem evangélica e o nosso carisma¹³³. Cada cultura em que nos inserimos enriquece a nossa compreensão da mensagem evangélica e do nosso

¹²⁴ *O Carmelo: um lugar, um caminho*, 3.3.

¹²⁵ *Cfr. Const.*, 96.

¹²⁶ *Cfr. Const.*, 96, 99.

¹²⁷ *Cfr. O Carmelo: um lugar, um destino*, 4-5.

¹²⁸ *Cfr. Vida Fraternal*, 54-56; *VC*, 51.

carisma e as formas em que se exprimem, porque enquanto evangelizamos somos nós próprios evangeli-zados, e levando Cristo aos outros, encontramos-Lo presente neles.

42. A missão *ad gentes*

Obedecendo ao mandato de Cristo: «Ide e ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a observar tudo o que vos mandei»¹³⁴, a Ordem reconhece e promove a continuação de uma longa tradição missionária, que alcançou o seu cume com a declaração de Santa Teresa do Menino Jesus como padroeira das missões, e confia «que a missão “ad gentes” desperte de uma maneira nova o coração do carisma carmelita»¹³⁵.

«A actividade missionária não é mais nem menos do que a manifestação, a epifania e a realização do plano de Deus no mundo e na sua história»¹³⁶. É «o dever mais alto e mais sagrado da Igreja»¹³⁷ porque toda a Igreja é missionária por natureza.

A partir do mandato explícito do Senhor, das muitas e vigorosas declarações da Igreja e da tradição da Ordem, é claro que a actividade missionária *ad gentes*, para nós carmelitas, hoje, não é uma possibilidade mas uma verdadeira exigência e também um privilégio. É preciso animar e estimular «a insuprimível tensão missionária que distingue e qualifica a vida consagrada»¹³⁸.

¹²⁹ *Cfr. Regra*, 9; *Const.*, 23.

¹³⁰ CONGREGAÇÃO GERAL 1980, *Os pobres interpelam-nos*, 3, em *AnalO Carm*, XXXV, 1-2 [1980], 23; *cfr. também Const.*, 24.

¹³¹ *Cfr. Regra*, 17; *cfr. também Const.*, 22.

¹³² *O Carmelo: um lugar, um destino*, 1.3.

¹³³ *Cfr. O Carmelo: um lugar, um caminho*, 4.2.

43. Profetas de justiça e de paz

A dimensão contemplativa da vida carmelita permite reconhecer os sinais de Deus presentes na criação e na história como dom gratuito que nos compromete a realizar o projecto de Deus para o mundo. O caminho contemplativo autêntico permite descobrir a própria fragilidade, a debilidade, a pobreza, numa palavra, o nada da natureza humana: tudo é graça. Esta experiência faz-nos solidários com tudo o que vive situações de privação e injustiça. Deixando-nos interpelar pelos pobres e os oprimidos, somos transformados gradualmente e começamos a ver o mundo com os olhos de Deus e a amá-lo com o seu coração¹³⁹. Com Ele ouvimos o grito dos pobres¹⁴⁰ e nos esforçamos por partilhar a sua solicitude, a sua preocupação e a sua compaixão pelos últimos.

Isto leva-nos a dizer uma palavra profética diante dos exageros individualistas e subjectivistas presentes na mentalidade actual, diante das múltiplas formas de injustiça e de atropelo tanto de pessoas como de povos¹⁴¹.

O empenho pela justiça, a paz e a salvaguarda da criação não são opções possíveis, mas verdadeiras urgências e desafios, perante os quais a fraternidade contemplativa do Carmelo, a exemplo de Elias¹⁴² e Maria¹⁴³, deve poder dizer uma palavra precisa em defesa da verdade e do projecto divino para a humanidade e a criação. Temos uma palavra a dizer a esse respeito a partir do nosso próprio estilo

¹³⁴ Mt. 28, 19-20.

¹³⁵ *Const.*, 105.

¹³⁶ *AG*, 9.

¹³⁷ *AG*, 29.

¹³⁸ *VC*, 77.

de vida fraterno, fundado em relações justas e pacíficas segundo o projecto da Regra¹⁴⁴, que a nossa tradição retroverte à experiência de Elias, que funda no Carmelo uma comunidade onde reinam a justiça e a paz¹⁴⁵.

44. Manter viva a recordação de Maria

A descoberta da tradição mariana do Carmelo leva-nos, hoje, a oferecer o humilde serviço¹⁴⁶ de quem reconhece a Maria, luminoso modelo de discipulado, um papel específico na vida espiritual e eclesial. Trata-se de ser promotores de uma autêntica renovação mariológica, com uma decidida sensibilidade bíblica, litúrgica, ecuménica e antropológica¹⁴⁷. Além disso, é necessário reler criticamente a nossa tradição mariana, para encontrar uma nova linguagem e uma nova maneira de exprimir a nossa relação com Maria no caminho espiritual.

45. Os caminhos que levam a servir

O nosso serviço apostólico é algo demasiado sério como para ser deixado ao improvisado, à espontaneidade e à dispersão¹⁴⁸. A formação para o serviço, elemento essencial do carisma, deverá ser considerada com a mesma dedicação com que se forma para a contemplação, para a oração e para a fraternidade.

Por isso é preciso criar um clima de silêncio e de conversão, capaz de abrir o coração, os olhos e a mente, para que, iluminados

¹³⁹ *Cfr. Const.*, 15.

¹⁴⁰ *Cfr. Ex.* 3, 7.

¹⁴¹ *Cfr. O Carmelo: um lugar, um destino*, 4. 3.

¹⁴² *Cfr. 1Rs.* 21.

¹⁴³ *Cfr. Lc.* 1, 46-55.

pela Palavra Deus, se chegue a ler os sinais dos tempos, a escutar os outros e a história, a estar atentos ao ambiente em que se vive. Para evitar dispersões inúteis no nosso serviço, é preciso aprender a programar, isto é, a descobrir as verdadeiras necessidades, para organizar, segundo um projecto elaborado em conjunto, meios e métodos úteis para alcançar os fins estabelecidos. Há que estar disponíveis e livres para poder ir aonde o Espírito sopra.

Educar-se para a eclesialidade é uma exigência imprescindível: significa desenvolver um amor e interesse especial pela Igreja e a sua missão, e saber colaborar com outros no serviço do Reino.

A sensibilidade pelos pobres, os doentes, os marginalizados, os últimos, a preocupação pela conservação da natureza, são valores a desenvolver e realizar de uma forma dinâmica, de modo a traduzir-se num estilo de vida coerente.

F. ELIAS E MARIA

46. Nas pegadas do Profeta Elias

Alguns peregrinos que iam do Ocidente para a Terra Santa escolheram o Carmelo para situar a sua experiência eremítica e fraterna. Estabeleceram-se junto da fonte chamada de Elias¹⁴⁹, conectando-se com uma longa tradição de presença eremítico-monástica.

Nesse lugar permanece ainda viva a memória do profeta cheio

¹⁴⁴ Cfr. Regra, 21.

¹⁴⁵ Cfr. *Institutio primoruim monachorum*, 3, 3. 5.

¹⁴⁶ Cfr. *Const.*, 86; 95.

¹⁴⁷ Cfr. *Marialis cultus*, 29-39, especificamente para o aspecto bíblico, cfr. SANTA TERESA DO MENINO JESUS, *Dernières entretiens*, 21 agosto, 3; a poesia "Porque te amo, Maria" (PN 54).

¹⁴⁸ Cfr. NICOLÁS GÁLICO, *Ignea sagitta*, 4.

de zelo pelo Senhor, cuja palavra arde como uma tocha; o profeta que está na presença de Deus, sempre disposto a servi-Lo e a cumprir a sua Palavra; o profeta que mostra ao povo o verdadeiro Senhor para que não manque dos dois pés; o profeta que estimula os seus a decidir-se a orientar a sua existência unicamente para o Senhor; o profeta atento à voz de Deus e ao grito dos pobres, que sabe defender os direitos do Único e dos seus predilectos, os últimos.

Os carmelitas recordam e, de certo modo, revivem a experiência do profeta: o ocultamento no deserto durante a seca e o repto com os falsos profetas de um ídolo morto, incapaz de dar a vida, seguem-no na longa viagem de volta ao deserto, seguindo as pegadas dos Pais até ao monte Horeb, onde encontra o Senhor de um modo novo e inesperado e compreende que está presente até ali onde parece estar ausente; partilham a sua sede de justiça; sentem, de certo modo, que são, como Eliseu, herdeiros daquele manto que caiu do céu, entre as chamas do carro de fogo.

47. Junto à fonte de Elias

Ali, «junto à fonte»¹⁵⁰, os eremitas do Carmelo deram os primeiros passos do longo caminho que chega até nós por sendas que o "mapa" da Regra de Santo Alberto indica. Elias converteu-se assim, para eles e os irmãos que lhes sucederam, na primeira pessoa que tinha incarnado o ideal de vida que os tinha estimulado a deixar a sua casa. Sentiram-se, em certo sentido, filhos seus, herdeiros de uma riqueza espiritual que, por diferentes caminhos, tinha chegado até eles.

¹⁴⁹ Cfr., para este número e o próximo, *Const.*, 26.

Por isso recompilaram as narrações judaicas e cristãs sobre Elias; releram-nas à sua maneira e acolheram-nas, saboreando o seu gosto vital. Elias, que já na tradição monástica era considerado o primeiro monge e o modelo dos contemplativos, converteu-se assim, a pouco e pouco, para os carmelitas, no protótipo dos místicos e o profeta dedicado a cantar e a ensinar os louvores de Deus à sua comunidade de seguidores; o defensor dos direitos de Deus e o campeão da defesa dos últimos. Os carmelitas de então, como os de hoje, têm Elias como seu “Pai”, não no sentido histórico ou material, mas pelos valores que a sua figura exprime.

48. Guiados por Maria ao longo do caminho

Ao dedicar a Maria, Mãe do Senhor, o seu oratório, os nossos primeiros pais escolheram-na como patrona e confiaram-se a ela, consagrando toda a sua existência ao seu serviço e louvor, realizados mais na vida do que nos ritos¹⁵¹.

Ao longo da sua história, os carmelitas experimentaram e cantaram a presença solícita e permanente da Mãe-Patrona. Maria, mística estrela do Monte Carmelo, protege, reveste e guia os seus filhos pelas sendas que conduzem à alegria do encontro transformante com Deus¹⁵². Ela, que foi a primeira a viver em união plena com Deus em Cristo, ajuda a descobrir a beleza do chamamento e ampara na dura subida até «ao cimo do monte que é Cristo Senhor»¹⁵³.

O escapulário é o sinal e o memorial desta protecção e da nossa entrega a ela; as suas festas são ocasião para dar graças ao Senhor pelo dom de Maria, que é «mais Mãe que Rainha»¹⁵⁴.

49. A caminho com Maria

¹⁵⁰ Regra, 1.

No caminho para Deus, os carmelitas reconhecem na Virgem puríssima a irmã, a mulher nova que se deixa renovar pela acção do Espírito Santo. Peregrina na fé, Maria é imagem do que eles desejam ser na Igreja¹⁵⁵.

A juvenzinha que em Nazaré escuta a palavra do anjo e acolhe a Palavra de Deus introduz-nos no mistério do Filho de Deus e ensina a docilidade ao Espírito, que faz aderir plenamente à vontade do Pai. Indo apressadamente a casa de Isabel, ensina-nos o serviço fraterno e a caridade, fundamentos essenciais de toda a comunhão fraterna. Quando em Belém nos apresenta o Deus Menino, a Mãe de Deus convida-nos a sermos «geradores de Deus»¹⁵⁶ em qualquer circunstância da vida. Fugindo para o Egipto com o Menino e S. José, aponta-nos os caminhos da ascese e da purificação, porta necessária para a experiência contemplativa de Deus. Maria, que tudo conserva e medita no seu coração, ensina-nos a procurar e a reconhecer os sinais da presença de Cristo na vida diária e a tornar-nos discípulos do Senhor, escutando e pondo em prática a Palavra. Em Caná, atenta às necessidades do momento, aponta-nos Jesus como o único que dá o vinho novo da salvação, e convida-nos a fazer tudo o que ele diz. Junto à cruz ensina-nos a ser fiéis até às últimas consequências. Acolhida pelos discípulos como Mãe, torna-se modelo da Igreja orante, sempre aberta a acolher e partilhar o dom do Espírito.

Os carmelitas vivem uma relação íntima e familiar com Maria, sua Mãe e Irmã, presente na vida pessoal e fraterna.

¹⁵¹ Cfr. Const., 27.

¹⁵² Cfr. Prefácio II da Missa votiva da B.V.M. do Monte Carmelo.

¹⁵³ Cfr. Colecta da Missa da Comemoração solene da B.V.M. do Monte Carmelo, cfr. PAULO VI, Allocutio 22 Junii 1967, em AAS LIX (30 Set. 1967), n. 12, 779.

3. ACTORES E MEDIADORES DA FORMAÇÃO DÓCEIS À ACÇÃO DO ESPÍRITO

A. OS PROTAGONISTAS: DEUS E A PESSOA CHAMADA

50. A história de uma vocação

A vida religiosa nasce, antes de mais, de um chamamento que é dom de Deus e requer uma resposta do chamado. Não se trata de um chamamento e de uma resposta feitos de uma vez por todas, no momento inicial, mas de um dom que é recebido dia-a-dia; é um chamamento sempre novo que exige uma resposta sempre nova. Esta aventura, que tem por protagonistas Deus e a pessoa chamada, cresce no coração de um intercâmbio entre duas liberdades e dois amores. Mas implica também um cruzar de responsabili-

¹⁵⁴ SANTA TERESA DO MENINO JESUS, *Dernières entretiens*, 21 Agosto, 3.

¹⁵⁵ Cfr. *Prefácio I* da Missa da Comemoração solene da B.V.M. do Monte Carmelo.

¹⁵⁶ B. TITO BRANDSMA *Comunicação ao Congresso mariano de Tongeloo* (Agosto 1936), em SCAPIN S., *Nella notte la libertà*, Roma 1985, 194, cfr. também TITO BRANDSMA, *Carmelite Mysticism. Historical Sketches*, Chicago (Ill.) 1936, *Lecture IV*, 52-53.

dades e de influências que medeiam a acção de Deus e ajudam a pessoa a responder ao seu chamamento.

51. A vocação: dom de Deus e resposta do homem

A vocação para a vida religiosa é uma iniciativa de Deus Pai, «criador e dador de todo o bem, que atrai a si» (cfr. Jo. 6, 44) uma criatura sua com um amor especial e em ordem a uma missão especial¹⁵⁷. Esta atracção cheia de amor do Pai é mediada por Jesus Cristo, que a alguns dos seus discípulos «pede um compromisso total, que implica o abandono de tudo (cfr. Mt. 19, 27), para viver em intimidade com Ele e o seguir para onde quer que Ele vá (cfr. Ap. 14, 4)»¹⁵⁸.

A pessoa chamada, experimentando este amor gratuito, «eterno e infinito, que toca as raízes do ser»¹⁵⁹, sente o dever de responder com a entrega total e incondicional da sua vida¹⁶⁰. Deixando-se apanhar por Cristo, abandona tudo para o seguir¹⁶¹ e tenta todos os dias «identificar-se com Ele, assumindo os seus sentimentos e a

sua forma de vida»¹⁶².

A primeira responsabilidade de dizer «sim» ao chamamento e de assumir as suas consequências é do ao chamado, mas esta resposta, tanto no seu momento inicial como no caminho diário subsequente, não é possível sem a acção do Espírito Santo, que suscita o desejo de tal resposta e orienta o seu crescimento. É ele quem forma e modela, configurando com Cristo e impulsionando a fazer própria a sua missão¹⁶³.

A pessoa chamada confia-se à acção do Espírito Santo com a humildade de quem renuncia a comportar-se segundo os critérios da sabedoria humana e dá amplo espaço à sabedoria divina. E dado que a acção de Deus é discreta, ainda que contínua e decisiva, cultiva o discernimento espiritual para reconhecer os sinais e os frutos da presença do Espírito na sua vida e no mundo que a rodeia. O contributo da formação inicial e permanente e o recurso assíduo à direcção espiritual facilitam tal discernimento¹⁶⁴, sem descuidar, por isto, o contributo da psicologia, que pode ajudar a compreender-se melhor para poder responder mais livremente ao chamamento de Deus.

A resposta ao chamamento divino cresce com uma entrega e um compromisso cada vez mais totais, purificados frequentemente mediante as diversas crises da vida.

B. ALGUMAS MEDIAÇÕES IMPORTANTES

52. A Igreja, ambiente da vocação religiosa

A estreita relação entre a Igreja e a vida consagrada incide

¹⁵⁷ VC, 17.

¹⁵⁸ VC, 18.

na nossa formação. A vocação para a vida consagrada nasce no seio da Igreja e é ratificada pela Igreja, que, no rito da profissão religiosa, «invoca sobre as pessoas eleitas o dom do Espírito e associa a sua oblação ao sacrifício de Cristo»¹⁶⁵. Alimenta-se com os sacramentos e a Palavra confiados à Igreja e vive-se «em plena comunhão com a sua doutrina, a sua vida, os seus pastores, os seus fiéis e a sua missão no mundo»¹⁶⁶.

53. Maria, mãe e mestra

A Virgem Maria, modelo, imagem e membro eminente da Igreja, com a sua beleza espiritual atrai-nos para Deus. Perfeita discípula do Mestre, converte-se em mestra e guia espiritual, e ensina-nos com o seu exemplo a realizar em simplicidade quotidiana o ideal que ela acolheu e foi a primeira a viver. Com o seu amor materno acompanha-nos e guia-nos pelas sendas que conduzem a Deus, porque ela, que por vontade do Pai e com a intervenção do Espírito concebeu Cristo, permanece associada ao Espírito Santo na sua acção misteriosa de gerar e formar Cristo nos crentes¹⁶⁷. Carmelitas de todos os tempos, e especialmente os místicos, experimentaram e descreveram a influência de Maria na sua vida espiritual¹⁶⁸. O símbolo do escapulário indica que Maria quer revestir-nos de Cristo.

54. Complementaridade das vocações

¹⁵⁹ *Ibid.*

¹⁶⁰ Cfr. VC, 17.

¹⁶¹ Cfr. Mc. 1, 16-20; 2, 14; 10, 21. 28.

¹⁶² VC, 18.

¹⁶³ Cfr. VC, 19.

¹⁶⁴ Cfr. PI, 19.

Há que estar abertos à complementaridade das vocações na Igreja.

Uma vocação religiosa nasce muitas vezes no seio de uma família ou de uma associação de leigos que continuam a animar o candidato com a oração e o apoio espiritual.

As pessoas no meio das quais vivemos, com a sua fé, a sua sabedoria e o seu afã de ganhar a vida, às vezes em situações de pobreza, e o seu modo de enfrentar os desafios da vida animam-nos e interpelam-nos.

Além disso, ao longo do caminho de discernimento vocacional e de formação inicial, o encontro, o intercâmbio e a colaboração com religiosos de outros institutos, com os candidatos ao ministério ordenado e com os próprios ministros contribuem para iluminar e para precisar a própria vocação e o próprio carisma. Esta relação continua a sustentar o caminho de toda a vida religiosa.

55. A comunidade religiosa local, ambiente de formação inicial

O carisma da Ordem é transmitido aos candidatos, antes de mais, pela comunidade em que vivem. Isto requer que haja uma certa unidade entre os membros da comunidade em que há formandos¹⁶⁹ e os superiores maiores não-de ter isso em consideração, quando destinam um frade para uma destas comunidades. Depois da constituição da comunidade, é necessário continuar o diálogo constante entre os membros para facilitar o trabalho da formação e evitar pontos de vista demasiado diferentes. Todos os membros da

¹⁶⁵ VC, 30.

¹⁶⁶ *Vida Fraternal*, 10.

comunidade têm de ser conscientes da sua responsabilidade na formação dos candidatos, aos quais têm de oferecer modelos concretos de vida carmelita¹⁷⁰. Mas têm de estar atentos para não interferir no trabalho específico do formador. A comunidade deve oferecer aos candidatos uma atmosfera espiritual, uma coerência de vida e um estímulo apostólico capazes de os atrair a seguir Cristo com radicalidade¹⁷¹. A oração e a celebração eucarística comunitárias, as reuniões periódicas, o partilhar a mesa e o recreio favorecem o conhecimento recíproco e a possibilidade de transmitir a memória viva do carisma.

56. A comunidade religiosa local, lugar de formação permanente

A comunidade é o lugar privilegiado para a formação permanente dos seus membros¹⁷² porque é o ambiente onde se pode crescer e amadurecer como pessoa, como cristão e como religioso que inter-age com Deus e com os irmãos. A comunidade não é um grupo de pessoas que vivem juntas de forma a anular a criatividade individual e o desenvolvimento dos carismas espirituais, assim como também não hão-de estimar os outros pelo que fazem. É antes um grupo no qual cada irmão é valorizado por ser imagem de Deus, e é animado a desenvolver a sua personalidade na liberdade e na responsabilidade. Por isso, é preciso descobrir as ocasiões e os modos para favorecer «o crescimento humano, intelectual, espiritual e pastoral»¹⁷³ de cada irmão. As reuniões comunitárias podem ser o momento para um intercâmbio e ocasiões de

¹⁶⁷ Cfr. LG, 63; PI, 20.

¹⁶⁸ Cfr. SANTA MARIA MADALENA DE PAZZI, *Probatione* 728-730; *rapto* 30 de Outubro 1600; *Colóquios* 361-362; MIGUEL DE SANTO AGOSTINHO, *De vita Mariae-formi et mariana in Maria propter Mariam*; SANTA TERESA DO MENINO JESUS, *Ms A*, 56v^o-57v^o; 75r^o; 77r; *PN* 5, 11.

formação permanente; há que prestar atenção à actualização, mediante retiros, exercícios espirituais, cursos, conferências, livros, revistas ou outros meios. A fim de poder realizar-se e todos terem tempo para estas coisas, é preciso fazer uso do discernimento e não sobrecarregar as pessoas de trabalho¹⁷⁴. Para facilitar esta tarefa das comunidades, a Província tome iniciativas unitárias que impliquem todos os religiosos.

57. O formador

A acção de Deus Pai que, mediante o Espírito, molda nos corações das pessoas consagradas os sentimentos do seu Filho¹⁷⁵, é mediada pelos formadores, postos como «irmãos mais velhos» junto daqueles que Ele ama¹⁷⁶. O êxito da formação depende muito do seu trabalho¹⁷⁷.

A tarefa do formador é muito delicada e requer uma boa preparação e um esforço contínuo por estar actualizado. A formação de bons formadores é uma das exigências mais urgentes do momento.

Se possível, o formador não seja uma pessoa que acaba de concluir o seu caminho de formação inicial, para poder ter um pouco de experiência prática do caminho contemplativo, da oração, da vida fraterna e do serviço apostólico. Requer-se do formador uma certa maturidade psicológica e espiritual; deve estar relativamente livre de conflitos de personalidade, e suficientemente seguro de si mesmo, de modo a poder partilhar, dialogar e colaborar com outros.

¹⁶⁹ Cfr. *PI*, 27.

¹⁷⁰ Cfr. *Const.*, 120, 144.

¹⁷¹ Cfr. *PI*, 27.

¹⁷² Cfr. *Vida Fraterna*, 43-46.

58. Funções e requisitos do formador

É função do formador:

a) *discernir*: ajudar o candidato a perceber o chamamento de Deus e a sua acção, muitas vezes discreta, nas circunstâncias concretas da vida, e a descobrir os caminhos pelos quais o está a conduzir.

Isto requer do formador não só a capacidade de introspecção e de intuição, mas sobretudo uma certa sabedoria espiritual, que é ao mesmo tempo dom de Deus e fruto de um hábito constante de ler a sua vida, deixando-se iluminar pela Palavra e pela oração.

b) *acompanhar*: ajudar o candidato no seu crescimento, especialmente mediante «o colóquio pessoal, que há-de ter-se com regularidade e com certa frequência, como costume de insubstituível e provada eficácia»¹⁷⁸. O formador deve caminhar ao passo do candidato, respeitando os seus ritmos e as suas etapas de crescimento, sem renunciar a propor com clareza as exigências do seguimento de Cristo no Carmelo.

Esta tarefa requer serenidade interior, disponibilidade, paciência, compreensão, verdadeiro afecto e um respeito profundo para com a inviolabilidade da consciência do candidato, assim como um bom conhecimento das leis da pedagogia, da psicologia e do caminho espiritual e abertura e sensibilidade para a cultura ou subcultura do formando.

O formador é também um irmão a caminho de um ideal nunca alcançado totalmente. Conhece por experiência as

¹⁷³ *Const.*, 33.

¹⁷⁴ Cfr. *Ibidem*.

¹⁷⁵ Cfr. *Fil.* 2, 5.

¹⁷⁶ Cfr. *VC*, 66.

¹⁷⁷ Cfr. *PI*, 30.

alegrias e as fadigas do caminho ao qual Deus o chamou e ao qual agora chama outros. Por isso, é capaz de compreender os candidatos que lhe foram confiados, de se alegrar e padecer com eles, acompanhando-os com a sabedoria de quem conhece bem as sendas deste caminho.

c) alimentar: dar um sólido alimento doutrinal, espiritual e experiencial; transmitir com o exemplo da sua vida, mais do que com o ensino, a tradição viva da Ordem, o seu carisma e a sua espiritualidade¹⁷⁹.

Isto requer do formador uma boa formação teológica e espiritual, um profundo conhecimento da Ordem e um forte sentido de identificação com ela.

d) avaliar: em nome da Igreja e da Ordem, o formador avalia, passo a passo, o progresso do candidato, tratando de praticar a verdade na caridade¹⁸⁰.

Isto requer do formador clareza acerca dos critérios de avaliação¹⁸¹ a usar com discernimento, no respeito da dignidade pessoal do candidato e por amor à Província e à Ordem. Evidentemente, o formador deve ter em conta a gradualidade e progressão do caminho, pelo qual há-de mostrar compreensão face a qualquer falha ou insuficiência mostrada pelo candidato, sem renunciar a ser claro com ele, animando-o a continuar o caminho até à meta.

59. Coordenação da formação

Tanto quanto possível, cada etapa da formação inicial tenha o seu formador. Todavia, é muito importante que haja coordenação e colaboração entre os formadores das diversas etapas, para dar continuidade ao processo de formação¹⁸². Para esta finalidade, cada Província terá a sua co-

¹⁷⁸ Cfr. VC, 66.

*missão para a formação, composta pelo prior provincial ou seu delegado, pelos formadores e pelos promotores vocacionais. É função desta comissão redigir e rever periodicamente o programa provincial de formação, que aplica os princípios desta *Ratio Institutionis Vitae Carmelitanae*. Dito programa será depois aprovado pelo Prior Provincial com o seu conselho. Além disso, a comissão avaliará o andamento da formação e fará um intercâmbio de opiniões sobre os candidatos.*

É oportuno, e às vezes inclusivamente necessário, que o formador de cada etapa seja ajudado por um assistente ou por uma equipa que o ajude a seguir e a avaliar os candidatos. A equipa, que pode incluir membros não carmelitas¹⁸³, deve actuar sob a orientação e em estreitíssima unidade de espírito e de acção com o formador, que continua a ser sempre pessoalmente responsável pela formação¹⁸⁴.

C. A RESPONSABILIDADE DOS SUPERIORES MAIORES E AS ESTRUTURAS DE COLABORAÇÃO

60. A Ordem

Com a profissão religiosa, a pessoa incardina-se, antes de mais, na Ordem como tal e, subordinadamente, na Província ou no Comissariado Geral¹⁸⁵. Portanto, toda a Ordem se deve implicar na formação inicial e permanente dos seus membros. O carisma único e os vínculos de fraternidade que nos unem encontram expressão concreta na colaboração a nível internacional, regional e nacio-

¹⁷⁹ Cfr. PI, 30.

¹⁸⁰ Cfr. Ef. 4, 15.

nal, e, se oportuno, com outros membros da Família Carmelita. Além disso, a necessidade de ter formadores qualificados, preparados expressamente para esta função, e a de continuar a clarificar e inculturar o carisma, requerem que se promova esta política de colaboração.

Com esta finalidade, o Prior geral e o seu conselho instituem uma comissão internacional para a formação, composta por membros representativos das diversas regiões da Ordem. A comissão trabalha sob a direcção do delegado do Prior Geral para a formação, que normalmente é um dos conselheiros gerais. É função da comissão, promover a colaboração na formação inicial, coordenar a revisão periódica da *Ratio Institutionis Vitae Carmelitanae*, organizar encontros e congressos de formadores e ajudar o conselheiro geral ou o delegado a desenvolver as funções que se enumeram no n.º 61.

Outro grupo, que tem como cabeça o mesmo delegado do Prior Geral, será responsável pela organização regular de cursos de formação permanente abertos aos membros de toda a Ordem e da Família Carmelita¹⁸⁶.

São sempre dignas de apoio as iniciativas de formação inicial ou permanente promovidas por Províncias da mesma nação ou da mesma região. Talvez, hoje, o mais necessário seja a abertura das estruturas de formação de uma Província a pessoas provenientes de outras Províncias, favorecendo assim o intercâmbio, eventualmente a internacionalidade e uma melhor valorização dos recursos. Não é, evidentemente, um modo de eludir as próprias res-

ponsabilidades.

61. O Prior geral e o seu delegado

A direcção e orientação de quanto se refere à formação em toda a Ordem é competência do Prior Geral¹⁸⁷, que exerce esta função principalmente com a atenção especial que dedica à formação nas suas visitas às Províncias. É função sua e do seu conselho aprovar a *Ratio Institutionis Vitae Carmelitanae*, para cuja actualização periódica convocará, pelo menos uma vez por sexénio, uma reunião de todos os formadores da Ordem¹⁸⁸.

Para ajudar o Prior geral na realização do seu ministério no campo da formação, o conselho geral atribuirá a um dos seus membros a responsabilidade deste sector¹⁸⁹.

Em caso de necessidade, o Prior geral pode nomear um delegado diferente do conselheiro¹⁹⁰. É função do conselheiro geral ou delegado:

- orientar a formação em acto na Ordem, promovendo a aplicação da *Ratio Institutionis Vitae Carmelitanae* em toda a Ordem;
- conhecer e seguir os diversos programas de formação das Províncias;
- promover a partilha das Províncias no campo da formação inicial e ajudar o intercâmbio de formadores e formandos;
- desenvolver e organizar um programa de preparação para os formadores;
- prestar especial atenção às exigências da formação nas

¹⁸¹ Cfr. Apêndice.

¹⁸² Cfr. PI, 32.

¹⁸³ Cfr. Const., 123.

¹⁸⁴ Cfr. PI, 32.

¹⁸⁵ Cfr. Const., 175.

áreas emergentes;

- convocar e presidir à comissão internacional para a formação.

62. O Prior provincial e o seu delegado

A direcção e orientação de quanto se refere à formação numa Província é competência do Prior provincial ou de um seu delegado¹⁹¹, que ele elegerá, normalmente, entre os seus conselheiros. O Prior provincial e o seu conselho estão directamente implicados na formação inicial, não só no momento das decisões que é preciso tomar para a admissão de cada candidato a cada etapa da formação, mas também mediante visitas, encontros, informações e avaliações a realizar regularmente, em conjunto com a comissão para a formação¹⁹². O Prior provincial elege com grande prudência os formadores e partilha a carga da sua delicada tarefa, animando-os, apoiando-os e pensando também na sua saúde em geral¹⁹³.

A responsabilidade dos superiores maiores para com a formação dos seus irmãos não acaba com a profissão solene ou a ordenação para o ministério. A nossa formação tem de durar toda a vida, e os superiores maiores são também responsáveis por procurar a formação permanente humana, espiritual, teológica e pastoral, interessando-se pessoalmente por cada irmão e favorecendo estruturas que ajudem a formação.

¹⁸⁶ Cfr. *Const.*, 171.

¹⁸⁷ Cfr. *Const.*, 125.

¹⁸⁸ Cfr. *Const.*, 129.

II PARTE

AS FASES DO PROCESSO DE FORMAÇÃO

63. Uma vida em caminho

As fases do processo de formação inicial constituem a iniciação à vida carmelita e servem para começar, de modo progressivo e gradual, o caminho de transformação da pessoa, que dura toda a vida.

O horizonte no qual se colocam as fases iniciais do processo é constituído, pois, pela formação permanente¹⁹⁴, que é trabalho de conversão do coração e de transformação espiritual, que tende para a plena maturidade em Jesus Cristo¹⁹⁵.

64. As fases da formação

A formação inicial consta das seguintes fases: pré-noviciado, noviciado e período da profissão temporária.

Cada fase faz parte de uma série mais profunda de níveis sucessivos de desenvolvimento e de crescimento; é a continuação da precedente, mas caracteriza-se pela sua própria fisionomia particular, que deriva do seu próprio objec-

¹⁸⁹ Cfr. *Const.*, 303.

¹⁹⁰ Cfr. *Const.*, 129, 303.

¹⁹¹ Cfr. *Const.*, 125.

tivo.

O ministério vocacional, não sendo formalmente uma fase da formação, insere-se nela, porque prepara o terreno para a formação sucessiva. Graças a ele, a pessoa descobre o chamamento de Deus e responde entrando na Ordem.

1.

O MINISTÉRIO VOCACIONAL AJUDAR A ENCONTRAR O CAMINHO

A. OBJECTIVO E DESCRIÇÃO

65. Natureza e finalidade do ministério vocacional

A vocação para a vida religiosa carmelita, como qualquer outra vocação, é um dom de Deus, mas reconhece-se concretamente graças a diversas mediações humanas. De facto, as vocações costumam nascer do contacto com algum religioso, com a nossa vida, ou com uma das nossas actividades, ou talvez simplesmente da leitura dos nossos clássicos espirituais.

O amor pelo dom que o Espírito fez à Igreja por meio do Carmelo leva-nos a partilhá-lo com os outros. Portanto, te-

¹⁹² Cfr. *Const.*, 124.

¹⁹³ Cfr. *Const.*, 122.

mos de estar atentos para captar os sinais do carisma carmelita presentes noutras pessoas e ter a coragem de lhes fazer a proposta específica.

O principal objectivo do ministério vocacional é ajudar as pessoas a descobrir o dom que têm e a responder-lhe elegendo o estilo de vida que lhes corresponde. A sua função é, pois, acompanhar no caminho de maturação espiritual e ajudar no discernimento.

B. RESPONSÁVEIS

66. As comunidades e a Província

Como carmelitas, somos mediadores do chamamento do Senhor, vivendo e dando testemunho dos valores do nosso carisma, partilhando as alegrias e as dificuldades do nosso estilo de vida. Não apenas o animador vocacional e a comunidade de acolhimento, mas todas as comunidades e os religiosos pessoalmente tentarão suscitar vocações com o entusiasmo da sua vida e a apresentação dos valores da tradição e do carisma.

O responsável pela animação vocacional provincial tenha um colaborador em cada comunidade.

O Prior provincial deve assegurar que as vocações sejam uma prioridade no projecto da província. Ele se encarregará de que seja elaborado, posto em andamento e revisito um projecto vocacional específico para a Província.

67. O animador vocacional

Cada província deve ter um responsável pela promoção

¹⁹⁴ Cfr. *VC*, 69; *Const.*, 134.

¹⁹⁵ Cfr. *Const.*, 118.

vocacional. A sua missão é:

- a) animar as comunidades para que, desenvolvendo o carácter vocacional na vida e em todas as formas de serviço, sejam promotoras de vocações;
- b) promover e coordenar com os colaboradores locais as actividades vocacionais, implicando nelas sobretudo os carmelitas em formação inicial;
- c) discernir os sinais vocacionais das pessoas e fazer-lhes a proposta de entrar na Ordem;
- d) acompanhar as pessoas no seu caminho de crescimento vocacional¹⁹⁶;
- e) manter a ligação com os organismos diocesanos e nacionais de animação vocacional¹⁹⁷.

C. ESTRUTURAS E CONTEÚDOS

68. O caminho vocacional

A proposta vocacional carmelita deve ser feita a pessoas à procura, que tentam dar um sentido à sua vida. Há-de ser-lhes proposta a pessoa de Jesus, a sua palavra e o seu estilo de vida. A sua inserção na vida eclesial, através das paróquias, grupos, movimentos e iniciativas de compromisso ajuda a rever o seu caminho e a sua maturidade humana e cristã.

A vida sacramental, a oração e a direcção espiritual são necessárias para um discernimento autêntico da sua vocação. A apresentação e o conhecimento inicial do Carmelo e dos seus valores são motivo de atracção que levam a responder positiva e concretamente ao chamado do Senhor.

69. Metodologia, meios e instrumentos

- a) As comunidades devem desenvolver o seu carácter carmelita, para que seja reconhecível e atractivo, de modo a poderem dizer: «Vem e vê!», para que quem se interroga ou está à procura possa fazer experiência concreta de vida carmelita durante um período de tempo mais ou menos longo. Assim, a comunidade converte-se no ambiente no qual a pessoa se pode encaminhar para uma decisão, reconhecendo que possui capacidades e valores típicos do nosso carisma.
- b) Cada província pode constituir uma comunidade especificamente dedicada a este ministério de acolhimento vocacional, a qual organiza, sob a orientação do animador vocacional provincial, actividades, encontros e momentos de experiência orientados para favorecer a proposta, o acompanhamento e o discernimento vocacional¹⁹⁸.

Em algumas Províncias, esta tarefa é realizada, pelo menos em parte, pelos seminários menores ou por outras formas de associação que possam conduzir ao ingresso na Ordem.

- c) A dimensão vocacional, como a capacidade de gerar, é intrínseca à nossa vida, pelo que há-de emergir em tudo o que fazemos. As paróquias promovam a sua própria fisionomia carmelita, os santuários sejam fonte de vida espiritual animada pelos valores do Carmelo, escolas e colégios não esqueçam que faz parte da sua missão educadora a orientação vocacional dos seus alunos. Mesmo

¹⁹⁶ Cfr. *Const.*, 131.

¹⁹⁷ Cfr. *Const.*, 133.

nas actividades desenvolvidas individualmente, temos de nos preocupar em transmitir o nosso próprio ser carmelita.

Para favorecer a difusão da proposta, não-de privilegiar-se alguns meios: a atenção à vida espiritual, particularmente à direcção espiritual, à qual cada religioso deve dedicar um tempo adequado; a difusão da imprensa e literatura carmelitas, meios audio-visuais, multimédia, internet...

- d) *O animador acompanha cada pessoa que anda à procura com conversas e encontros regulares; promove momentos de reflexão e discernimento em conjunto com outros candidatos.*
- e) *A proposta deve incluir as diversas possibilidades de vida e de actividade oferecidas por toda a Família carmelita.*

D. CRITÉRIOS DE DISCERNIMENTO

70. O discernimento vocacional

Para ser admitido ao pré-noviciado, o candidato deve mostrar que possui uma certa maturidade humana, uma relação vital com Jesus, Senhor da sua vida, uma decidida sensibilidade eclesial e social e sinais de vocação carmelita. A avaliação desses sinais deve ser feita pelo animador vocacional ou pelo menos em diálogo com ele, que acompanhou a pessoa no caminho.

É importante que o candidato seja conhecido por quem decide a sua admissão, através de contactos com a família, o ambiente, a paróquia de proveniência, associações ou movimentos responsáveis pela sua formação. No caso dele já ter feito uma experiência em seminários diocesanos ou outros Institutos religiosos, é preciso pedir informações e recomendações aos seus responsáveis anteriores¹⁹⁹.

2.

O PRÉ-NOVICIADO PREPARAR-SE PARA A VIAGEM

A. OBJECTIVO E DESCRIÇÃO

71. Natureza e finalidade do pré-noviciado

O pré-noviciado é o período de tempo destinado a preparar a pessoa para entrar no noviciado, com o qual iniciará o caminho da vida religiosa carmelita²⁰⁰.

O pré-noviço deve aprofundar e fazer sua, de modo mais pessoal, a fé, para poder escutar a voz de Jesus que o chama a segui-Lo. Ele aprofunda também o conhecimento de si mesmo, da sua história pessoal e social, do seu ambiente, da sua comunidade cristã. Uma primeira aproximação da vida comunitária permite experimentar a sua capacidade de viver em conjunto com outros.

A consciência inicial da sua vocação carmelita completar-se-á com um conhecimento e experiência, pelo menos inicial, dos valores do carisma e da espiritualidade carmelitas. Esta experiência, juntamente com o discernimento geral sobre a sua vocação, conduzirá o pré-noviço a um primeiro esboço de resposta e a pedir para entrar no noviciado.

¹⁹⁹ Cfr. *Const.*, 132.

B. RESPONSÁVEIS

72. O pré-noviço

A pessoa que pede para iniciar o caminho de formação carmelita sente-se chamada por Deus e quer responder positivamente. Deve estar disposta a dar os passos e fazer as opções que o processo vocacional e formativo lhe propõem. Por isso, deve confiar na orientação dos seus responsáveis, na comunidade que a acolhe ou com a qual entra em contacto e nos companheiros de viagem que o Senhor quer pôr ao seu lado. Sobretudo, aprenderá a ser discípulo do Senhor, que o convida a segui-Lo de maneira concreta e efectiva.

O pré-noviço deve saber acolher o desafio que o caminho de formação fortemente lhe propõe e optar por seguir livre e responsabilmente a sua vocação carmelita, para a qual se reconhece suficientemente maduro.

73. O formador

O formador é a referência mais directa do pré-noviço: ajuda-o a discernir e a reconhecer os sinais do chamamento à vida carmelita que traz dentro de si, para poder seguir Cristo de modo pessoal. O formador é quem faz de elo de ligação entre a comunidade e o pré-noviço. O formador torna visível e compreensível a comunidade aos

¹⁹⁹ cfr. CIC, c. 645 §2, §4.

olhos do candidato.

O formador acompanha o pré-noviço no crescimento humano e cristão, ajudando-o a descobrir em si valores e dotes que o tornam idóneo e maduro para viver a vida carmelita, e, caso não encontre nele tais valores e dotes, deve indicar ao irmão outro caminho.

74. A comunidade

Nesta fase, a comunidade tem a função de ajudar o pré-noviço a experimentar inicialmente os valores que caracterizam a nossa fraternidade carmelita. Por isso, deve ser flexível, não rígida e acolhedora, sem invadir nem oprimir. Mas tem de fazer uma distinção entre a vida da comunidade e a dos pré-noviços. É fundamental o exemplo de vida que os religiosos dão todos os dias aos pré-noviços.

75. A comissão para a formação

Para garantir a unidade do caminho de formação, é útil a colaboração entre os diversos formadores.

O diálogo com o animador vocacional ajuda o formador no acompanhamento dos pré-noviços e a completar o discernimento da sua vocação; por outro lado, o intercâmbio e o contacto com o mestre de noviços permite orientar melhor o caminho dos pré-noviços. É bom que estes conheçam o mestre de noviços e, se possível, a casa de noviciado.

76. O Prior provincial

É missão do superior maior admitir, directamente ou através de um delegado, um candidato ao pré-noviciado, ouvi-

²⁰⁰ Cfr. PI, 42; Const., 135.

do o parecer do animador vocacional. É também sua função garantir o ambiente e as possibilidades de formação necessárias para um desenvolvimento sério do pré-noviciado²⁰¹.

77. Outros agentes

Durante o pré-noviciado, é essencial a presença do director espiritual, eleito de acordo com o formador, que contribui para o discernimento e acompanha o pré-noviço no seu caminho espiritual.

Para facilitar o conhecimento de si mesmo e das suas capacidades, talentos, deficiências e limites, é aconselhável a consulta de um psicólogo.

Útil é também a integração, no programa de pré-noviciado, do contributo de peritos e colaboradores religiosos e leigos.

C. ESTRUTURA E CONTEÚDOS

78. O caminho do pré-noviciado

No caso de jovens que se aproximam da vida carmelita, o pré-noviciado é sobretudo um momento de crescimento humano e cristão. Estes têm de tomar plena consciência da sua identidade, dos seus dons e limites; têm de aprender a abrir os olhos para o ambiente humano em que vivem, com a sua realidade social e cultural, para estabelecerem relação com ele; têm de crescer nas relações interpessoais.

Em contrapartida, no caso de adultos, é preciso recordar que são pessoas que já fizeram uma experiência significativa da vida. Por isso, há que valorizar a sua bagagem de experiências humanas, cristãs e profissionais. Neste

caso, mais do que desenvolver a maturação humana, entendida em sentido redutor, é preciso ajudá-los a reorganizar os valores que têm, em vista ao novo estilo de vida que estão a abraçar. Sobretudo os que estavam habituados a viver sozinhos devem ser acompanhados na inserção na comunidade. Dever-se-á trabalhar sobre o temperamento adquirido, apreciando os seus valores e indicando os seus limites. Deverão ser tidos em conta os talentos profissionais, a capacidade de iniciativa, de colaboração e de inserção num projecto.

Todos têm de aprofundar o seu caminho de fé, crescendo numa relação com Deus cada vez mais autêntica e pessoal e desenvolvendo a consciência eclesial. Adquirirão os conhecimentos de base oportunos e farão as experiências necessárias para apoiar a opção que estão a amadurecer.

Cada Província organizará o pré-noviciado da forma que considere mais oportuna e de acordo com as suas exigências²⁰². A duração do pré-noviciado depende do caminho de crescimento e de maturação de cada um.

79. Metodologia, meios e instrumentos

- a) O pré-noviço ainda não é religioso. Por isso é inserido na experiência carmelita e na vida comunitária de forma gradual. Além disso, as relações de tipo económico e prático deverão ser reguladas conforme as circunstâncias e as oportunidades, com um acordo prévio²⁰³.
- b) Nas conversas regulares com o pré-noviço, o formador, partindo da reflexão sobre as suas experiências concretas, ajuda-o a conhecer-se a si mesmo e às suas opções

²⁰¹ Cfr. *Const.*, 136.

fundamentais, a medir as suas forças face ao chamamento de Deus e a reflectir sobre a possibilidade de viver este chamamento de um modo livre, objectivo e pessoal.

- c) *Dar-se-á especial importância à participação do pré-noviço numa vida litúrgico-sacramental sadia e à sua oração pessoal.*
- d) *A inserção na vida comunitária, com os momentos e tarefas que a caracterizam, experimenta-se de modo gradual, para dar ao pré-noviço a possibilidade de conhecer a partir de dentro, na sua realidade e nas suas exigências, a vida a que se sente chamado.*
- e) *O diálogo e a relação com outros pré-noviços favorece o intercâmbio de experiências, contribui para a criação de laços que se desenvolverão no futuro, ajuda a clarificar as opções de cada um e permite um primeiro exercício de fraternidade.*
- f) *O pré-noviciado deverá oferecer momentos oportunos de experiência de serviço, tanto dentro da comunidade como fora dela. Será preferível escolher sobretudo serviços de carácter eclesial ou social.*
- g) *É preciso assegurar a aquisição de uma cultura básica equivalente à daqueles que concluíram os estudos no seu país²⁰⁴. Se algum não completou esta formação antes do pré-noviciado, é preciso assegurar-se de que a concluirá dentro desta fase e antes da admissão ao noviciado.*
- h) *Os conteúdos prescritos pelo Programa de estudos carmelitas serão apresentados oportunamente nos tempos e momentos oportunos. Estes cursos podem ser realizados em colaboração com outros Institutos²⁰⁵.*
- i) *Tentar-se-á, desde o princípio, suscitar no candidato o sentido de um sã equilíbrio entre as diversas dimensões da vida: oração, vida fraterna, trabalho, estudo, ser-*

viço, tempo livre, cuidado com a saúde...

D. CRITÉRIOS DE DISCERNIMENTO

80. O discernimento

O pré-noviciado é, de por si, um período de discernimento: o pré-noviço compara a sua vocação com a experiência que o formador e a comunidade carmelita lhe propõem. Retiros e exercícios espirituais são úteis para criar o clima adequado para avaliar o chamamento.

Durante o pré-noviciado, mas com mais atenção e clareza no momento de avaliar a admissão ao noviciado, o formador, ouvindo a comunidade, implicará o pré-noviço na avaliação, para a qual utilizará, para além dos critérios indicados no direito comum²⁰⁶, as Constituições²⁰⁷ e o Apêndice, os seguintes.

Antes de mais, é preciso perguntar se o candidato dá ou não sinais de vocação para a vida carmelita e se mostra as qualidades humanas e cristãs necessárias para a poder viver²⁰⁸. É bom ser claros desde o princípio: se se observarem sinais de vocação inautêntica ou errada, há que indicar ao candidato outro caminho; e se se trata de uma resposta prematura ao chamamento de Deus, há que dar o tempo necessário para o crescimento.

O pré-noviço é livre para deixar o pré-noviciado a qualquer momento. De igual modo, o superior maior, consultado o formador, pode mandá-lo embora.

²⁰² Cfr. *Const.*, 137; *PI*, 44.

²⁰³ Cfr. *Const.*, 415.

2. O NOVICIADO PÔR-SE A CAMINHO

A. OBJECTIVO E DESCRIÇÃO

81. Natureza e finalidade do noviciado

A finalidade do noviciado é a iniciação gradual do candidato à vida no Espírito segundo o carisma do Carmelo, em ordem a um primeiro compromisso com a profissão temporária. Com o noviciado começa a vida religiosa na Ordem carmelita²⁰⁹.

A iniciação do noviço implica o crescimento na maturidade cristã. É um crescimento em profundidade, no sentido de que a experiência do noviço se centre firmemente no mistério de Deus. É um crescimento em amplitude, porque o noviço não se deve limitar à devoção ou culto formal, mas é animado a desenvolver uma atitude contemplativa e é-lhe pedido que se fortaleça na sua vocação e no zelo apostólico, na fé, na esperança e na caridade.

Neste processo são importantes o confronto, a avaliação e a purificação das motivações e das perspectivas pessoais de vida, para que o noviço aprenda a fundamentar a sua existência em Deus.

Por isso, o noviço precisa de tempo e de espaço para cres-

cer na clarificação da sua vocação e idoneidade para viver a vida religiosa carmelita. Isto implica um processo de identificação com a nossa vida e realiza-se numa comunidade concreta de irmãos comprometidos na oração e no serviço, mais do que mediante a doutrinação e a transmissão de noções. O confronto com a nova forma de vida na realidade quotidiana deve conduzir a uma primeira decisão pela Ordem.

B. RESPONSÁVEIS

82. O noviço

O noviço é o primeiro responsável pela sua formação: ao responder ao Pai que o chamou para seguir Cristo na vida carmelita, acolhe a sua Palavra, escolhe moldar a sua vida pela de Cristo e viver em seu obséquio. Por isso, a qualidade fundamental do noviço é a docilidade às moções do Espírito. No diálogo com o formador e a comunidade, o noviço deixar-se-á conduzir e acompanhar na experiência quotidiana da vida carmelita. Desenvolverá a sua capacidade de discipulado aprendendo todos os dias, como Maria, a conjugar a Palavra com a vida. O noviço aprofundará gradualmente nele a dimensão contemplativa, crescendo na relação pessoal com Deus através da oração e da escuta da Palavra. Enveredará com decisão pelas sendas do pro-

²⁰⁴ Cfr. *PI*, 43.

²⁰⁵ Cfr. *A colaboração*, 13.

²⁰⁶ Cfr. *CIC*, cc. 641-645.

²⁰⁷ Cfr. *Const.*, 138.

²⁰⁸ Cfr. *PI*, 43.

cesso de transformação interior que o levará a caminhar todos os dias na presença de Deus, a reconhecê-Lo nos irmãos, a ver as pessoas e as coisas com os Seus olhos e a anunciá-Lo no meio do povo.

83. O mestre de noviços

O formador, nomeado pelo Prior provincial e pelo seu Conselho, é o responsável principal pelo acompanhamento dos noviços²¹⁰. A sua personalidade, a sua formação e as suas qualidades são propostas importantes para o caminho dos noviços. Pela importância do seu serviço, o formador deve dedicar-se principalmente ao noviciado. Ele é para os noviços não só mediador de conhecimentos, mas sobretudo um acompanhante que ajuda com a sua vida a clarificar a vocação e a tomar uma decisão. Ele acompanha o noviço no caminho de transformação interior, ajudando-o a discernir os sinais da acção do Espírito na sua vida, a conseguir e desenvolver uma atitude contemplativa.

O formador é o primeiro ponto de referência para os noviços, tanto no que se refere ao seu caminho pessoal como à vida quotidiana da comunidade do noviciado e para a reflexão sobre as experiências feitas pelos noviços.

O formador informe, cada três meses, a comunidade acerca de como vai o noviciado e sobre o progresso de cada um e escute as impressões e sugestões da mesma.

84. A comunidade

Ainda que o noviciado seja um tempo especial da vida religiosa, tem de ser vivido no contexto quotidiano de uma

comunidade. Só assim os noviços podem ter uma visão realista de como os irmãos vivem juntos numa comunidade carmelita. Têm também a possibilidade de experimentar e reflectir sobre o seu comportamento numa comunidade. Esta experiência é muito importante especialmente para os noviços que até este momento viveram sozinhos, por sua conta.

Os irmãos da comunidade do noviciado têm uma grande corresponsabilidade no exemplo e no testemunho, no ambiente e no êxito do noviciado²¹¹. Esta corresponsabilidade, que se exerce de um modo especial no momento das informações periódicas sobre o andamento do noviciado e da avaliação dos noviços, deve ser tida em conta no momento de eleger os membros da comunidade.

85. A comissão para a formação

Para a continuidade do processo de formação é importante o intercâmbio e a comunicação dentro da comissão provincial para a formação. Para o formador, que é o responsável do ano do noviciado, estas reflexões e este intercâmbio com os responsáveis das diversas fases podem ser uma ajuda para a solução de situações difíceis e problemáticas.

86. O Prior provincial e o seu Conselho

O governo provincial é co-responsável pelo acompanhamento dos noviços e isso não se limita ao aspecto jurídico²¹², mas diz também respeito ao processo de formação e ao desenvolvimento pessoal dos noviços. Por isso, são necessárias visitas e conversas com os noviços, o formador e os frades da casa do noviciado, salvo o princípio

²⁰⁹ Cfr. CIC, c. 646; Const., 139; 151.

²¹⁰ Cfr. CIC, c. 651; Const., 144.

de subsidiariedade.

O Prior provincial e o seu Conselho têm também a responsabilidade de criar as condições para o bom andamento da comunidade do noviciado, que tem de ser mantida também nos aspectos materiais. Com efeito, a Província tem que preparar e providenciar o pessoal idóneo, os meios adequados e velar sobre a sua funcionalidade.

87. Outros agentes

O noviço escolhe um director espiritual idóneo, de acordo com o formador.

O formador pode enriquecer a sua missão formadora pedindo a colaboração de outros religiosos e leigos peritos, tendo em conta as actividades realizadas em colaboração com outros institutos²¹³.

C. ESTRUTURA E CONTEÚDOS

88. O caminho do noviciado

No noviciado, o noviço começa a conhecer a vida carmelita, os seus valores e a sua realização concreta. Por seu lado, a comunidade conhece o noviço com a sua personalidade, os seus dotes e capacidades.

Durante o noviciado dá-se amplo espaço à apresentação do carisma, modelos, tradição, história e vida actual da Ordem. Os noviços aprendem a estimar e a fazer seus os valores do Carmelo, identificando-se gradualmente com eles. Têm a possibilidade de percorrer os primeiros passos no seguimento de Cristo, segundo os conselhos evangélicos, para comprovar a sua capacidade real de os viver.

²¹¹ Cfr. *Const.*, 144.

Será importante ajudar os noviços a concretizar estes valores numa atitude e num estilo de vida que permitam a Deus realizar gradualmente a sua transformação. Os noviços hão-de dar-se conta de que a sua meta, para além da profissão que farão no fim do ano de noviciado, é sobretudo um compromisso constante de conversão, que durará toda a vida e os abrirá à possibilidade da união transformante com Deus para ser no mundo testemunhas coerentes da sua presença.

Requerem-se doze meses para a validade do noviciado²¹⁴. Este pode prolongar-se, mas não há-de durar mais de dois anos²¹⁵.

89. Metodologia, meios e instrumentos

a) O noviciado não é a continuação ou um novo tipo de ensino, mas um processo no qual a teoria e a praxis inter-agem e reciprocamente se iluminam. A organização do noviciado depende muito do que os noviços são e trazem consigo²¹⁶. Conhecimentos teóricos, prática da vida carmelita, actividades e possibilidades para a experiência prática têm de ser vistos como uma unidade. Para favorecer um comportamento responsável, convém implicar os noviços na realização do programa do noviciado e nas tarefas concretas da vida comunitária. Hão-de ser tidas em conta as possibilidades e os interesses dos noviços.

b) O noviciado é um diálogo gradual entre a visão que a Ordem tem dela e a possibilidade do noviço de tomar livremente uma decisão baseada na sua experiência

²¹² Cfr. *Const.*, 138-155, *passim*.

de Deus, de si mesmo e da comunidade.

Estas duas realidades não-de ser examinadas periodicamente:

- *nos momentos de vida comunitária, na qual o noviço participa e nos quais começa a experimentar concretamente a vida carmelita: a liturgia eucarística e das horas, a lectio divina, as reuniões comunitárias, o trabalho comum, os recreios...;*
 - *na oração pessoal e na leitura espiritual, à qual tem que dedicar amplo espaço;*
 - *nos dias de retiro e de exercícios espirituais;*
 - *nas conversas regulares com o mestre, nas quais se fala da vocação, das motivações, do estado actual, das expectativas e perspectivas do noviço e também dos seus pontos fortes e das suas debilidades. Para criar uma autêntica relação entre os valores do nosso carisma e a vida quotidiana é preciso reflectir e dialogar com os noviços acerca da experiência da vida concreta e do seu comportamento em situações concretas. O noviço precisa de ajuda e de acompanhamento na gestão da sua nova situação de vida de carmelita que vive em comunidade. É importante, além disso, animá-lo nas situações difíceis e favorecer a abertura nos momentos de crise. Em alguns momentos especiais, pode ser importante para o noviço ter conversas com peritos e com o director espiritual.*
- c) *Os temas propostos e os descritos pormenorizada-mente no Programa de estudos carmelitas para o noviçado têm de ser adaptados aos programas provin-*

ciais de formação, conforme a situação cultural específica e têm de se apresentar em tempos e modos adequados às condições pessoais dos noviços.

- d) *A situação própria de uma Província e o facto de partilhar uma língua e cultura com outras províncias aconselham, às vezes, a ter um noviciado comum. A organização, as questões pessoais, jurídicas e as formas de comunicação não-de ser previamente clarificadas entre os responsáveis das Províncias.*
- e) *Para enriquecer as experiências dos noviços aconselha-se o intercâmbio e a colaboração com noviços de outros Institutos. Estes encontros com religiosos e religiosas alargam o horizonte, criam contactos e, no confronto, ajudam a fortalecer a própria identidade carmelita²¹⁷.*
- f) *O mestre de noviços participará nos encontros de formação permanente e de intercâmbio organizados a nível diocesano, nacional e internacional para formadores²¹⁸.*

D. CRITÉRIOS DE DISCERNIMENTO

90. O discernimento

O formador fará, periodicamente, em conjunto com o noviço, uma avaliação, eventualmente escrita, do seu caminho. Assim podem pôr-se em relevo pontos positivos e críticos e a possibilidade de crescimento para o futuro.

Para a avaliação em ordem à admissão à profissão temporária, tendo em conta as sugestões oferecidas pelo Apêndi-

²¹³ Cfr. *A colaboração*, 14; 16.

²¹⁴ Cfr. *CIC*, c. 648, §1.

²¹⁵ Cfr. *CIC*, c. 648, §2-3; *Const.*, 147-149.

²¹⁶ Cfr. *PI*, 51.

ce, a pergunta fundamental é se o noviço conheceu o carisma carmelita, o reconhece presente nele, o experimentou e começou a identificar-se com a Província e com a Ordem.

Além disso, é preciso perguntar-se se está suficientemente maduro, humana e espiritualmente, para viver com suficiente fidelidade a vida consagrada carmelita e se dá esperanças suficientes de poder crescer no caminho contemplativo numa comunidade de irmãos ao serviço da Igreja.

91. O procedimento

O programa provincial de formação determinará quanto tempo antes do fim do noviciado é que o noviço tem de apresentar ao superior maior o pedido escrito para ser admitido à profissão temporária. O superior maior, examinado o relatório do mestre de noviços e ouvido o capítulo local, decidirá a esse respeito com o voto deliberativo do seu Conselho. No que se refere ao procedimento e aos requisitos para a admissão à profissão temporária, remete-se para o direito comum e para as Constituições²¹⁹.

4.

O PERÍODO DA PROFISSÃO TEMPORÁRIA A CAMINHO

A. OBJECTIVO E DESCRIÇÃO

92. Natureza e finalidade do período de profissão temporária

Com a profissão temporária, o professo já é partícipe «da consagração própria do estado religioso»²²⁰ e está inserido na Ordem Carmelita²²¹, participando na sua vida e na sua missão, na medida das suas capacidades. A

temporaneidade do compromisso garante a gradualidade do caminho de formação.

Durante este período, os professos continuam a desenvolver a dimensão contemplativa segundo o estilo próprio do Carmelo. Através da liturgia, da escuta da Palavra e dos momentos de oração pessoal, os frades aprofundam o seu diálogo com Deus; com a inserção numa comunidade, serão animados a viver a vida fraterna de modo concreto e responsável; através das experiências iniciais de serviço e apostolado, aprenderão a partilhar com os irmãos a experiência de Deus.

A formação dentro da comunidade será coordenada com os estudos teológicos, humanos e técnicos, as experiências práticas e de serviço necessárias para completar o caminho. Neste período, procede-se, normalmente, à formação para os diversos tipos de serviço, para a qual remetemos para o capítulo seguinte.

B. RESPONSÁVEIS

93. O professo simples

A história vocacional prossegue com a resposta quotidiana do frade, que escuta a voz do Pai que lhe fala, o reconhece presente e operante na sua vida e na dos irmãos, intensifica e aprofunda a sua experiência de seguimento de Cristo e se deixa guiar pelo Espírito Santo no caminho de transformação interior.

A abertura aos irmãos, na comunidade e fora dela, a partilha das suas alegrias, esperanças, sofrimentos, ex-

²¹⁷ Cfr. *A colaboração*, 14-16.

²¹⁸ Cfr. *Ibidem*, 25.

pectativas e necessidades, a participação no caminho de santidade e purificação da Igreja, assim como na sua missão, são disposições necessárias para que o caminho de formação seja autêntico e verdadeiro.

94. O formador

A tarefa específica do formador, nesta fase, é ajudar os professos simples a aprofundar a consciência da sua vocação carmelita, de modo que o seu seguimento do Senhor Jesus se exprima concretamente nas diversas dimensões da vida pessoal e comunitária.

²¹⁹ Cfr. CIC, cc. 653-656; const., 153-155.

O formador acompanha-os e guia-os, indica temas oportunos de aprofundamento e caminhos de experiência nas diversas áreas vitais: antropologia, espiritual, carmelita, prática, intelectual e de serviço.

O formador é também responsável pelos estudos e ajuda no caminho de formação cultural, técnica e teológica, favorecendo opções adequadas às inclinações pessoais e em sintonia com o caminho da Província e da Ordem.

95. A comunidade

Os professos simples caminham em conjunto com a comunidade religiosa de que são membros. Ela acolhe-os com as suas potencialidades e incertezas. Os outros membros da comunidade dão-se a conhecer gradualmente e ajudam os neo-professos a introduzir-se no ritmo da vida comunitária e de serviço.

Por seu lado, os professos simples são portadores de ideias e forças novas, que a comunidade tem de saber escutar e valorizar.

O formador informará regularmente a comunidade acerca do progresso dos professos simples e escutará as sugestões e impressões.

A comunidade é convocada pelo Prior provincial para exprimir o seu parecer no momento da admissão à profissão solene.

²²⁰ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS RELIGIOSOS E OS INSTITUTOS SECULARES, Instrução *Renovationis Causam* sobre a actualização da formação na vida religiosa, 6 de Janeiro de 1969, 7; Cfr. PI, 59.

²²¹ Cfr. Const., 175-176.

96. A comissão para a formação

Para a continuidade do processo de formação, é útil o intercâmbio com os responsáveis de outras fases. Isto ajuda o formador a conhecer melhor os professos simples e a acompanhá-los para a meta da profissão solene, em momentos difíceis e críticos.

97. O Prior provincial e o seu Conselho

O Prior provincial preocupar-se-á em conhecer os professos simples, em ordem às avaliações periódicas para a renovação dos votos e para a final, antes da admissão à profissão solene, que fará em conjunto com o seu Conselho²²². Nisto será ajudado pela informação regular que receberá do formador.

98. Outros agentes

Os professos simples fazem parte viva da comunidade eclesial, e, em diálogo com outros membros do povo de Deus, descobrem a sua especificidade carismática e missionária.

O formador pode ser ajudado por peritos e especialistas, que contribuam para o crescimento humano e espiritual do professo. Pode ser considerada uma possível colaboração com outros Institutos religiosos²²³.

O director espiritual, escolhido de acordo com o formador, contribui para acompanhar o frade pelos caminhos de Deus, reconhecidos por ambos no discernimento, para que a sua vida interior e exterior se se unifique cada vez mais²²⁴.

Quando for necessário, é bom propor o apoio de um psicólogo, que ajude a pessoa a conhecer-se, a superar ou integrar as suas próprias inconsistências, a relacionar-se com as exigências do novo estado de vida, a crescer de forma

madura nas relações interpessoais.

C. ESTRUTURA E CONTEÚDOS

99. O caminho depois da profissão temporária

O período da profissão temporária tem de prever a possibilidade de aprofundar o conhecimento e a experiência dos valores essenciais da vida carmelita: os formandos têm de ser ajudados a fazer um caminho de apropriação da vida religiosa, da consagração, dos votos, da vida fraterna e do serviço segundo a perspectiva oferecida pelo carisma carmelita e pela espiritualidade vivida pelos carmelitas que os precederam²²⁵.

Durante este período, os professos temporários continuarão a avançar nas diversas áreas vitais: antropológica, espiritual e carmelita, prática, intelectual e de serviço. É importante que os professos captem a unidade intrínseca das diversas áreas e cresçam integrando-as de modo progressivo e gradual²²⁶. O crescimento no caminho contemplativo favorece esta integração. É fundamental formar para a fidelidade, a generosidade e a entrega, que ajuda a enfrentar e superar os momentos de crise.

Para a validade da profissão solene são precisos pelo menos três anos de profissão temporária²²⁷.

100. Metodologia, meios e instrumentos

- a) *Os professos simples têm de ser implicados na realização do programa de formação e devem começar a assumir responsabilidades no grupo e na comunidade.*
- b) *A vida litúrgica, a oração pessoal, assim como os exercícios espirituais anuais e os dias de retiro, alimentam a vida dos professos, fazendo-os crescer na dimensão contemplativa, que permite reconhecer os caminhos de Deus nas sendas tortuosas da história humana, na bele-*

za da vida, assim como nas suas contradições e inconsistências.

- c) A inserção numa comunidade ajudará a crescer e a tornar mais realistas e concretas as relações humanas e fraternas; permitirá chegar, se necessário, a uma maturidade de relações, de capacidade de decisão e de assunção de responsabilidades.
- d) Este é o momento oportuno para realizar experiências mais específicas de apostolado, de anúncio e de compromisso com a justiça e a paz²²⁸, que não-de ser escolhidas e feitas de acordo com o formador, de modo a haver um estudo e uma verificação comum. Não-de privilegiar-se os sectores de evangelização mais próximos da espiritualidade e do carisma carmelitas. Um âmbito que habitualmente pode ser mais adequado para os professos simples é o da animação vocacional. Estes continuarão a conhecer o ambiente social em que estão inseridos para saber dialogar com as pessoas, para conhecer a sua situação e os seus problemas e caminhar com elas.
- e) Nas conversas periódicas com o formador, para além da ajuda de experiências e contributos apropriados, os professos continuam a crescer no conhecimento de si mesmos. Descobrem dotes e capacidades, enfrentando e integrando possíveis inconsistências; fazem de novo sua e, no seu caso, reconciliam-se com a sua história. Crescem na integração serena e positiva da afectividade e da sexualidade na vida espiritual; desenvolvem a capacidade de estabelecer relações maduras e de viver e colaborar com outros. O caminho espiritual ajuda-os a purificar a sua imagem de Deus. Verificarão, além disso,

²²² Cfr. *Const.*, 157 § 1c.

²²³ Cfr. *A colaboração*, 17.

²²⁴ Cfr. *PI*, 63; *EE*, 11, 47.

o caminho de apropriação da vida religiosa segundo o carisma carmelita, a unificação gradual das diversas dimensões da vida e a preparação para as tarefas futuras.

- f) É bom que todos os religiosos carmelitas conheçam, segundo a sua capacidade, pelo menos a nível básico, a Sagrada Escritura, os principais temas teológicos e os da vida espiritual e religiosa²²⁹. Todo o frade tem de poder desenvolver os dons que recebeu do Senhor. Os dotes técnicos, artísticos ou musicais podem ser um dom para toda a comunidade, para além de um meio eficaz de evangelização. Cada um deve receber uma formação adequada ao serviço ou à actividade para a qual se prepara. Para os que são chamados aos ministérios ordenados requer-se uma adequada preparação filosófico-teológica. Os conteúdos específicos para esta fase encontram-se no Programa de estudos carmelitas.
- g) É oportuno oferecer a possibilidade de desenvolver a capacidade de gestão prática da casa, assim como a manutenção das instalações e das estruturas. O conhecimento da gestão económica da comunidade e da Província favorece a participação responsável e activa na vida comunitária.

D. CRITÉRIOS DE DISCERNIMENTO

101. Avaliações periódicas e final

O professo simples, em conjunto com o formador, fará todos os anos uma avaliação do seu caminho; esta será

²²⁵ Cfr. *PI*, 59.

²²⁶ Cfr. *PI*, 60-62.65.

²²⁷ Cfr. *CIC*, 655; 657; *Const.*, 155; 157, § 1b.

comunicada à comunidade e ao Prior provincial.

No momento oportuno, antes de acabar o triênio de votos temporários, feito o discernimento com o seu formador, decide se apresentar ao Prior provincial o pedido para ser admitido à profissão solene²³⁰, ou se convém renovar a profissão temporária²³¹. A renovação é permitida até seis anos; em casos especiais, pode prolongar-se mais, mas de modo a que o período da profissão temporal não ultrapasse os nove anos²³².

O superior maior decidirá, com o voto deliberativo do seu Conselho e o consultivo do capítulo local, sobre a admissão do religioso à profissão solene²³³. Para os requisitos e procedimentos remete-se para o direito comum e para as Constituições²³⁴.

102. O discernimento em ordem à profissão solene

A pergunta central é se o professo simples pode, prudentemente, comprometer-se ou não a viver para sempre na Ordem e se esta está suficientemente disposta a aceitá-lo.

A questão é vital, fundamental e definitiva. Portanto, o relatório com o qual o candidato é apresentado há-de ser preciso, pormenorizado, realista e sincero. Os pontos fortes e os débeis devem ser observados com clareza e há-de concretizar-se de que modo o religioso os enfrentou e aceitou. Serão tidas em conta as sugestões propostas no Apêndice.

É útil fazer referência aos relatórios apresentados no fim das etapas precedentes, indicando progressos, qualidades, limites

²²⁸ Cfr. *PI*, 62.

confirmados e alcançados e áreas de crescimento.

103. Preparação para a profissão solene

Tendo em conta que a preparação para a profissão solene começa já no noviciado, no fim da período de profissão temporária é preciso intensificar a preparação para o passo definitivo. O frade tem de tomar plena consciência da seriedade deste acto e do carácter definitivo da sua consagração ao Senhor e incardinação na Ordem. Evidentemente que devemos recordar a continuidade da vida religiosa, que implica a necessidade de uma formação contínua.

Durante pelo menos um mês antes da profissão solene²³⁵, os professos simples preparar-se-ão para ela com a oração e a reflexão sobre temas específicos da vida religiosa carmelita. Este período deve ser organizado com um ou mais responsáveis que orientem os candidatos e os acompanhem na reflexão e na avaliação. No Programa de estudos carmelitas indicam-se temas e métodos.

Este mês de preparação imediata e específica pode ser organizado a nível nacional, regional ou de toda a Ordem.

5.

A FORMAÇÃO PARA O SERVIÇO A CAMINHO PARA OS OUTROS

A. OBJECTIVO E DESCRIÇÃO

²²⁹ Cfr. *PI*, 61.

104. Chamados a servir

O serviço faz parte integrante do nosso carisma²³⁶. A partir do modo carmelita de compreender e viver a contemplação, estamos dispostos para qualquer serviço, apostolado ou profissão. E uma vez que «nós, os carmelitas, temos de realizar a nossa missão no meio do povo antes de mais com a riqueza da nossa vida contemplativa»²³⁷, orientamo-nos para os serviços mais tipicamente espirituais. Por isso, façamos o que fizermos, aplicamo-nos especialmente ao caminho espiritual das pessoas. Sobretudo, o compromisso contínuo de viver o carisma contemplativo não só é a fonte do nosso serviço²³⁸, como é em si mesmo o melhor serviço que podemos oferecer, porque constitui o coração da missão que recebemos de Deus²³⁹.

Se o carisma carmelita nos faz partícipes de uma única família religiosa, os carismas pessoais enriquecem-na, exprimindo a sua múltipla beleza. Eles constituem a comunidade e determinam o serviço que cada um está chamado a realizar, tendo sempre em conta as necessidades da Província e da Ordem. Entre estes carismas estão os relativos aos ministérios ordenados; quem é chamado e aceite pela Igreja e pela Ordem, recebe o diaconado ou o presbiterado.

Mesmo na sua diversidade, os carismas são essencialmente equivalentes: «Há diversidade de carismas, mas um só Espírito; há diversidade de ministérios, mas um só é o Senhor; há

*diversidade de actividades, mas um só é Deus, que opera tudo em todos. E a cada um é dada uma manifestação particular do Espírito para proveito comum»*²⁴⁰. Esta visão supera todas as divisões injustificadas entre nós, segundo o espírito do Concílio Vaticano II, que sublinha: «Entre todos rege uma verdadeira igualdade quanto à dignidade e à acção para edificar o corpo de Cristo, que é comum a todos os fiéis»²⁴¹. Isto reflecte e leva a sério a nossa compreensão de fraternidade: «Ser *fratres* significa para nós crescer na comunhão e na unidade, superando distinções e privilégios»²⁴². Cada irmão tem o seu lugar e a sua função específica na Ordem e na Igreja para contribuir para a difusão do Reino de Deus.

105. Natureza e finalidade da formação para o serviço

A formação para o serviço, mais do que uma fase da formação, é uma dimensão que imbuí todas as fases. Portanto, formar para o serviço quer dizer ajudar a tomar consciência do chamamento pessoal e da sua consonância com a vocação do Carmelo, para evitar qualquer divisão entre o serviço específico de cada um e a sua vida espiritual e fraterna. Isso para responder à tentação actual de fazer do trabalho individual um ídolo e uma compensação de outras necessidades humanas. A formação para o serviço, além disso, leva a responder com autenticidade e disponibilidade ao Senhor que nos chama a ser servos uns dos outros e nos envia a evangelizar com o estilo de vida e o serviço específico.

É importante formar para assumir com a responsabilidade e

²³⁰ Cfr. *Const.*, 155; 157.

²³¹ Cfr. *Const.*, 155.

²³² Cfr. *CIC*, cc. 655; 657, 2; *Const.*, 155, § 1.2.

²³³ Cfr. *Const.*, 157, § 1 c.

²³⁴ Cfr. *CIC*, cc. 656; 568; *Const.*, 157.

²³⁵ Cfr. *Const.*, 156.

competência suficientes o serviço a que cada um está chamado, desenvolvendo as suas características espirituais típicas. Também não-de ser tidos em conta os serviços a desenvolver dentro das comunidades, como por exemplo, ecónomo, bibliotecário, porteiro, sacristão, cozinheiro... Há que estar atentos para descobrir as aptidões para a orientação e a formação, para dirigir as pessoas e as ajudar a desenvolver tais capacidades, sabendo colocá-las à disposição da comunidade.

A formação para o serviço deverá ser gradual, ao longo das etapas da formação. Contudo, tal preparação concentra-se habitualmente durante o período de profissão temporal e imediatamente depois da profissão solene.

É também muito importante ter em conta a idade das pessoas, os seus propósitos, as suas capacidades; os candidatos mais velhos precisam de modos de formação diferentes dos utilizados com jovens que acabaram recentemente os seus estudos.

B. RESPONSÁVEIS

106. O candidato

A pessoa, no processo de clarificação da sua vocação, descobre também que é chamada a servir e começa a responder, preparando-se adequadamente com a oração, o estudo e a experiência, aprendendo, desde o princípio, a viver de forma unitária o carisma carmelita e o serviço: duas dimensões da sua única vocação²⁴³.

²³⁶ Cfr. *Const.*, 91.

²³⁷ *Const.*, 92; cfr. também 64, 68, 95.

²³⁸ Cfr. *Const.*, 18.

²³⁹ Cfr. *Const.*, 92.

107. A comunidade

Todo o serviço é exercido na comunidade, em seu nome ou a favor dela. Já durante a formação inicial se há-de criar a capacidade de colaborar e a convicção de que o trabalho de evangelização é próprio da comunidade e não um facto primordialmente individual. A pessoa tem de ser ajudada a discernir os serviços a oferecer em diálogo com a comunidade e em sintonia com a sua vida. Também a análise da tarefa realizada se há-de fazer junto da comunidade. É a nossa vida contemplativa e fraterna que há-de determinar os tempos, os modos e a intensidade do nosso serviço, e não o contrário²⁴⁴.

108. O formador

O formador ajudará os candidatos a descobrir a dimensão do serviço, acompanhando-os no reconhecimento e na valorização dos seus dons com experiências significativas e favorecendo a preparação especializada para os diversos tipos de serviço. Além disso, avaliará, juntamente com eles, atitudes, qualidades e talentos para que compreendam se são chamados a um ministério ordenado.

O formador deve preocupar-se em favorecer nos candidatos a integração da dimensão do serviço na única vocação carmelita. Assim, também ele deverá ajudar a crescer na capacidade de colaborar e a sentir-se parte da comunidade, no que respeita ao serviço.

Também neste trabalho o formador é ajudado pela comissão

²⁴⁰ 1Cor., 12, 4-7; cfr. também *LG*, 7.

²⁴¹ *LG*, 32.

²⁴² *Const.*, 19. cfr. também *O Carmelo: um lugar, um caminho*, 3. 4.

provincial para a formação.

109. O Prior provincial

O Prior provincial acompanha o processo de formação para o serviço, acerca do qual é informado regularmente pelo formador. Além disso é responsável para que os candidatos aos ministérios ordenados consigam a preparação académica e pastoral exigida pelo direito comum²⁴⁵.

Enquanto ordinário, o Prior provincial é responsável tanto pela admissão ao caminho formativo em ordem aos ministérios, como pela admissão a cada ministério instituído e ordenado, depois de ter comprovado que se cumprem os requisitos necessários²⁴⁶. É ele quem confere os ministérios do leitorado e do acolitado²⁴⁷, e é ele quem dá as cartas dimissórias a quem vai ser ordenado diácono ou presbítero²⁴⁸.

110. Outros agentes

O director espiritual, escolhido de acordo com o formador, ajudará sobretudo a unificar as diversas dimensões da vida, encontrando o justo equilíbrio entre elas, e a amadurecer as aptidões espirituais necessárias para o exercício do serviço.

Os professores de teologia e os demais professores têm nesta fase uma função importante na oferta de conteúdos para o crescimento e o amadurecimento da pessoa²⁴⁹.

Também a família, as comunidades cristãs, paroquiais e de base, os grupos e os movimentos em que os religiosos estão inseridos contribuem para o seu crescimento; ajudam-nos a tomar contacto com a realidade do tecido humano em que vivem e actuam, aprendendo a caminhar junto com os irmãos e irmãs como testemunhas, servos e orientadores espirituais²⁵⁰.

C. ESTRUTURA E CONTEÚDOS

111. O caminho de formação para o serviço

O compromisso de se configurar com Cristo, que o carmelita já vive por vocação, é, de por si, a melhor preparação para o serviço.

Todo o candidato tem de ser preparado adequadamente com os conhecimentos de tipo teórico e a competência de ordem prática necessária para o seu serviço específico, em estreita correlação com a espiritualidade e o estilo de vida carmelitas. Para os que se encaminham para o leitorado, acolitado, diaconado ou presbiterado, hão-de ser tidas em conta as indicações da Igreja universal²⁵¹ e as das Conferências episcopais acerca dos estudos e da preparação pastoral.

112. Metodologia, meios e instrumentos

- a) A cada frade é conferido o ministério ou confiado outro tipo de serviço que melhor corresponda à sua vocação específica, como se revela no processo de discernimento descrito. Contudo, evitar-se-á desnaturalizar a dignidade da vocação religiosa, que tem valor intrínseco no seio da Igreja, para além do seu vínculo com algum ministério ou serviço.
- b) Durante as etapas de formação inicial, e especialmente no período depois da profissão solene, fazem-se experiências de colaboração no serviço e no apostolado. Partilhar estas experiências pode favorecer o sentido de comunhão e de colaboração, no qual nos havemos de formar.

²⁴³ Cfr. *PI*, 108.

²⁴⁴ Cfr. *Const.*, 32-34.

- c) Todos os carmelitas, especialmente os chamados ao presbiterado e ao diaconado, têm de ser formados na comunhão eclesial, para poderem prestar o seu serviço em comunhão com a Igreja local, contribuindo com a riqueza do seu carisma e o chamamento à universalidade da Igreja²⁵².
- d) Para os que se encaminham para os ministérios ordenados, a recepção do leitorado e do acolitado tem uma função pedagógica²⁵³, porque o seu exercício ajuda a desenvolver o sentido de eclesiologia de comunhão e de sacramentalidade da Igreja; além disso, faz experimentar a complementaridade entre sacerdócio comum e sacerdócio ministerial. Tais ministérios não se devem menosprezar ou considerar apenas passos obrigatórios, mas devem exercer-se realmente. O leitorado dá oportunidade de desenvolver a dimensão da escuta e do anúncio da Palavra, própria do Carmelo; o acolitado, por seu lado, reforça e torna mais íntima e concreta a centralidade da Eucaristia, impulsionando a servir os mais débeis e doentes. Onde houver necessidade e uma real vocação, os ministérios instituídos, dado que são essencialmente laicais, também se podem conferir a frades que não são chamados ao presbiterado ou ao diaconado permanente²⁵⁴.
- e) Alguns frades são chamados ao diaconado permanente, enquanto que os encaminhados para o presbiterado o recebem em razão dele. Todos devem fazer experiências concretas de serviço da caridade, da palavra e da liturgia. Por isso, é oportuno que o diaconado seja exercido em

todas as suas dimensões, sem se limitar apenas ao serviço litúrgico.

- f) Os que se encaminham para o presbiterado, para além da preparação académica e de experiências pastorais, encontram uma preparação válida nos próprios elementos essenciais da vida carmelita. A Eucaristia, posta no centro da vida comunitária e pessoal, cume e fonte da vida da Igreja, ajuda-os a crescer na capacidade de se entregar a Deus para o serviço da comunidade dos irmãos e irmãs. A escuta diária da Palavra transforma-os gradualmente e capacita-os para o anúncio com a vida e o serviço que realizarão. A oração contínua faz crescer neles a sensibilidade para a intercessão e o louvor em favor de toda a comunidade. A proximidade do povo de Deus e a participação na sua vida fazem nascer e desenvolver-se a necessária caridade pastoral. A direcção espiritual e a confissão, para além de apoiar o caminho espiritual pessoal, ajudam-nos a desenvolver a escuta e o acolhimento, que lhes serão úteis quando forem chamados a servir os outros no ministério.

²⁴⁵ Cfr. *PI*, 104-105.

²⁴⁶ Cfr. *CIC*, c. 1025.

²⁴⁷ Cfr. *Ministeria quaedam*, 9.

²⁴⁸ Cfr. *CIC*, c. 1019.

²⁴⁹ Cfr. *Pdv*, 67.

²⁵⁰ Cfr. *Pdv*, 68.

²⁵¹ Cfr. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Decreto sobre a formação sacerdotal *Optatum totius*, 28 de setembro de 1965; Decreto sobre o ministério e a vida dos presbíteros *Presbyterorum ordinis*, 7 de dezembro de 1965; Paulo VI, Carta ap. *Sacrum diaconatus ordinem*, 18 de maio de 1967; Carta ap. motu proprio *Ad pascendum*, 15 de agosto de 1972; João Paulo II, Exortação ap. pós-sinodal *Pastores dabo vobis*, 25 de março de 1992; CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA E CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis*, 19 DE MARÇO DE 1985; *Directorium pro presbyterorum ministerio et vita*, 31 de janeiro de 1994; *Ratio fundamentalis diaconorum permanentium e Directorium ministerii et vitae diaconorum permanentium*, 22 de fevereiro de 1998.

D. CRITÉRIOS DE DISCERNIMENTO

111. Discernimento para a admissão aos serviços e aos ministérios

Os candidatos a qualquer ministério ou serviço farão o pedido ao Prior provincial, o qual, escutado o formador e a comunidade, com o parecer do seu Conselho, julgará e decidirá²⁵⁵, tendo em conta também os resultados das experiências feitas pelos candidatos durante a formação.

No tocante aos ministérios, o discernimento versará especialmente sobre a aptidão específica do candidato para o exercício de tal ministério. Não-de considerar-se também os possíveis ecos e opiniões do povo cristão sobre a pessoa do candidato e sobre a sua capacidade de serviço.

Para os escrutínios não-de seguir-se as indicações que a Congregação para o culto divino e a disciplina para os sacramentos sugerem²⁵⁶. Os critérios recolhidos no Apêndice podem ser úteis para a dimensão do serviço. Naturalmente, não-de ter-se sempre em conta os requisitos previstos pelo direito comum²⁵⁷.

6.

FORMAÇÃO PERMANENTE SEMPRE A CAMINHO...

A. OBJECTIVO E DESCRIÇÃO

114. Natureza e finalidade da formação permanente

A formação é uma tarefa que dura toda a vida. Neste

²⁵² Cfr. PI, 108; 109.

²⁵³ Cfr. *Ministeria quaedam*, 11.

sentido, a formação permanente não é uma fase especial, mas o quadro dentro do qual se organiza todo o processo de formação em todos os seus aspectos. Daí se conclui que a formação permanente é o modo de viver a nossa identidade carmelita como um processo contínuo de transformação até alcançar a plena maturidade em Cristo: «A pessoa consagrada nunca poderá considerar que completou a gestação daquele homem novo que experimenta dentro de si, em todas as circunstâncias da vida, os mesmos sentimentos de Cristo»²⁵⁸.

O Pai chama-nos todos os dias por caminhos sempre novos, mas nem sempre lineares, para seguir Cristo e para estar atentos às sugestões do Espírito²⁵⁹. De facto, a nossa vida muda continuamente e é normal atravessar momentos difíceis e de crise. Por isso há que aprender a ser criativos na fidelidade, atentos ao que o Espírito nos diz nos acontecimentos da vida e do mundo em que vivemos²⁶⁰.

O nosso caminho não é um caminho solitário. Fazemos parte da fraternidade carmelita e temos portanto de cuidar da actualização, do interesse e do conhecimento de tudo o que acontece na Ordem. Fazemos parte da Igreja e, nela e com ela, estamos ao serviço do mundo. Por isso, conjuntamente com toda a Ordem, temos de perceber as mudanças e responder de uma forma sempre nova às expectativas da Igreja e do mundo, renovando espiritualidade, estilo de vida, tipos de serviço e métodos pastorais.

B. RESPONSÁVEIS

115. O carmelita

Cada carmelita é responsável pela sua própria forma-

²⁵⁴ Cfr. *Ministeria quaedam*, 3.

ção, para o seu bem, o bem da Igreja, da Ordem e do povo que serve. Tem de aprender a formar-se de modo integral e unitário²⁶¹.

A atitude que é preciso cultivar é o sentido de humildade e de pobreza, pelo qual o religioso nunca considera terminada a sua formação e permanece sempre aberto a novas experiências, a tudo o que o futuro lhe trará, disponível para todas as possíveis mudanças.

116. O Prior provincial e a província

O Prior provincial é o responsável pelo bem-estar e pela saúde espiritual dos seus frades. Por isso preocupar-se-á por pôr em andamento iniciativas oportunas para garantir o caminho de cada um. Os colóquios com os frades podem ser uma ocasião para favorecer o processo. A Província tem de ter um programa de formação permanente, no qual se enumeram, segundo as prioridades, os objectivos e se analisam os sectores de crescimento e de renovação²⁶². É bom que um dos conselheiros provinciais seja o responsável pelos programas de formação permanente. O Prior provincial confiará a um irmão o trabalho de acompanhar os primeiros passos dos que saem da formação inicial.

117. O Prior local e a comunidade

O Prior local favorecerá momentos de encontro, de intercâmbio, de actualização, retiros e momentos de espiritualidade; dará informação e a oportunidade de participar em

²⁵⁵ Cfr. CIC, c. 1051.

²⁵⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Carta circular sobre os Escrutínios acerca da idoneidade dos candidatos às Ordens sagradas*, 10.11.1997

²⁵⁷ Cfr. CIC, cc. 1024-1052.

momentos de formação organizados a outros níveis²⁶³.

C. ESTRUTURA E CONTEÚDOS

118. O caminho de formação permanente

A formação permanente é um processo que requer esforço contínuo e quotidiano e não desemboca em actividades ocasionais. A formação integral da pessoa tem de implicar a dimensão espiritual e do carisma, humana, comunitária, apostólica, cultural e profissional²⁶⁴.

Há momentos e situações especiais nas quais é oportuno, e às vezes até necessário, oferecer possibilidades de formação específica para acompanhar adequadamente a passagem de uma situação da vida para outra, ou para a assunção de novas responsabilidades²⁶⁵.

119. Metodologia, meios e instrumentos

Para favorecer o crescimento integral, é preciso:

- A nível pessoal:

- a) *Cuidar o próprio caminho espiritual, mediante a vida sacramental, a participação na oração comunitária, a assiduidade à oração pessoal, os exercícios espirituais anuais e a direcção espiritual.*
- b) *Participar em cursos periódicos de renovação e actualização sobre temas bíblicos, teológicos, pastorais e espirituais, em especial de espiritualidade carmelita; de-*

²⁵⁸ VC, 69.

²⁵⁹ Cfr. PI, 67; Const., 168.

²⁶⁰ Cfr. PI, 67, cfr. também VC, 70.

dicar tempo à leitura e ao estudo; acompanhar as publicações da província e da Ordem; estar a par de tudo o que acontece no Carmelo, na Igreja e no mundo.

- c) *Cuidar do bem-estar físico e psicológico, com uma dieta apropriada, exercícios físicos razoáveis regulares; cuidar das relações de amizade, o tempo livre, os interesses artísticos e os hobbies.*

- A nível local:

- a) *Construir comunidades evangélicas, vivas e dinâmicas.*
 b) *Dar a todos a possibilidade de participar em momentos de formação organizados a diversos níveis.*
 c) *Actualizar as bibliotecas conventuais.*

- A nível provincial:

- a) *Oferecer actividades de formação orgânicas, servindo-se de uma comunidade que se ocupe especificamente delas.*
 b) *Organizar momentos de formação por grupos homogêneos (prios, párocos, formadores,...).*
 c) *Organizar em cada Província uma biblioteca especializada em temas carmelitas.*

- A nível da Ordem:

- a) *Organizar encontros por grupos homogêneos (prios, formadores, párocos, reitores de santuários, ...).*
 b) *Organizar cursos internacionais de formação permanente.*
 c) *Coordenar os institutos carmelitas de cultura e investigação.*

²⁶¹ Cfr. VC, 71.

D. MOMENTOS ESPECIAIS

120. A passagem da casa de formação para outra comunidade

O momento em que um frade termina a sua formação inicial coincide também com a passagem da comunidade de formação para comunidades compostas por religiosos talvez mais velhos, com mentalidades e formas de agir que podem ser diferentes; a passagem do idealismo do período de formação para a realidade da vida comunitária e provincial; dos caminhos preparados e acompanhados para a responsabilidade da autonomia; das reflexões teóricas para a experiência concreta.

São apenas exemplos de como é necessário, nesta fase de passagem, que a pessoa seja acompanhada por um irmão a quem se dirigir para lhe fazer perguntas e dialogar sobre dificuldades e problemas. Este responsável pode organizar momentos de encontro, de intercâmbio e de formação entre frades que se encontrem nesta fase.

121. Quando uma pessoa se acostuma...

Depois de alguns anos de profissão solene e de serviço, é preciso fazer novamente o balanço da vida, encontrar motivações e impulso para evitar fixar-se em situações de individualismo, de rotina ou de tentação, face ao de-

²⁶² As atribuições do Provincial e da Província indicam-se, resumidamente, na RIVC, 62.

²⁶³ As atribuições do Prior e da comunidade indicam-se, resumidamente, na RIVC, 56.

²⁶⁴ Cfr. PI, 68; VC, 71.

²⁶⁵ Cfr. PI, 70; VC, 70.

sencanto pela escassez de resultados ou pela indiferença. É preciso reencontrar a unidade da vida à volta do núcleo vocacional e da pessoa de Cristo, deixando-se transformar ulteriormente, até à plena maturidade n'Ele. Este é o momento para fazer cursos de actualização, para um ano sabático ou outras iniciativas de formação realizadas em colaboração com outras Províncias.

122. Os momentos de crise

Se levarmos a sério a vida espiritual, no caminho de uma amizade crescente com Deus, depararemos com momentos de crise espiritual que talvez possam afectar-nos a nível existencial. De facto, longe de ser regular e linear, o processo de transformação interior implica frequentes rupturas ou saltos e o crescimento espiritual não é uma simples renovação da oração ou de outras actividades, antes implica toda a pessoa.

Nestes períodos, quando experimentamos trevas e aridez, existe sempre a tentação de deixar a oração ou de a reduzir a uma mera formalidade. Por isso é importante reflectir sobre as próprias experiências de crise com a ajuda de um director espiritual ou de um companheiro espiritual. Isso pode ajudar a descobrir se não se trata de um sinal de que a pessoa alcançou uma fase decisiva no caminho de transformação e Deus a está a convidar para perseverar na oração pessoal e para ir para além de uma actividade de completa abertura e confiança no seu amor transformante para a poder conduzir a uma nova experiência d'Ele²⁶⁶.

Além destas crises normais da vida espiritual, é possível atravessar momentos de crise existencial. Qualquer situação, mesmo a mais trágica, se se viver de forma madura, pode ser ocasião de formação e de transformação ulterior. Para compreender isto e para se abrir à acção de Deus, é

útil a ajuda do director espiritual. A contribuição de outros peritos, como psicólogos ou psiquiatras, pode ajudar a pessoa a compreender-se melhor a si mesma e a continuar o caminho. Nestes momentos é importante ser amparados pela simpatia, a confiança e o apoio dos irmãos. A comunidade não tem de julgar ou culpar, mas animar e empurrar para descobrir e dar nova vida aos recursos pessoais.

123. A assunção de novas funções

A assunção de um novo ministério ou serviço tem de ser apoiada com uma preparação adequada. Quem é chamado a assumir responsabilidades e funções novas, tem de fazer suas as qualidades espirituais e assumir as capacidades técnicas e práticas necessárias para o seu exercício.

Pela delicadeza do seu trabalho, sobretudo para os formadores, é necessário prever um momento de formação específico antes de começarem o seu serviço e ocasiões periódicas de actualização²⁶⁷.

Quando um religioso deixa um cargo também precisa de uma certa atenção da parte dos superiores e dos irmãos, para que a transição seja apoiada e se converta em ocasião de novo impulso para outras metas.

124. A idade avançada

É preciso saber envelhecer e preparar-se para saber deixar coisas, cargos e vínculos. É preciso saber desfrutar das novas gerações e estar contentes por lhes deixar espaço e liberdade de acção. A capacidade de comunicar com delicadeza e respeito a sabedoria pessoal e a experiência da vida, assim como saber transmitir a memória histórica, são dons próprios desta fase da vida.

É preciso integrar os idosos nas comunidades, cuidar deles com atenção e simpatia²⁶⁸. Podem organizar-se encontros específicos

para os mais idosos e momentos de fraternidade ou espirituais para eles.

O caminho contemplativo de transformação terá conduzido o carmelita até à configuração com Cristo no seu mistério pascal, preparando-o para ir com esperança para o abraço com o Pai, chegando assim à meta da união transformante com Deus, para a qual um dia se tinha posto a caminho²⁶⁹.

III PARTE

PROGRAMA DE ESTUDOS CARMELITAS

125. Porquê um programa de estudos

Este programa de estudos é um quadro orgânico de referência, no qual são colocadas as matérias de estudo necessárias para uma formação integral dos candidatos à vida carmelita.

Os modos de comunicação e a organização têm que ser determinados pelos formadores, conforme as exigências e as necessidades de cada Província e de cada ambiente cultural.

A. PRÉ-NOVICIADO

126. Fundamentos antropológicos da vida espiritual pessoal e comunitária

²⁶⁶ Cfr. SÃO JOÃO DA CRUZ, *Noite*, 1, 9-10.

- *Traços de Antropologia cristã.*
- *Elementos de psicologia.*
- *Dinâmica do crescimento humano e espiritual.*
- *Dinâmica de grupo.*
- *Afectividade e sexualidade.*
- *Conhecimento do ambiente social.*
- *Visão da realidade à escala mundial.*
- *Sensibilização para a ecologia, a justiça e a paz.*

127. Educação geral

Preparação escolar suficiente, melhor se humanística. Um diploma de estudos que dê acesso à universidade ou a institutos de estudos superiores, ou completar um curso técnico ou profissional.

• *Conhecimento da cultura e da história do país de origem e do país em que é formado. Conhecimento da cultura dos companheiros de formação.*

• *Conhecimento da literatura cristã mais importante.*

• *Estudo de línguas. Pelo menos uma das três línguas oficiais da Ordem (italiano, espanhol ou inglês); línguas clássicas; línguas úteis para a missão da Província.*

• *Desenvolvimento das qualidades técnicas, práticas, profissionais, artísticas e musicais.*

• *Elementos de informática.*

• *Se necessário, elementos de medicina, cuidado da saúde e da higiene pessoal.*

²⁶⁷ Cfr. VC, 66; *A colaboração*, 23-26.

128. Fundamentos de vida cristã

- *Catequese e aprofundamento da formação cristã; especialmente sobre os sacramentos da iniciação e da reconciliação.*
- *Introdução à Sagrada Escritura.*
- *Jesus e o seu Evangelho.*
- *Vista panorâmica da história bíblica e da Igreja.*
- *Iniciação à liturgia.*
- *Iniciação à oração.*

129. O Carmelo

- *Elementos básicos da teologia da vida consagrada (vocação, discernimento, decisão, votos...).*
- *Informação geral sobre a Ordem e a Província.*
- *Informação geral sobre a história do Carmelo.*
- *Primeiro contacto com figuras e textos significativos.*
- *Primeiro contacto com o carisma e a espiritualidade do Carmelo.*
- *Elias e Maria na Escritura.*
- *Estudo da *Ratio institutionis Vitae Carmelitanae* (Parte I e fase do pré-noviciado).*

²⁶⁸ Cfr. *Const.*, 38.

²⁶⁹ Cfr. SÃO JOÃO DA CRUZ, *Chama*, 1, 29-36.

130. Experiências práticas

- *Alguma experiência das formas de apostolado mais significativas desenvolvidas na Província.*
- *Alguma experiência de serviço social e ulterior reflexão sobre ela.*

B. NOVICIADO

131. Fundamentos antropológicos da vida espiritual pessoal e comunitária

- *profundamento e desenvolvimento daquilo que se fez no noviciado, a fim de o interiorizar e integrar na vida.*

132. Fundamentos de vida cristã

- *Sagrada Escritura: introdução aos Salmos, ao profetismo e aos Evangelhos.*
- *Elementos de cristologia.*
- *Elementos de eclesiologia.*
- *Elementos de espiritualidade.*
- *Elementos de liturgia.*

133. Teologia da vida religiosa

- *Consagração e seguimento: fundamentos bíblicos, teologia, espiritualidade.*
- *Votos: fundamentos bíblicos, teologia, espiritualidade, direito, prática.*
- *Vida comunitária: fundamentos bíblicos, teologia, espiritualidade, prática.*
- *História, formas e legislação da vida religiosa.*
- *Documentos conciliares e pós-conciliares sobre a vida religiosa²⁷⁰.*

- *Eclesialidade da vida religiosa e a sua missão na Igreja e no mundo.*

134. Regra, Constituições e documentos da Ordem

- *Contexto histórico, autor, aprovação definitiva da Regra.*
- *Valores centrais da Regra.*
- *As diversas interpretações e leituras da Regra.*
- *As Constituições.*
- *Estudo da *Ratio Institutionis Vitae Carmelitanae* (Parte I e fase do noviciado).*
- *Os documentos principais da Ordem depois do Concílio Vaticano II.*

135. O carisma carmelita

A. Contemplação

- *Dinamismo da vida interior.*
- *Contemplação na tradição carmelita.*
- *Ascese e purificação.*
- *Direcção espiritual.*

B. Oração

- *Teologia da oração.*
- *Oração na tradição espiritual do Carmelo.*
- *Eucaristia e liturgia das Horas.*
- *Iniciação às diversas formas de oração da nossa tradição (*lectio divina*, experiência da presença de Deus, oração aspirativa, oração silenciosa, meditação...).*

C. Fraternidade

- *Estruturas e dinâmica da vida fraterna propostas pela Regra e pela tradição do Carmelo.*

- *Formação para o diálogo no Espírito: projecto comunitário, revisão de vida, correcção fraterna...*

D. Serviço no meio do povo

- *Educação para a escuta e a leitura da realidade emergente da Igreja, do mundo e do território: vantagens e problemas.*
- *Unicidade do carisma e diversidade dos serviços.*
- *Tipologias de serviço emergentes da tradição carmelita.*
- *Possibilidade de alguma experiência concreta de serviço e posterior reflexão sobre ela.*

136. História do Carmelo

- *As origens até à plena formação da Ordem (séc. XIII – início do séc. XIV).*
- *Desenvolvimento: vida, legislação, espiritualidade, cultura, missão e serviço.*
- *Geografia da Ordem, antiga e moderna.*
- *As reformas:*
 - a) Porquê reformar a Ordem?*
 - b) A Congregação Mantuana.*
 - c) A reforma dos gerais (Soreth, Audet, Rossi, o Concílio de Trento...).*
 - d) A reforma teresiana.*
 - e) A reforma de Touraine e a «mais estrita observância».*
- *Crises dramáticas: Reforma Protestante, Revolução francesa, supressões (napoleónica e nacionais), Guerra civil espanhola.*
- *O renascimento (sécs. XIX-XX).*
- *A Família Carmelita (monjas, irmãs, leigos).*
- *A Ordem a partir do Vaticano II (documentos, factos)*

e tendências.

- Linhas históricas da própria Província.

137. Elias e Maria

A) Elias

- Elias na Bíblia.
- Elias na tradição judaica, patrística e monástica.
- Elias na tradição carmelita:
 - a) Elias modelo de vida.
 - b) Elias «fundador».
 - c) A crítica histórica.
 - d) Elias para os carmelitas de hoje.

B) Maria

- Maria na Bíblia.
- Elementos de mariologia.
- Maria na tradição carmelita:
 - a) A «Senhora do Lugar».
 - b) A Padroeira-Mãe.
 - c) A Virgem puríssima-Irmã.
 - d) A Senhora do Escapulário.
 - e) O papel de Maria no caminho contemplativo do carmelita.
 - f) Maria para os carmelitas de hoje.

138. Santos e figuras emergentes

- Santos do Carmelo: conhecer a vida e a obra daqueles

²⁷⁰ Especialmente: *Lumen gentium* 43-47, *Perfectae caritatis*, *Christus Dominus* 33-35, *Evangelica testificatio*, *Mutuae relationes*, *Código de Direito Canônico 1983* (Livro II, parte III), *Redemptionis donum*, *Potissimum institutioni*, *A vida fraterna em comunidade*, *Vita consecrata*.

que figuram no calendário próprio da nossa Ordem, especialmente:

Santo Alberto de Jerusalém.
 Santa Teresa de Jesus.
 São João da Cruz.
 Santa Maria Madalena de Pazzi.
 Santa Teresa do Menino Jesus.
 Beata Isabel da Trindade.
 Santa Teresa Benedita da Cruz – Edith Stein.
 Beato Tito Brandsma.

- Algumas informações sobre os seguintes escritores carmelitas:

Nicolau Gálico.
 Siberto de Beka.
 João Baconthorpe.
 Miguel Aiguani.
 Filipe Ribot.
 Arnaldo Bostio.
 Miguel de la Fuente.
 João de São Sansão.
 Miguel de Santo Agostinho.
 João Brenninger.
 Bartolomeu Xiberta.

- Figuras emergentes da própria Província.
- Aconselha-se a leitura dos textos seguintes:
Nicolau Gálico, Ignea sagitta.
De institutione primorum monachorum.
Santa Teresa de Jesus, Livro da Vida.
São João da Cruz, uma antologia.

Santa Maria Madalena de Pazzi, uma antologia.

Santa Teresa do Menino Jesus, Manuscritos autobiográficos.

Beato Tito Brandsma, A Beleza do Carmelo.

Lourenço da Ressurreição, Prática da presença de Deus.

C. PERÍODO DA PROFISSÃO TEMPORÁRIA E DA FORMAÇÃO PARA O SERVIÇO

139. Educação geral

Retomar e aprofundar tudo o que se começou e se fez no pré-noviciado e no noviciado. Dê-se especial atenção ao estudo das línguas, da música e das artes, elementos de informática, economia e arquivística.

140. Formação filosófica e teológica

Os que não frequentam um curso regular de teologia devem participar num curso fundamental de formação teológica, conforme as capacidades pessoais.

Para a formação para os ministérios instituídos e ordenados seguir-se-ão as indicações da Santa Sé e das Conferências episcopais.

Deve garantir-se a continuação da formação para a vida religiosa.

141. Formação carmelita

Deve-se continuar o aprofundamento de todos os temas apresentados no noviciado.

- *Estudo da Regra, das Constituições e da Ratio institutionis Vitae Carmelitanae (Parte I, fases da profissão temporária, da formação para o serviço e da formação permanente).*
- *Textos importantes da tradição carmelita:*

Nicolau Gálico, Ignea sagitta.

De institutione primorum monachorum.

Medieval Carmelite Heritage, ed. ^a Staring, Roma, 1989.

Arnaldo Bóstio, De patronatu et patrocinio B. V. Mariae.

Beato João Soreth, Expositio paraenetica in Regulam carmelitanam.

- *Maria e Elias: retomar os temas apresentados no noviciado e aprofundá-los com a ajuda de textos como:*

Para Elias: Emanuel Boaga, No espírito e na vida de Elias.

Antologia de documentos e subsídios, Roma, 1990.

Para Maria: Emanuel Boaga, Com Maria nos caminhos de Deus. Antologia da marianidade carmelita, Roma, 2000.

Para ambos: os textos litúrgicos.

- *Mestres do Espírito: aprofundar a espiritualidade e as obras de:*

Santa Teresa de Jesus.

São João da Cruz.

Santa Maria Madalena de Pazzi.

João de São Sansão.

Santa Teresa do Menino Jesus.

Santa Teresa Benedita da Cruz – Edith Stein.

Outras figuras.

- *História da Ordem.*
- *Liturgia carmelita.*
- *Temas de espiritualidade.*
- *Os diversos apostolados e serviços da Ordem relacionados com o carisma.*
- *O contributo da Ordem na missão “ad gentes”.*
- *Relação e colaboração com os outros componentes da Família carmelita.*

142. Experiências internacionais

- *Estudo das línguas noutras países.*
- *Participação em encontros regionais e internacionais.*
- *Possibilidade de intercâmbios para o estudo.*

143. Mês de preparação imediata para a profissão solene

- *Clima de silêncio e de oração.*
- *Releitura e avaliação da própria história vocacional à luz da Palavra de Deus.*
- *Retomar e integrar os temas fundamentais da vida consagrada, dos votos, do carisma e da espiritualidade carmelitas (Regra, Constituições, Ratio Institutionis Vitae Carmelitanae, Parte I).*
- *Oito dias de exercícios espirituais.*

D. ESPECIALIZAÇÃO**145. Preparação específica**

Todos os que tiverem capacidade e possibilidades devem ser animados a continuar os estudos e a preparação profissional ou técnica necessária para a sua formação e o serviço da Ordem e da Igreja. Para além das aptidões e interesses pessoais, devem ter-se presentes as necessidades concretas da Província.

Para os critérios de eleição das especializações teológicas, sugere-se que se dê preferência às seguintes áreas mais próximas do carisma e da vida da Ordem:

- *Sagrada Escritura.*
- *Espiritualidade.*
- *Mariologia.*
- *Liturgia.*
- *Vida religiosa.*

- *Missionologia.*
- *História da Igreja.*
- *Patrística.*

Qualquer serviço e apostolado específico deve ser preparado adequadamente. É fundamental a formação dos futuros formadores.

APÊNDICE

Para ajudar os formadores a fazer as avaliações periódicas e sobretudo as que dizem respeito à admissão ao noviciado e às profissões temporária e solene, propomos um esquema de referência, que não pretende ser nem exaustivo nem completo, e terá que ser adaptado às pessoas e às situações locais e culturais.

Além disso, há que ter sempre em conta a regra da gradualidade e da progressividade no processo de formação e a possibilidade, sempre presente na pessoa, de poder crescer, amadurecer e mudar. Por outras palavras, não se pode esperar que as qualidades indicadas a seguir estejam completamente desenvolvidas no pré-noviço, mas é necessário que apareçam pelo menos em potência; a referência às próprias dimensões e qualidades na avaliação para a admissão à profissão temporária e à solene, deverá ter claramente um nível e uma intensidade diferentes.

Para cada etapa é preciso ter em conta o que se diz nos números sobre os critérios de discernimento, nos quais se propõem as questões específicas relativas a cada passo.

a. Dimensão antropológica

O candidato:

1. Está disposto a entrar num processo humano e espiritual de amadurecimento e a deixar-se conduzir nele; é capaz e está disposto a examinar a sua personalidade e a sua história com um sã realismo; aprofundou o conhecimento de si mesmo; mostra um bom equilíbrio entre as capacidades afectivas e intelectuais.

2. Reconhece e aceita a sua sexualidade e trabalha na sua integração; está disposto a estabelecer relações maduras com homens e mulheres, a comunicar com abertura e sinceridade; é sensível, capaz de se mergulhar e de empatia, é capaz de aceitar a alteridade.

3. Tem sentido de responsabilidade; sabe tomar decisões; leva as coisas até ao fim; dá provas de estabilidade e auto-controlo; é capaz de enfrentar conflitos, críticas, frustrações e momentos de crise; mostra um justo equilíbrio entre a atenção às necessidades pessoais e a atenção às dos outros.

4. Sabe aceitar outras culturas; é tolerante e tenta superar os preconceitos; mostra interesse pela vida, a história, o ambiente em que vive e os seus problemas; está atento à realidade social, política, cultural, aos problemas da justiça e da paz, à salvaguarda da criação.

5. É capaz de integrar harmoniosamente vida de oração, fraternidade, serviço, estudo e recreio, organizando o seu tempo de modo significativo e sabe estar sozinho.

6. Durante o período de formação decorrido mostrou interesse e manifestou-se digno de confiança nas experiências feitas.

b. Dimensão espiritual e carmelita

O candidato:

1. Tem uma boa vida de oração e mantém uma relação pessoal com Deus presente na sua Palavra, na Eucaristia, no seu próprio íntimo, no seu povo e nas circunstâncias diárias; fez uma clara opção por Jesus Cristo e manifesta-a na vida quotidiana; tem um sadio sentido eclesial;

2. Aceita de modo pessoal e activo a consagração religiosa como se exprime na nossa Regra, nas Constituições e nos demais documentos da Ordem; está convencido de cada um dos votos e de que a fidelidade a eles contribui para o pleno desenvolvimento da sua pessoa; reconhece em si a capacidade de viver o carisma carmelita;

3. Vive a vida comunitária com fantasia e empenho; mostra interesse pela vida da Ordem e da Província, que conhece e cuja vida e missão partilha.

c. Dimensão intelectual

O candidato:

1. Mostra capacidade para os estudos, e estuda regularmente com resultados suficientes; tem outros interesses diferentes dos estritamente académicos;
2. Tentou aprender uma ou mais línguas;
3. É capaz de integrar de maneira pessoal a teoria e prática no campo teológico, social, profissional, etc.

d. Dimensão prática

O candidato:

1. Reconheceu, acolheu e desenvolveu os dons recebidos do Senhor e soube pô-los à disposição da comunidade;
2. Mostrou-se interessado pela casa e pela sua gestão; adquiriu alguma capacidade técnica ou prática, útil para a vida da comunidade.

e. Dimensão do serviço

O candidato:

1. Compreende a missão da Ordem e mostra-se disponível para participar nas diversas formas de serviço na Província e na Ordem; mostra capacidades, qualidades e interesses a valorizar;
2. É sensível ao grito dos pobres e quer trabalhar pela evangelização, a justiça e a paz; tem interesse pela missão *ad gentes*.
3. Tentou realizar, no período em questão, algumas formas particulares de serviço, que oportunamente se têm de avaliar.

No fim do seu relatório, o formador exprime o seu juízo pessoal e o que espera do candidato. Além disso, anota o ponto de vista da comunidade local, expondo de forma clara possíveis avaliações divergentes.

ÍNDICE ANALÍTICO

Citam-se os números da RIVC

A

Acolitado: Serão tidas em conta as indicações da Igreja universal 111; função pedagógica 112d; pode conferir-se também a frades que não são chamados ao presbiterado nem ao diaconado permanente 112d.

Admissão: competência do Prior provincial 62; ao pré-noviciado 70; ao noviciado 80; à profissão temporal 90, 91; à profissão solene 95, 97, 101; em ordem aos ministérios 109, 113; apêndice.

Afectividade: nas relações com os outros 13; apropriação dos valores 15; na relação com Deus 25; crescer na integração serena e positiva 100e; programa de estudos: pré-noviciado 126; apêndice; ver também: *sexualidade*.

Amor de Deus: chama e transforma 1; fazer experiência 1, 6, 51; crescer nele 16; ocultos no amor 26; amor transformante 26.

Animador vocacional: membro da comissão de formação 59; tenha um colaborador em cada comunidade 66, 69b; funções 67, 69b, 69 d.

Apostolado: ver: *missão, serviço no meio do povo*.

Ascese: caminho ascético 26;

compromisso ascético 27; esforço por construir a fraternidade 35; Maria, modelo 49; programa de estudos: noviciado 135.

Atitude contemplativa: ver: *contemplação*.

C

Caminho espiritual: descrição geral 1, 52; acompanhados por Maria 2; junto com os irmãos 2, 35; como Elias companheiros de viagem dos nossos contemporâneos 2; para ele somos convidados pela Regra 2; um caminho de conversão gradual e progressiva 5; ajuda da formação 12; conversão 13; a contemplação constitui o caminho interior 23; ajudas do serviço gratuito para o caminho 23; caminho interior 24; caminho evangélico 25; caminho ascético 26; um caminho no deserto 27; a confrontação com a Palavra de Deus e a oração 28, 32; partilhar com os irmãos o caminho pessoal 32; ajuda recíproca 37; permite descobrir a própria fragilidade e torna solidários com quem vive na escassez e na injustiça 43; função de Maria 44, 48, 49; trabalho no caminho quotidiano 51; o formador deve ter

um pouco de experiência prática 57; tarefas do formador e dos outros agentes 58, 65, 77, 78, 83, 90, 93, 99, 100, 101; dura toda a vida 63; cuidamos do caminho espiritual das pessoas 104; direcção espiritual e confissão 112f; responsabilidade do Prior provincial 116; na formação permanente 119; crise no caminho 122; a meta 124.

Carisma da Ordem: descrição 20-49; é único 4; identificação 4; potencialmente presente na pessoa 18; vive-se em comunhão e em complementaridade com os outros carismas 19f; encontra um eco no centro do coração da pessoa chamada 20; partícipes do mesmo carisma segundo o chamamento de cada um 22; elementos 23; o apostolado, parte integrante do carisma 38, 45; enriquecer a Igreja com a sua especificidade 38; inculturá-lo 41; enriquecido por todas as culturas 41; a missão *ad gentes* revela de modo novo o coração 42; mediado aos candidatos pela comunidade 55; transmitido pelo formador 58c; expresso na colaboração 60; atentos para captar os seus sinais noutras pessoas no ministério vocacional 65; todos os carmelitas são seus mediadores e testemunhas 66; iniciação ao carisma no noviciado 81; amplo espaço para a sua apresentação durante o noviciado 88, 89; aprofundamento da sua consciência e experiência no período da pro-

fissão temporal 92, 99; sectores da evangelização mais próximos do carisma devem ser privilegiados 100d; verificação da apropriação do carisma no período da profissão temporal 100e; fonte do nosso serviço 104; primeiro encontro no noviciado 129; programa do noviciado 135.

Castidade: Jesus modelo 5, 9; expressão de uma dinâmica de libertação 16; liberta a nossa capacidade de amar 25; ver também: *conselhos evangélicos*.

Chamamento: a participar na comunhão trinitária 1; o mesmo dos irmãos 2; a uma experiência espiritual de atracção profunda e de amor por Jesus Cristo 5; dirige-se a uma pessoa com a sua história de santidade e pecado 10; dom gratuito de Deus 10, 19a; o crescimento psicológico ajuda a responder 13; a resposta ao chamamento 19, 51; Deus renova-o todos os dias 19h; o carisma e a espiritualidade encontram eco no coração da pessoa chamada 20; partícipes do mesmo carisma segundo o chamamento de cada um 22; chamados a caminhar juntos como irmãos 35; chamamento comum à santidade 36; Maria ajuda a descobrir a sua beleza 48; a história de uma vocação 50; crescimento da resposta 51; complementaridade das vocações 54; ajuda do formador 58, 73, 79 b; o ministério vocacional ajuda a descobrirlo 64; motivos de atracção que im-

pulsionam a responder 68; do pré-noviço 72, 80; chamamento para o serviço e a sua consonância com a vocação do Carmelo 105, 106; para os ministérios instituídos 112d.

Colaboração: na fraternidade 37; no curso de discernimento vocacional 54; na coordenação da formação 59; com a Família carmelita 60, 141; estruturas de colaboração a todos os níveis 60-62; do animador vocacional com os seus colaboradores 67; capacidade do pré-noviço 78; com outros Institutos durante o pré-noviciado 79h; de religiosos e leigos peritos durante o noviciado 87; com noviciados de outros Institutos 89e; formação para a colaboração 112b; iniciativas de formação conjuntas com outras províncias 121; ver também: *director espiritual, Família carmelita*.

Comissão internacional de formação: instituída pelo Prior geral com o seu conselho 60; funções 60; convocada pelo conselheiro geral ou pelo delegado para a formação 61.

Comissão provincial de formação: membros e funções 59; no pré-noviciado 75; no noviciado 85; no tempo da profissão temporal 96.

Comunidade: modelada conforme a de Jerusalém 2; elege Jesus como único Senhor 5; sinal eloquente da Igreja 7; há que aprender a assumir gradualmente funções de ser-

viço a favor dela 15; composta por pessoas diferentes 17, 37; identificação com ela 18b; a resposta ao chamamento vive-se nela 19c; sinal da Igreja que ora 32; atitudes fraternas na Regra 34; dom do Espírito 35; contacto com as outras comunidades da Província 37; sinal da presença libertadora do Senhor 40; fundada por Elias no Carmelo 43; medeia o carisma 55; ambiente de formação inicial 55; favorece a memória viva do carisma 55; lugar de formação permanente 56, 119; sua responsabilidade no ministério vocacional 66, 69a; sua responsabilidade no pré-noviciado 74; a inserção nela durante o pré-noviciado 79d, f; sua responsabilidade no noviciado 84, 88, 89; sua participação responsável e activa na vida comunitária 100g; serviços a realizar dentro dela 105; sua responsabilidade na formação para o serviço 107; a passagem da casa de formação inicial para outra comunidade 120; integração dos idosos nas comunidades 125; ver também: *fraternidade*.

Conselheiro geral da formação: funções 60, 61.

Conselhos evangélicos: Jesus, modelo 5, 9; a vida de especial consagração com os conselhos evangélicos pertence à vida e à santidade da Igreja 7; modo concreto e radical de viver o seguimento de Cristo 9, 25; servem-nos de fermento para a transformação do mundo 9;

exprimem a dinâmica de libertação da pessoa 16; um meio para crescer no amor e chegar assim à plenitude da vida em Deus 25; compreensão atualizada 28, percorrer os primeiros passos no seguimento de Cristo segundo os conselhos evangélicos no noviciado 88; aprofundamento do conhecimento e da experiência dos conselhos evangélicos no período da profissão temporária 99; programa de estudos: pré-noviciado 129, noviciado 133, período da profissão temporária 144; apêndice; ver também: *castidade, obediência, pobreza.*

Contemplação: *modela e suporta a nossa vida de oração, fraternidade e serviço 4; coração do carisma carmelita 23-28; constitui o caminho interior do carmelita 23; conduz ao serviço gratuito e desinteressado 23; desenvolve-se num processo interior 24; desenvolve-se no caminho do deserto 27, é importante incarnar um estilo de vida e uma atitude contemplativas 28; a Regra compromete-nos a realizar a nossa vocação contemplativa em conjunto com os irmãos 34; ajuda a descobrir a presença de Deus 34, 43; impulsiona para a missão 38; testemunho e convite aos homens e mulheres do nosso tempo para partilhar a nossa experiência de Deus 39; e compromisso pela justiça e pela paz 43; Elias, modelo dos contemplativos 47; o formador há-de ter um pouco de experiência prática do caminho contemplativo 57; o noviço é animado a desenvolver*

uma atitude contemplativa 81, 82; ajuda do formador no noviciado 83; no discernimento durante o noviciado 90; o seu desenvolvimento no período da profissão temporária 92, 100b; e serviço 104, 107; na idade avançada 124; programa de estudos: noviciado 135.

Conversão: *um caminho gradual e progressivo 5; para alcançar a maturidade vocacional 12; torna-nos livres para escutar e responder ao chamamento 13; a vários níveis 13; para os valores do Reino 17; para construir a fraternidade 35; há que criar um clima de conversão 45; a formação permanente é uma tarefa de conversão do coração 63; trabalho constante que durará toda a vida 88; ver também: *transformação; purificação.**

Crises: *no caminho interior 24, 122; momentos de crescimento 28, 122; purificam a resposta ao chamamento 51; no noviciado 89b; formação que ajuda a enfrentar e a superar os momentos de crise 99; procurar ajuda profissional nas crises 122; crises existenciais 122.*

Culturas diferentes: *efeitos do encontro entre culturas 3; exprimir e incarnar o carisma 4, 41; dimensão sócio-cultural da formação 17; podem enriquecer a nossa compreensão da mensagem evangélica e do nosso carisma 41; sensibilidade do formado na sua tarefa de acompanhar 58b.*

D

Delegado do Prior provincial para a formação: *membro da comissão para a formação 59; suas competências 62.*

Deserto: *Deus conduz-nos para ele 1, 27; Elias esconde-se no deserto 46; ver também crises.*

Deus: *ver: amor de Deus, imagens de Deus, Palavra de Deus, presença de Deus, Reino de Deus, união com Deus.*

Diaconado: *entre os carismas 104; formação segundo as indicações da Igreja 111; formação para a comunhão eclesial 112c; diaconado permanente 112e; ver também: *ministérios ordenados.**

Direcção espiritual: *recurso permanente 51; no caminho vocacional 68, 69c; durante o pré-noviciado 77; no noviciado 89b, no tempo da profissão temporária 98; na formação para o serviço 110, 111; no cuidado do próprio caminho espiritual durante toda a vida 119.*

Discernimento: *no processo de formação 14; na Regra 34; para reconhecer a presença do Espírito 51; vocacional 54; na vida comunitária 56; função do formador 58d; no ministério vocacional 65; no discernimento vocacional 70; contribuição do director espiritual 77; no pré-noviciado 80; no noviciado 90; em ordem à profissão solene 102; revela a vocação para o tipo de serviço*

*específico 112a; para a admissão aos serviços e aos ministérios 113; apêndice; ver também: *verificação.**

E

Educação geral: *programa de estudos: no pré-noviciado 127, no período de profissão temporária e da formação para o serviço 139.*

Elias, profeta: *conduzido para o deserto 1; modelo de acompanhamento espiritual 2; modelo de vida na presença de Deus, 3, 31; modelo no compromisso pela justiça e paz 43; funda no Carmelo uma comunidade na qual reinam a justiça e a paz 43; Elias e os carmelitas 46-47; a «fonte de Elias» 46, 47; «Pai» 47; programa de estudos, pré-noviciado 129, noviciado 137A, período da profissão temporária e da formação para o serviço 141.*

Especialização: 145.

Espírito Santo, acção e orientação: *leva-nos a escutar a Palavra de Cristo 1; mediante a sua moção, o Pai chama-nos, consagra-nos, transforma-nos e conforma-nos a Cristo 5, 9, 24, 57; alma da Igreja 7; guia para a maturidade 13; a formação há-de ajudar a dispor-se para a sua acção 16; partilha dos seus dons na fraternidade 23; deixar-se trabalhar pela sua força 23; dá-nos a força para responder ao convite radical de Cristo 26, o fruto do Espírito 26, atrai-nos para o deserto e suporta-nos no combate espiritual 27; chama-nos*

a orientar a atenção para Deus 29; a oração é obra sua 29; comunhão com Jesus e o Pai no Espírito 29; a comunidade religiosa é seu dom 35; os carmelitas seguem os caminhos traçados por ele 40; disponíveis e livres para poder ir onde sopra 45; Maria deixa-se transformar pela sua acção 49; Maria ensina-nos a docilidade ao Espírito 49; Maria, modelo da Igreja orante sempre aberta a acolher e partilhar os seus dons 49; a sua acção suscita o desejo da resposta ao chamamento e orienta o seu crescimento 51; a pessoa chamada confia-se à sua acção 51; discernimento espiritual para reconhecer a presença do Espírito 51; os seus dons são invocados no rito da profissão religiosa 52; Maria está associada à sua acção misteriosa de gerar e formar Cristo nos crentes 53; mediante o Espírito, o Pai modela nos corações das pessoas consagradas os sentimentos do Filho 57; deu à Igreja o carisma carmelita 65; gradual iniciação do noviço à vida do Espírito 81; qualidade fundamental do noviço e a docilidade ao Espírito 82; o formador acompanha o noviço a discernir os sinais da sua acção na sua vida 83; sua orientação no caminho de transformação interior 93; diversidade de carismas mas um só Espírito 104; estar atentos às suas sugestões 114; fidelidade ao que nos diz nos acontecimentos da vida e do mundo 114.

Eucaristia: fonte e cume da vida da Igreja 32, 112f; colocada no

centro da vida comunitária e pessoal 32, 112d, f; dela brota a força que permite continuar o caminho 32, 35; nela o Senhor nos une ao seu oferecimento ao Pai 32, 122f; impulsiona-nos ao acolhimento e ao serviço dos outros 32, 35, 112d; fonte e ápice da relação com Cristo 33; é importante garantir a sua celebração comunitária 33; na Regra 34; cria e exprime a fraternidade 35; a sua celebração comunitária favorece o conhecimento recíproco 55; no exercício do acolhido 112d; na formação para o presbiterado 112f.

Exercícios espirituais: como ocasião de formação permanente 56; úteis para criar o clima adequado de avaliação do chamamento no pré-noviciado 80; no noviciado 89b; anuais: no período da profissão temporária 100b, durante toda a vida 119; no mês de preparação imediata para a profissão solene 144.

Experiências internacionais: programa de estudos: período da profissão temporária e da formação para o serviço 142.

Experiências práticas: dos noviços 89a; necessárias para o caminho de formação 92; programa de estudos: pré-noviciado 130; período da profissão temporária e da formação para o serviço 143.

F

Família carmelita: resposta ao chamamento vive-se em comu-

nhão e complementaridade com ela 19f; colaboração na formação 60; cursos de formação permanente abertos a toda a Família carmelita 60; proposta a realizar no ministério vocacional 69e; programa de estudos: noviciado 136, período da profissão temporária e da formação para o serviço 141.

Fases do processo de formação: 63-124; introdução 63-64; o ministério vocacional 65-70; o pré-noviciado 71-80; o noviciado 81-91; o período da profissão temporária 92-103; a formação para o serviço 104-113; a formação permanente 114-124.

Formação carmelita (em geral): princípios e critérios 19, ver também: *carisma da Ordem*.

Formação cultural, técnica, prática e teológica: tem de ser adequada para o desenvolvimento integral da pessoa 45; no período da profissão temporal 92; responsabilidade do formador no período da profissão temporária 94; responsabilidade do formador na formação para o serviço 108; programa de estudos: pré-noviciado 126, 127, 128, 130, noviciado 131, 132, 133, período da formação temporária e da formação para o serviço 139, 140, 143.

Formação para a contemplação: 28; programa de estudos: pré-noviciado (dinâmica do crescimento humano e espiritual) 126, noviciado 135^A.

Formação para a fraternidade: 37; programa de estudos: pré-noviciado 126, noviciado 135C.

Formação para a oração: 33; programa de estudos: pré-noviciado 128, noviciado 132, 135B.

Formação para o serviço: 45; objectivo e descrição 104; natureza e finalidade 105; o candidato 106; a comunidade 107; o formador 108; o Prior provincial 109; admissão ao caminho de formação em ordem aos ministérios 109; outros agentes 110; a preparação 111; metodologia, meios e instrumentos 112; vocação para um serviço específico 112a; experiência prática 112b; programa de estudos: pré-noviciado 126, 127, 130, noviciado 135D, 136, período da profissão temporária 139-143.

Formação permanente: horizonte em que se colocam as fases iniciais do processo de formação 63; o mestre de noviços 89f; natureza e finalidade 114; cada carmelita é responsável, em primeira pessoa, pela sua própria formação 115; responsabilidade do Prior provincial 116, responsabilidade do Prior local 117; um processo que requer um compromisso contínuo e quotidiano 118; metodologia, meios, instrumentos 119; a passagem da formação inicial para uma comunidade 120; actualização e retoma 121; momentos de crise 122; o assumir de novas funções 123; a idade avan-

çada 124.

Formador: figura e função 57; tarefa e requisitos 57-58; colaboração e coordenação da formação 59; o seu assistente ou equipa 59; membro da comissão para a formação 59; reunião de todos os formadores da Ordem 61; no pré-noviciado: figura e função 73; colaboração com a comissão de formação 75, eleição do director espiritual 77, conversas com os pré-noviços 79b, discernimento 80; no noviciado: diálogo com os noviços 82, figura e função 83, colaboração com a comissão de formação 85, diálogo com o provincial 86, eleição do director espiritual 87, conversas com os noviços 89b, discernimento e passos a dar 90-91; no período da profissão temporária: figura e função 94, informa a comunidade 95, colaboração com a comissão de formação 96, informa o provincial 97, pode ser ajudado por peritos 98, na eleição do director espiritual 98, conversas com os professores 100e, avaliações periódicas e final 101, discernimento em ordem à profissão solene 102; na formação para o serviço: figura e função 108, na eleição do director espiritual 110, discernimento 113.

Fraternidade: a caminho com os irmãos 2, 3; Cristo orienta-nos para a comunhão consigo e com os irmãos 5, 6; encontramos Cristo nos irmãos 6; elemento do carisma 23; banco de ensaio da autenticidade da transfor-

mação 23; função da castidade 25; formada pela presença libertadora de Deus 24; função do silêncio e da solidão 30; função da Eucaristia 32, 35; descrição geral 34-37; na Regra 34; tensão entre projecto comum e caminho pessoal 35; requer uma contínua conversão 35; profetas de fraternidade 36, partilhar 36; formação para a fraternidade 37, irmãs no meio do povo 40; irmãos na missão 41; a experiência da fraternidade durante o pré-noviciado 79e; no noviciado 89b, aprofundamento do conhecimento e da experiência da fraternidade no período de profissão temporal 92, 99, 100c; evitar a divisão entre serviço e fraternidade 105; determina tempos, modos e intensidade do nosso serviço 107; programa de estudos: noviciado 135C; ver também: *comunidade*.

Fundamentos antropológicos da vida espiritual e comunitária: programa de estudos: pré-noviciado 126, noviciado 131.

Fundamentos de vida cristã: programa de estudos: pré-noviciado 128, noviciado 132.

H

História do Carmelo: entrar na experiência carmelita significa inserir-se nela 21; identificação com ela 37; relação com Maria ao longo da história da Ordem 48; apresentação durante o noviciado 88; programa de estudos: pré-no-

viciado 129; noviciado 136; período da profissão temporária e da formação para o serviço 141.

I

Idade: diferente na comunidade 17, 37; dos candidatos ao pré-noviciado 78; importante a ter em conta na formação para o serviço 105; passagem da comunidade de formação para outra comunidade 120; a idade avançada 124.

Igreja: a caminho com e nela 2; para ela convocados 7; a comunidade religiosa é sinal eloquente dela 7; a nossa vocação participa do seu ministério 7; realizar a missão em união com ela 8; há que aprender a assumir funções de serviço 15; proveniência de um determinado ambiente eclesial 17; a nossa vocação implica um vínculo novo e mais profundo com ela 19b; o carisma carmelita vive-se em união e complementaridade com os outros carismas seus 19f, 54; inserir-se numa longa história eclesial 21, unidos à Igreja mediante a celebração da Liturgia 32; a Eucaristia é cume e fonte da sua vida 32, 112f; junto com a Igreja ao serviço do Reino 38; inserção na Igreja local 38; é missionária 42; desenvolver uma sensibilidade eclesial 45, 78, 112c,d; Maria é sinal do que desejamos ser na Igreja 49; ambiente da vocação religiosa 52; estreita relação entre vida consagrada e a Igreja 52, 112a; o formador avalia o candidato em seu nome 58d; partilhar

o dom feito a ela por meio do Carmelo 65; a inserção na vida eclesial ajuda no caminho vocacional 68; o pré-noviço há-de mostrar sensibilidade eclesial 70; o pré-noviço faz experiências de serviço de carácter eclesial 79f; participação no seu caminho de santidade e purificação 93; os professores simples fazem parte viva da comunidade eclesial 98; quem é chamado e aceite pela Igreja recebe os ministérios ordenados 104; ter em conta as suas indicações para os ministérios 111; responder às expectativas da Igreja de um modo sempre novo 114; responsabilidade de se actualizar, pelo seu bem 115; estar a par de quanto nela acontece 119b; programa de estudos: pré-noviciado 128, noviciado 132, 133, 135, especialização 145; apêndice.

J

Jesus Cristo, conformação a: o homem novo à imagem de Cristo 1; conformados a Cristo pelo Espírito 5; ponto central da nossa formação 6; assumir os traços espirituais de Cristo e revestir-se da sua personalidade 6; mediante os conselhos evangélicos 9, 26; conformados a Deus 25; melhorar a preparação para o serviço 112; a meta final 124.

Jesus Cristo, seguimento de: obséquio de Jesus Cristo 4; o compromisso de O seguir e a relação com ele 6; na Igreja 7; segui-Lo na fraternidade para a missão 8; realizado e expresso

mediante os conselhos evangélicos 9; primeiros passos durante o noviciado 88; o professo simples aprofunda a sua experiência de seguimento de Cristo 93.

Justiça e paz: construtores de um mundo novo 17; viver no meio do povo é profecia de justiça e paz 40; profetas da justiça e paz 43; justiça e paz e o nosso carisma contemplativo 43; urgência e desafio 43; o nosso estilo fraterno, fundado em relações justas e pacíficas segundo o projecto da Regra 43; sensibilidade para com os pobres, os doentes, os marginalizados, os últimos, a salvaguarda da criação 45; experiências mais específicas no período da profissão temporal 100d.

L

Lectio Divina: forma de oração 32; há-de cultivar-se 33; inspiração para uma presença viva e profética 36; no noviciado 89b; ver também *Palavra de Deus*.

Leitorado: não-de ter-se em conta as indicações da Igreja universal 111; função pedagógica 112d; pode ser conferido a frades que não são chamados ao presbiterado ou ao diaconado permanente 112d.

Liberdade: a conversão é um caminho para a liberdade 13; formação para a liberdade 16; a escuta da vontade de Deus, caminho para chegar à liberdade 22; a his-

tória vocacional como intercâmbio entre duas liberdades 56; espaços e liberdade de acção para as novas gerações 124.

Liturgia: fonte de crescimento espiritual 32; oração em comum 32; na Regra 34; sensibilidade litúrgica na renovação mario-lógica 44; participação do pré-noviço 79c; no noviciado 89b; no período da profissão temporária 92, 100b; na formação para o serviço 112e; programa de estudos: pré-noviciado 128, noviciado 132, 135B; período da profissão temporária e da formação para o serviço 141; especialização 145.

M

Maria: Irmã, Mãe e Mestra, acompanha-nos e guia-nos no caminho espiritual 2, 48, 49, 53; peregrina na fé 2, 49; modelo de compromisso pela justiça e paz 43; redescoberta da tradição mariana da Ordem 44; modelo de discipulado 44, 49, 53, 82; os carmelitas não providenciar uma autêntica renovação mariana 44; Mãe-Patrona, mística estrela do Monte Carmelo 48; viveu a plena união com Deus em Cristo 48; ajuda a descobrir a beleza do chamamento 48; transformada pela acção do Espírito Santo 49; sinal do que desejamos ser na Igreja 49; modelo da Igreja 49; os carmelitas vivem uma relação íntima e familiar com Maria 49; a sua função na

formação 53; gera e forma Cristo nos crentes 53; o escapulário indica que Maria quer revestir-nos de Cristo 53; modelo de discipulado para o noviço 82; programa de estudos: pré-noviciado 129; noviciado 137B; período da profissão temporária e da formação para o serviço 141.

Maturidade/maturação: integral 12; acontece sob a orientação do Espírito num processo de conversão 13; processo nunca concluído 14; a maturidade em Cristo, objectivo da formação 19d, 63, 114, 121; crise de maturidade 24; a comunidade, ambiente onde a pessoa amadurece 56; requisito do formador 57; o ministério vocacional acompanha no caminho de maturação espiritual 65, 68; no discernimento vocacional 70; do pré-noviço para viver a vida carmelita 73; o seu crescimento no noviciado 81; no discernimento para a profissão temporária 90; ajuda de um psicólogo 98; a inserção numa comunidade ajudará a crescer 100c,e; a ajuda do director espiritual 110; função dos professores de teologia 110; apêndice.

Mestre de noviços: ver: *formador*, no noviciado.

Metodologia: ministério vocacional 69; pré-noviciado 79; noviciado 89; fase da profissão temporária 100; formação para o serviço 112; formação permanente 119.

Ministério vocacional: inseri-

do nas fases de formação 64; descrição geral 65-70; natureza e finalidade 65; responsáveis 66-67; estrutura e conteúdos 68-69; metodologia, meios e instrumentos 69; discernimento 70.

Ministérios instituídos: admissão 109; formação específica e indicações da Igreja 111, 140; função pedagógica em ordem aos ministérios ordenados 112cd; possibilidade de os conferir a todos os frades que são chamados; ver também: *acolitado*, *leitorado*.

Ministérios ordenados: requer-se uma adequada preparação filosófica e teológica 100f, 109; responsabilidade do Prior provincial 109; formação específica e indicações da Igreja 111; função pedagógica dos ministérios instituídos em ordem aos ministérios ordenados 112d.

Missão: dos carmelitas 2, 38-44, 104; de evangelização 8; aprende-se no âmbito da comunidade 37; na Igreja partícipes da missão de Cristo 38; abertura missionária 41; ad gentes 42; missionologia 145; discernimento da própria missão 98.

Mundo: colaborar com Deus na sua transformação 1, 9; na Igreja pelos seus caminhos 2; em contínuo desenvolvimento 3; construtores de um mundo novo 17; vê-lo com os olhos de Deus 24; a vida fraterna carmelita é anúncio ao mundo 36; presença

profética no mundo 36; missão ad gentes 42, 141; presença do Espírito 51; testemunhas coerentes da presença de Deus no mundo 88.

N

Noviciado: estudos necessários para a admissão 79g; admissão 80; descrição geral 81-91; natureza e finalidade 81; o noviço 82; o mestre de noviços 83; a comunidade 84; a comissão para a formação 85; o Prior provincial e o seu conselho 86; outros agentes 87; o caminho de formação 88; validade 88; metodologia, meios e instrumentos 89; discernimento 90; programa de estudos 131-138.

O

Obediência: Jesus, modelo 5, 9; exprime a dinâmica de libertação 165; permite-nos alcançar a verdadeira liberdade 25; por mandato de Cristo: “Ide e ensinai...” 42; ver também: *Conselhos evangélicos*.

Ordem carmelita: unidade na diversidade 4; crescer no amor 16; identificação com ela 18b, 37, 58c, 90; a resposta ao chamamento vive-se em comunhão e complementaridade com ela 19e; o seu carisma e a sua espiritualidade encontram eco no centro do coração da pessoa chamada 20; partícipes de uma longa história 21; enriquecer, desenvolver e rejuvenescer a Ordem 21; requer-se no formador um profun-

do conhecimento e uma forte identificação com ela 58c; o formador avalia o candidato em seu nome 58d; incardinação 60; responsabilidade na formação 60; competência do Prior geral 61; reunião de todos os formadores 61; a vida nela começa com o noviciado 81; diálogo entre o noviço e a Ordem 89b; inserção nela com a profissão temporária 92; discernimento em ordem à profissão solene 103; formação permanente 119; programa de estudos: pré-noviciado 128, noviciado 134-138, período da profissão temporal e da formação para o serviço 141.

P

Palavra de Deus: a comunidade centra-se nela 2; tudo provenha e se faça nela 6; o confronto com ela ajuda o caminho de transformação 9, 28; escuta e acolhimento 29, 31, 34; há que saber fazer silêncio para a entender 30; inspiração para uma presença viva e profética 36; iluminados por ela no silêncio leiam-se os sinais dos tempos 45; Elias, sempre disposto a segui-la 46; Maria escuta-a e põe-na em prática 49; o formador deixa-se iluminar por ela 58^a; no leitorado 112d; ver também: *Lectio Divina*.

Período da profissão temporal: descrição geral 92-103; natureza e finalidade 92; o professor simples 93; o formador 94; a co-

munidade 95; a comissão para a formação 96; o Prior provincial e o seu conselho 97; outros agentes 98; o caminho de formação 99; metodologia, meios e instrumentos 100; avaliações periódicas e final 101; admissão à profissão solene 102; permite-se a renovação até seis anos 102; programa de estudos 139-144.

Pessoa humana: história de santidade e de pecado 10; dimensões 10, 30; conhecimento de si próprio 11; no processo de formação 14, 15; adapta-se a Deus 30; a formação deve ser adequada para o seu desenvolvimento integral 45.

Pobreza: na construção de uma comunidade modelada conforme a de Jerusalém 2; moldada pela atitude contemplativa 4; encontro com Cristo 6; elemento do carisma 23; nela nos abrimos à acção de Deus 23; ajuda o caminho espiritual 28; descrição geral 29-33; identifica-se frequentemente com a contemplação 29; porta da contemplação 29; obra do Espírito em nós 29; inserção na oração de Jesus 29; silêncio e solidão como condições 30; diálogo pessoal com Deus 31; várias formas de rezar 31, 33; Maria como modelo 31, 49; Elias como modelo 31, 46, 47; oração litúrgica e comunitária 32, 36, 37, 55; formação para a oração 33; tempos e espaços no projecto comunitário 33; participação activa e criativa na comu-

nidade 37; para o candidato por parte da família ou uma associação de leigos 54; a oração comunitária, meio de conhecimento recíproco e de formação 55; ilumina o discernimento do formador 58a; no pré-noviciado 79c; no noviciado 82, 89; no período de profissão temporária 92; no caminho espiritual de cada um durante toda a vida 119; programa de estudos: noviciado 135B; ver também: *Lectio Divina*.

Pré-noviciado: descrição geral 71-80; natureza e finalidade 71; o pré-noviço 72; o formador 73; a comunidade 74; a comissão para a formação 75; o Prior provincial 76; outros agentes 77; estrutura e conteúdos 78; metodologia, meios e instrumentos 79; discernimento 80; programa de estudos 126-130.

Presbiterado: admissão 104; estudos e preparação 111; sentido eclesial 112c; ver também: *ministérios ordenados*.

Presença de Deus: ajudamos os nossos contemporâneos a descobri-la 2; descobrir os sinais ocultos 3; presença amorosa na contemplação 23; o processo interior faz adquirir uma atitude aberta a ela 24; no deserto 27; no silêncio 30; aprendemos de Elias a estar na presença de Deus 31, 46; exercício da (como método de oração) 33, 153B; na fraternidade 34, 40; na criação e na história 43; Maria reconhece-a na sua vida quotidiana 49.

Prior geral com o seu conse-

Iho: responsabilidade na formação 60; funções 61; o seu delegado 61.

Prior local: guardião e garantia do projecto comum representado pela Regra 34, responsabilidade para a formação permanente 117.

Prior provincial: participa na comissão de formação 59; responsabilidade e funções 62; há-de assegurar que as vocações sejam uma prioridade no projecto da província 66; admite ao pré-noviciado 76; pode despedir do pré-noviciado 80; corresponsabilidade na fase do noviciado 86; admissão à profissão temporária 91, admissão à profissão solene 96, 101; responsabilidade na formação para o serviço 109; admissão aos serviços e aos ministérios 113; responsabilidade para a formação permanente 116.

Profissão religiosa: fundamento de igualdade entre os frades 22; invocação do Espírito no rito 52; associação à oblação de Cristo 52; ratificação eclesial da opção 52; incardinação na Ordem 60; ver também: *Conselhos evangélicos*.

Profissão solene: admissão 95, 96, 97, 101; requisitos para a validade 99; discernimento 102; preparação imediata 103, 144; alguns anos depois 121.

Profissão temporária: objectivo do noviciado 81; verificação em ordem a ela 90; admissão 91; inserção na Ordem 92; renovação 101.

Profecia: ser voz profética 17,

profetas de fraternidade 36, 40; inspiração a partir da escuta orante da Palavra 36; profetas de justiça e paz 43.

Programa provincial de formação: aplica os princípios da RIVC 59; aprovado pelo Prior provincial com o seu conselho 59; adapta o programa de estudos 89c; determina os passos no fim do noviciado 91; para a formação permanente 116.

Purificação: no caminho interior 24; no caminho ascético 26; Maria, modelo 49; as crises da vida purificam-nos 51; das motivações no noviciado 81; participação na purificação da Igreja 93; da própria imagem de Deus 100e; programa de estudos: noviciado 135A.

R

Ratio Institutionis Vitae Carmelitanae (RIVC): aplicação no programa provincial 59; revisão periódica 60, 61; aprovação 61; programa de estudos: pré-noviciado 129; noviciado 134; período da profissão temporária e da formação para o serviço 141.

Regra: convida ao caminho espiritual 2, convida-nos à solidão 30, escuta orante 31; fraternidade 34; projecto comum 34; itinerância aludida pela Regra 40, relações justas e pacíficas segundo o seu projecto 43; caminhos indicados pelo «mapa» da Regra 47; programa de estudos: no noviciado 134;

no período da profissão temporária e da formação para o serviço 141.

Reino de Deus: colaborar com Deus na transformação do mundo 1; conversão aos seus valores 17; conformar-se com Cristo para a sua construção 25; proclamar a Boa Nova do Reino 38; junto com a Igreja, ao seu serviço 38; colaborar com outros no serviço do Reino 45; cada irmão tem o seu lugar e função específica para contribuir para a sua difusão 104.

S

Santos, místicos e figuras emergentes: Elias protótipo dos místicos 47; experimentaram e descreveram a influência de Maria na sua vida espiritual 53; programa de estudos: noviciado 138; período da profissão temporária e da formação para o serviço 141.

Serviço no meio do povo: segundo o modelo da comunidade de Jerusalém 2; moldado e sustentado pela atitude contemplativa 4, comprometer-se num processo contínuo de conversão a ele 12; a contemplação unifica-o aos outros elementos do carisma 23; o processo de transformação torna mais disponíveis para o serviço 23; gratuito e desinteressado 23, a experiência libertadora de Deus no deserto impulsiona para o serviço 23; aprendemo-lo na comunidade 45; Maria, modelo 49; durante o pré-noviciado 79f; aprofunda-

mento do conhecimento e da experiência do serviço no período da profissão temporária 92, 99, 100; faz parte integrante do carisma 104; programa de estudos: noviciado 135B, período da profissão temporária e da formação para o serviço 144.

Solidão: compromisso ascético 27; «esconderijo solitário» 30; não é isolamento 30; cheia de Presença 30; o nosso caminho não é solitário 114.

T

Transformação: cume do monte Carmelo, lugar da transformação em Deus 1; realiza-a em nós o Espírito Santo 5, 9, 24; no encontro com Cristo 6; mediante os conselhos evangélicos, somos transformados gradualmente em Cristo 9, 25; a ajuda da formação para a transformação 12; mediante a conversão 13; há que se deixar transformar pelo amor de Cristo num processo que durará toda a vida 14, a vocação religiosa requer um abandono à acção transformante de Deus 19c; a contemplação, experiência transformante do amor de Deus 23; a fraternidade é banco de ensaio da sua autenticidade 23; a transformação, um caminho interior 24; exige um caminho ascético 26; acontece no deserto 27; imagens de transformação amadas pela nossa tradição 27; função do discernimento 28; na

oração abrimo-nos à acção transformante de Deus 29; na solidão 30; dos indivíduos em irmãs na Eucaristia 35; para ver o mundo com os olhos de Deus 43; Maria, a mulher nova que se deixa transformar pelo Espírito Santo 49; nas fases do processo de formação 63; o noviço encaminha-se, decidido, no processo de transformação 82; o mestre de noviços acompanha no caminho de transformação 83; encarnação dos valores para permitir que Deus realize a nossa transformação 88; a formação permanente, um processo contínuo de transformação em Cristo 114; há que se deixar transformar ulteriormente, até à plena maturidade em Cristo 121; a união transformante com Deus meta da vida 124.

U

União com Deus: chamados a participar na comunhão trinitária 1; alcança-se deixando-se conformar a Cristo pelo Espírito 5, 13; Deus une-nos a Ele no mais íntimo do nosso ser, onde Ele mora 24; no processo de união com Cristo, revestimo-nos d'Ele 26; na oração, Jesus une-nos consigo ao Pai 29; a fraternidade carmelita anuncia ao mundo o chamamento comum à plena comunhão com Deus 36; vivida por Maria 48; o trabalho permanente de conversão que os noviços hão-de ter como meta 88; meta da vida

alcançada na morte 125; ver também: *transformação*.

V

Verificação: do crescimento na liberdade 16; do projecto comunitário 35; do projecto vocacional da Província 66; no caminho vocacional 68; implicação do pré-noviço 80; das motivações e das perspectivas do noviço 81; da capacidade do noviço de viver os conselhos evangélicos 88; em ordem à admissão à profissão temporária 90; responsabilidade do Prior provincial 97; das experiências específicas de apostolado 100d; do caminho de aprofundamento da vida religiosa segundo o carisma carmelita 100e; periódicas e final do período da profissão temporal 101; na preparação para a profissão solene 103; do trabalho desenvolvido, há-de fazer-se em conjunto com a comunidade 107; ver também: *discernimento*.

Vocação para a vida carmelita: convocados à Igreja 7, dom de Deus, 8, 50, 51, 65; há-de considerar-se potencialmente presente na pessoa chamada 18; concretiza e desenvolve a vocação baptismal 19b; requer um compromisso pessoal total 19c; vocação comum 22, 35; Deus e a pessoa chamada, protagonistas da história vocacional 50, 51; renovada todos os dias 50; requer uma resposta 50, 51; a Igreja como

ambiente 52; nasce frequentemente no seio de uma família ou de uma associação de leigos 54; o ministério vocacional 65-70; o caminho vocacional 68; discernimento vocacional 70; consciência inicial e confronto com a vida carmelita no pré-noviçado 71; o pré-noviço há-de segui-la livre e responsavelmente 72; no discernimento do pré-noviço 80; a clarificar no noviciado 81, 83, 89b; resposta quotidiana 93; ajuda do formador no período da profissão temporal 94; chamamento pessoal para o serviço 105; clarificação da própria vocação para o serviço 106; integração do serviço na única vocação carmelita 108; a vocação carmelita é já preparação para o serviço 111; releitura da própria história vocacional no mês de preparação imediata para a profissão solene 144; ver também: *chamamento*.

Votos: ver: *conselhos evangélicos*.

ÍNDICE

CARTA DO PRIOR GERAL	5
APRESENTAÇÃO	7
ABREVIATURAS	12
INTRODUÇÃO	15

I PARTE O PROCESSO DE FORMAÇÃO

1. CHAMADOS AO SEGUIMENTO DE CRISTO	
«IN OBSEQUIO JESU CHRISTI VIVERE»	19
A. O amor de Deus chama-nos	19
B. Pôr-se a caminho para responder	23
C. O caminho da formação	26
D. «este caminho é santo e bom; caminha por ele	29
2. CHAMADOS À VIDA CARMELITA	
FRATERNIDADE CONTEMPLATIVA NO MEIO DO POVO	31
A. Acolher o manto de Elias	31
B. Contemplação: coração do carisma carmelita	32
C. Oração: a experiência de Deus que transforma	38
D. Fraternidade: partilhar a experiência de Deus	43
E. Serviço no meio do povo: a experiência de Deus envia para a missão	47
F. Elias e Maria	54
3. ACTORES E MEDIADORES DA FORMAÇÃO	
DÓCEIS À ACÇÃO DO ESPÍRITO	58
A. Os protagonistas: Deus e a pessoa chamada	58
B. Algumas mediações importantes	60
C. A responsabilidade dos superiores maiores e as estruturas de colaboração	67

II PARTE AS FASES DO PROCESSO DE FORMAÇÃO

1. O MINISTÉRIO VOCACIONAL	
AJUDAR A ENCONTRAR O PRÓPRIO CAMINHO	72
A. Objectivos e descrição	72
B. Responsáveis	72
C. Estrutura e conteúdos	74
D. Critérios de discernimento	76
2. O PRÉ-NOVICIADO	
PREPARAR-SE PARA A VIAGEM	77
A. Objectivos e descrição	77
B. Responsáveis	77
C. Estrutura e conteúdos	80
D. Critérios de discernimento	82
3. O NOVICIADO	
PÔR-SE A CAMINHO	
A. Objectivos e descrição	84
B. Responsáveis	84
C. Estrutura e conteúdos	85
D. Critérios de discernimento	88
	91
4. O PERÍODO DA PROFISSÃO TEMPORAL	
A CAMINHO	
A. Objectivos e descrição	93
B. Responsáveis	93
C. Estrutura e conteúdos	94
D. Critérios de discernimento	97
	99
5. FORMAÇÃO PARA O SERVIÇO	
A CAMINHO PARA OS OUTROS	102
A. Objectivos e descrição	102

B. Responsáveis	104
C. Estrutura e conteúdos	107
D. Critérios de discernimento	110
6. FORMAÇÃO PERMANENTE	
<i>SEMPRE A CAMINHO</i>	
A. Objectivo e descrição	111
B. Responsáveis	111
C. Estruturas e conteúdos	112
D. Momentos especiais	113
	115
III PARTE	
PROGRAMA DE ESTUDOS CARMELITAS	
A. Pré-noviciado	119
B. Noviciado	121
C. Período da formação temporal e da formação para o serviço	126
D. Especialização	128
APÊNDICE	130
ÍNDICE ANALÍTICO	133
ÍNDICE	150